BIZZ

EXEMPLAR DE ASSINANTE
VENDA PROIBIDA

5 ANOS

EDITORA AZUL

JIMI HENDRIX
vinte anos depois de sua morte, mais vivo que nunca

MADONNA & GAULTIER
uma aula de moda & estilo + a dieta da "Material Girl"

SOUL II SOUL
capitalismo negro para dançar

DAVE STEWART
"É o fim dos Eurythmics"

AO VIVO
"The Wall" em Berlim
Legião Urbana no Rio

DAVID BOWIE
NO BRASIL!
ENTREVISTÃO ESPECIAL

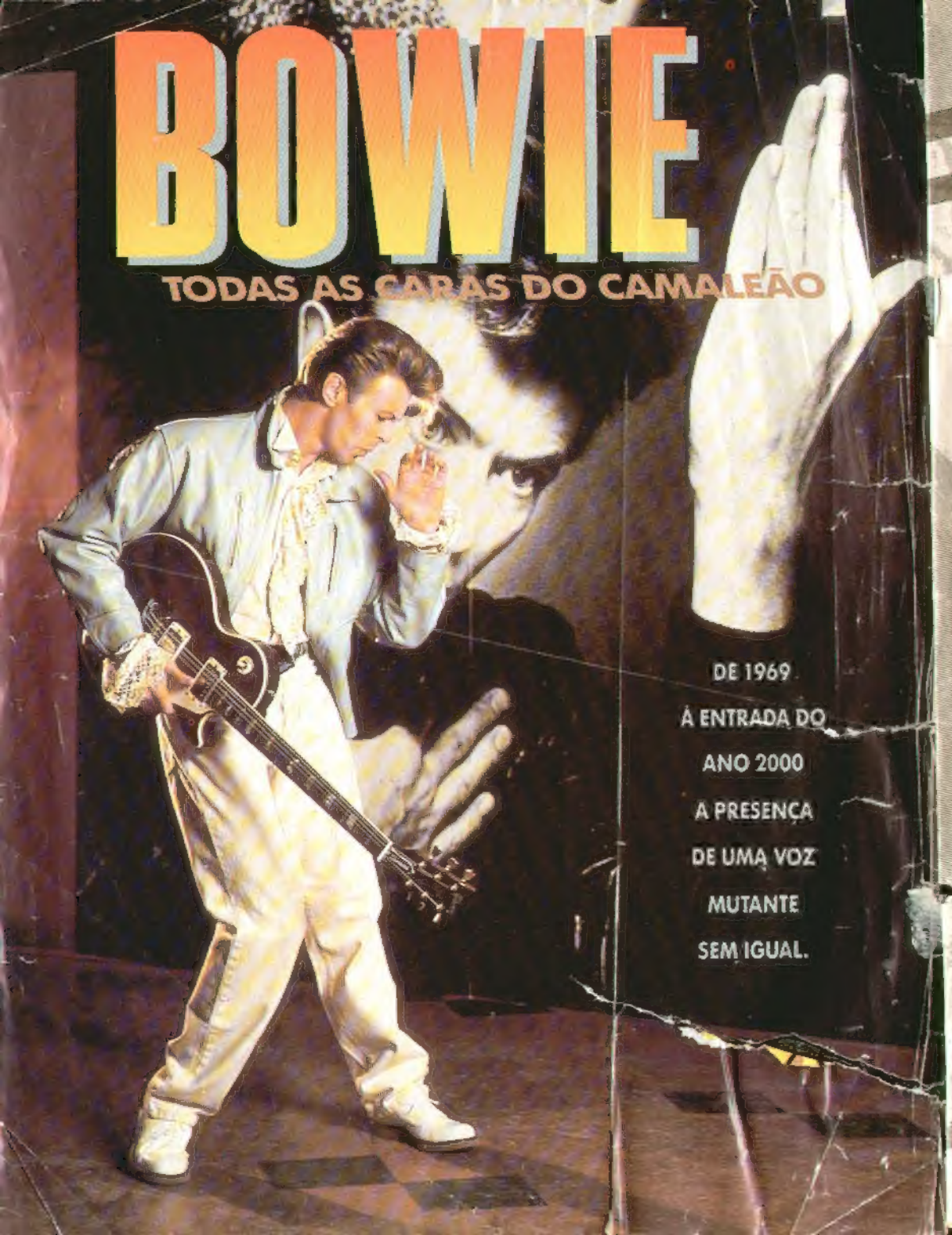
ROXETTE

rei e rainha do pop sueco

ANDRÉ CHRISTOVAM ★ CHRISTIANS ★ 808 STATE ★ GAL ★ JESUS & MARY CHAIN ★ CRUZADAS BIZZ !!!

BOWIE

TODAS AS CARAS DO CAMALEÃO



DE 1969
À ENTRADA DO
ANO 2000
A PRESENÇA
DE UMA VOZ
MUTANTE
SEM IGUAL.

APÓS MUITOS ANOS DE ESPERA
TODA A DISCOGRAFIA DE DAVID BOWIE
ESTARÁ À SUA DISPOSIÇÃO
EM LP E CASSETE

NUNKY DORY
Contém músicas inéditas

THE RISE AND FALL OF
ZIGGY STARDUST AND THE
SPIDERS FROM MARS ✱
Contém músicas inéditas

CHANGESBOWIE ✱
Álbum Duplo

SPACE ODDITY
Contém músicas inéditas

ALADDIN SANE

THE MAN WHO SOLD THE WORLD
Contém músicas inéditas

NEVER LET ME DOWN ✱

LET'S DANCE ✱

TONIGHT ✱

AGUARDE PARA BREVE:

PIN UPS
LANÇAMENTO EM
SETEMBRO

&

DAVID LIVE
LANÇAMENTO EM
OUTUBRO

&

DIAMOND DOGS
LANÇAMENTO EM
OUTUBRO

✱ À DISPOSIÇÃO EM COMPACT DISC

EMI

Quem espera (quase) sempre alcança: esta semana aterrissa no Brasil **David Bowie**, para mostrar sua turnê-retrospectiva *Sound + Vision* em São Paulo e Rio. Claro que a gente não ia perder uma boca dessas: agitamos um entrevistão fantástico com o "pai de todos", e ainda de quebra adiantamos para você o roteiro do show. Nada mau, certo? Confira na página 48.

Uma efeméride que não podia passar em branco são os vinte anos da morte de **Jimi Hendrix**, no dia 18. Era a desculpa que precisávamos para fazer uma matéria histórica sobre Jimi. A primeira parte está na página 40; a segunda, uma entrevista inédita com o herói da guitarra, sai no mês que vem. Papeamos também com um digno descendente de Hendrix, se não no estilo, pelo menos na criatividade e no feeling: Jazzie B, o cérebro do **Soul II Soul**, te espera na página 68. E quem disse que alguém aqui tem preconceito contra pop de FM? O Roxette prova que não, na página 60.

Gamma

Mas a grande novidade desta edição é a estréia do caderno Estilo BIZZ, que recupera uma seção antiga da revista, *Estilo Rock*. Todo mês, vamos dedicar seis páginas à crucial conexão entre moda e música pop. Na estréia, mostramos os figurinos criados pelo *enfant terrible* Jean-Paul Gaultier para a *Blond Ambition Tour*.

Madonna também dá dicas de como conseguir aquele corpinho no *Fast Forward*, que traz ainda uma *Cabra-Cega* com o Jesus & Mary Chain e um guia da Ambient House, um mix de dance music com new age. No *Ao Vivo*, direto de Berlim, a cobertura completa de *The Wall*. E no *Showbizz*, tudo sobre a ressurreição do Velvet Underground.

EMI-Odeon

Ah, e obrigado pela força: graças a vocês, nossa edição de julho esgotou completamente. Agradecemos a preferência... Beijos e até a primeira semana de outubro.

ÍNDICE BIZZ

8 **SHOWBIZZ**
Cure, George Michael, Sisters Of Mercy

14 **FAST FORWARD**
O fim dos Eurythmics, André Christovam

27 **ESTILO BIZZ**
A ousadia de Gaultier e Madonna

74 **DANCE MUSIC**
Chaka Khan, James Brown, Coldcut

76 **CONEXÃO BRASIL**
Rock uruguaio, tecno carioca e mais

78 **AO VIVO**
Jesus & Mary Chain, Legião, Gal

85 **JUKEBOX**
A princesa pop Jackie DeShannon

87 **DISCOS**
Otis Redding, New Order, Treponem Pal

98 **LETRAS**
"Hey", Pixies

100 **PARADA**
Sinéad, Skid Row e o que toca no mundo

102 **CARTAS**
Russo e McCartney causam polêmica

104 **DISCOTECA BÁSICA**
Samba Esquema Novo, Jorge Ben

106 **HÁ 5 ANOS**
Não se faz mais rock como antigamente

DUAS SEMANAS DE BARBA SEM ENCHER O TANQUE.

Você está vendo a nova máquina de fazer a barba. Dispensa o uso de fios e suas baterias recarregáveis garantem até 2 semanas de barbear com apenas uma recarga. Tem duas cabeças com lâminas flutuantes e auto-afiáveis. Agora é assim: você escolhe onde e quando fazer a barba. Rapidinho.

NOVO PHILISHAVE TRACER RECHARGEABLE.

MUITO MAIS QUILOMETRAGEM POR RECARGA.

PHILIPS

PHILIPS

BARNEY SUMNER E JOHNNY MARR

CONCERTO ELECTRÔNICO

O supergrupo para acabar com todos os supergrupos estreou ao vivo em agosto. É o Electronic, parceria de Bernard Sumner, Johnny Marr e os Pet Shop Boys. A banda abriu para o Depeche Mode em dois shows no Dodger Stadium, em Los Angeles, nos dias 4 e 5 de agosto. Segundo o *New Musical Express*, as entradas esgotaram em questão de horas.

ESPANCANDO O JUDAS

Esses americanos são uns neuróticos. Primeiro, uma corte julgou "obsceno" o LP *As Nasty As They Wanna Be*, porno-rap do 2 Live Crew, abrindo precedente na jurisprudência dos EUA e apavorando os poucos que se preocupam com futilidades como liberdade de expressão e quetais.

Agora é o tradicional grupo *banger* **Judas Priest** que está sob fogo cerrado. Eles e sua gravadora, a CBS, estão sendo processados pelas famílias de Jay Vance e Ray Belknap, dois adolescentes que no dia 23 de dezembro de 85 tentaram se matar com uma calibre doze. Belknap morreu e Vance sobreviveu, mas acabou morrendo em 88. A acusação é de que foi a música "Beyond The Realms Of Death", do LP *Stained Glass*, do Judas, que inspirou os dois a tentarem o suicídio.

Caso as famílias ganhem, é provável que as gravadoras comecem a controlar o conteúdo das músicas que editam, para evitar o pagamento de possíveis indenizações — que, nos EUA, podem atingir somas estratosféricas. O que ninguém diz é que Vance e Belknap consumiam drogas direto, tinham várias passagens na polícia por roubos, brigas e violência com mulheres, além de problemas na infância com as próprias famílias que agora responsabilizam o Judas pelas mortes.

WEA

ANDREW ELDRICHT

AO VIVO DE NOVO

Um ano após se despedir oficialmente dos concertos, o Cure voltou aos palcos com uma apresentação no Glastonbury Festival, na Inglaterra. Uma novidade: saiu o tecladista Roger O'Donnell e entrou Perry Bamonte, veterano roadie do grupo.

Outro favorito dos góticos, o Sisters Of Mercy, também voltou a se apresentar após dois anos sem shows. Andrew Eldricht foi acompanhado por Tony James (ex-Sigue Sigue) no baixo e o alemão Andreas Bruhn na guitarra — além, claro, de uma parafernália percussiva eletrônica. No repertório, o melhor dos Sisters, grupo mais pirateado do elenco da WEA.

DURAN E GEORGE LANÇAM LPs

GEORGE MICHAEL

Sai este mês na Inglaterra o novo LP de **George Michael**, *Listen Without Prejudice* (Ouça Sem Preconceito), seu primeiro desde *Faith*, de 87. O primeiro single é "Praying For Time", que está saindo junto com uma biografia de George, co-assinada pelo escriba do *NME*, Tony Parsons. outro com disco fresquinho nas lojas do hemisfério norte é o **Duran Duran**, que volta com *Liberty*, co-produzido pelo duo Snap, do hit "The Power".

Xavier Lambours Mass

STERLING MORRISON, LOU REED, MAUREEN TUCKER E JOHN CALE

VELVET VOLTOU À ATIVA

Pelo menos por um dia. Foi em 15 de junho, em Paris, numa retrospectiva da obra de Andy Warhol na era Factory, que aconteceu na Cartier Foundation. Todos os integrantes do Velvet Underground colaboraram para a exibição com objetos pessoais e documentos.

O planejado era só Lou Reed e John Cale tocarem cinco músicas de seu disco-homenagem *Songs For Drella*. Mas logo depois de "The Style It Takes", Lou anunciou: "Temos uma surpresa para vocês..." Uma vovozinha de óculos escuros se sentou na bateria: Moe Tucker. Um magricela de rayban e botas de cowboy pegou a guitarra: Sterling Morrison. Juntos, os quatro tocaram uma única música, o clássico "Heroin".

Foi a primeira reunião do Velvet desde 1972, quando fizeram um show em Paris. Só ficou faltando Nico, que morreu em 1988. Mesmo assim, "Heroin" fez os 2 500 sortudos espectadores se descabelarem em lágrimas e a imprensa internacional anunciar aqueles preciosos minutos com o Velvet Underground como o evento do ano. E talvez tenha sido.

FEIRA DE INSTRUMENTOS EM SP

Acontece do dia 25 a 30 deste mês a Sétima Feira Internacional da Música, no Pavilhão da Bienal do Parque Ibirapuera, em São Paulo. A feira reunirá os principais fabricantes de instrumentos do Brasil e do exterior: todas aquelas maravilhas tecnológicas de que você sempre ouve falar estarão expostas. Essa feira já deve refletir as mudanças na política de importações: graças à chegada de instrumentos estrangeiros a preços razoáveis e ao aumento da qualidade dos nacionais (com a importação de componentes estrangeiros), a vida do músico brasileiro deve ficar um pouco mais fácil.

Geoff Swaine LFI

SHOWBIZZ

SHOWS A GRANEL

David Bowie à parte, vem aí uma temporada quente de shows internacionais. Primeiro Grace Jones, que será a grande atração musical da final mundial do concurso de modelos Ellus — The Look Of The Year, no dia 11. A diva gay deve dividir as atenções com megamodettes como Cindy Crawford, Linda Evangelista e Paulina Porizkova (mulherzinha de Ric Ocasek, dos Cars), algumas das modelos mais *top* do planeta. Depois, nos dias 14 e 15, o veterano Steppenwolf ressuscita "Born To Be Wild" no Projeto SP, que também está tentando trazer Pixies e Sonic Youth. E parece que o Rock In Rio decola mesmo em janeiro, entre os dias 18 e 27. Os patrocínios da Coca-Cola e da rede Globo já foram fechados e o orçamento deve superar os vinte milhões de dólares. Entre os artistas cogitados para vir estão Prince, Madonna, Dire Straits, Stevie Wonder, Elton John, Inxs, Depeche Mode e Technotronic. Se metade destes vier, já está bom...

PLANETA NEGRO

Depois de meses de enrolação, finalmente a CBS se decidiu: já está na lojas *Fear Of A Black Planet*, o mais recente LP do **Public Enemy**, o mais barulhento, politizado e encrenqueiro grupo de rap do mundo. Já era hora — afinal, o hino "Fight The Power" foi um dos maiores hits de pista do primeiro semestre. E outro acerto é o lançamento do primeiro do **Chimes**, cuja versão soul para "I Still Haven't Found What I'm Looking For" fez delesuma promessa para os 90.

O FUTURO CHEGOU

Pelo menos na Inglaterra, onde foi inaugurado um link de satélite por circuito fechado que só transmite para nightclubs, o Starsat. A bugiganga debutou no dia 27 de junho, com um show que reuniu Guru Josh e 808 State. A transmissão é de alta definição e em estéreo digital. Enquanto isso, no Brasil...

NO MUNDO: TUDO

Nem só de música vive o ser humano, então a partir deste mês vamos trazer para você alguns dos mais cobiçados objetos de desejo lançados fora do país, em áreas correlatas ao pop: vídeos, livros, cinema, quadrinhos, roupas e coisas baconas em geral.

VÍDEOS Pelo menos três imperdíveis saíram recentemente. **Morrissey**, aquele que dizia que era contra clips, acaba de lançar sua primeira compilação de vídeos, *Hulmerist* • *La Musica Negli Occhi* é um picadinho dos melhores momentos de **Ennio Morricone**, montados numa colagem de filmes que *il maestro* musicou • E *Remembering Otis* traz **Otis Redding** ao vivo em 67 na tour da Stax-Volt, ao lado de Booker T And The MGs e Sam And Dave. **LIVROS** Além do lançamento da antologia de letras de **Howard Devoto**, *It Only Looks As If Hurts*, o ex-baterista dos Doors **John Densmore** lança nos próximos dias *Riders On The Storm*, que promete contar toda a verdade sobre a morte de Jim Morrison. **CINEMA** Densmore, aliás, será vivido pelo "gatão" Kevin (irmão de Matt) Dillon no filme sobre os Doors que está sendo rodado por Oliver Stone.

Swaine LFI

MORRE STIV BATORS

Morreu aos 43 anos em Paris atropelado por um carro o cantor Stiv Bators. Fundador do influente grupo punk Dead Boys durante os 70, Stiv liderou na última década o combo gótico Lords Of The New Church, que chegou a fazer sucesso por aqui com músicas como "Dance With Me" e "Never Believed". Stiv estava trabalhando num projeto solo com Dee Dee Ramone e ex-componentes dos Godfathers, Hanoi Rocks e Lords.

Adeus meninos.

Produzido na Zona Franca de Manaus.

Panasonic RX-550

Você cresceu.
Não continue usando radiogravador de criança.
O Panasonic RX-550 é permitido para maiores, barbados, formados, graduados, escolados.
É vanguarda.
Quando o mundo está derrubando tudo, ele derruba os radiogravadores feios.
Se o pessoalzinho está ligado no estilo doidão, você já está sintonizado em outra com seu RX.
Sintonize os detalhes e grave a perfeição:
Design para os anos 90, XBS (Extra Bass System) para dar mais corpo aos sons graves, 3 Band Graphic Equalizer, 4 faixas de ondas (FM, MW, SW1, SW2), Fine Tuning, Relay Play, Double Deck, Synchro-Start, High-Speed Editing, CD Compatible, Mic Mix, 20 watts PMPO.

Panasonic

Steve Rapport Reina

NO MUNDO: MÚSICA

IGGY POP

Gary Gershoff Reina

Já se vende mais cassetes que discos no mundo, o mercado de CDs explodiu e o DAT já está pintando. Portanto alô anos 90 e adeus "Vinil Fresco". Para começar bem, nada como comunicar que **Iggy Pop** está de volta com o que a crítica mundial está chamando de um de seus melhores discos, *Brick By Brick*. Loucos por guitarras: **Steve Vai** criou vergonha e lançou seu primeiro LP solo, *Passion And Warfare*, que ficou entre os mais vendidos da parada americana. Seção barulho: o **Jesus And Mary Chain** vai lançar um EP (ainda sem nome) com uma cover de "I'm Your Man", de Leonard Cohen; os **Butthole Surfers** lançam seu novo LP também este mês, e o **Killing Joke** volta ao *noise* com o LP *Extremities*. Se o teu negócio são as bizzarrices do selo 4AD, saiba que o **Pixies** já lançou seu quarto disco, *Bossanova*, e o **Dead Can Dance** soltou *Aion*. Para namorar, nada como *Compositions*, da magnífica **Anita Baker**. E para perder de vez o sono, fique sabendo que **Neil Young** está gravando com o Crazy Horse. Quem ouviu o resultado diz que lembra o clássico *Zuma*.

CARA NOVA
THE BELOVED

Os "Amados" não são netos de Jorge e sim um duo, Jon e Steve, que está em ascensão meteórica e produz uma música irrotulável. Os carimbadores malucos da mídia musical já tentaram de tudo: "new age dance", "hippie-house" e por aí afora. O Beloved, que começou regressivo em 84, só estourou agora, fazendo um tecnopop literário, sessentista e dançável. Algo como o New Order com a cabeça cheia de cogumelos — como sugere o novo LP deles, *Happiness*, que acaba de sair no Brasil.

Tony Mottram Reina

KIM GORDON

OUÇA ESSA

"Madonna usa seu corpo como instrumento máximo de auto-exploração sexual, a fim de controlar o universo."
Kim Gordon, Sonic Youth

"Vamos encarar as coisas de frente: o planeta já se ferrou. Não adianta nada ficar no seu apartamento de yuppie usando detergente biodegradável e dizer 'estou fazendo a minha parte'. Não vai funcionar. O planeta que apodreça tranqüilo."
Steve Lawrie, The Telescopes

"O Yahoo foi criado para fazer sucesso, para enganar mesmo."
Robertinho de Recife

"Senti que se esse disco viesse a público eu seria sempre lembrado por ele, depois que morresse. Senti que seria errado lançá-lo."
Prince, sobre o inédito-porém-pirateado *Black Album*

L'ART DU SPORT

le coq sportif

Rua Florida, 1595 - 15º Andar - Brooklin Novo - CEP 04565 - São Paulo - Brasil - Tel.: PABX (011) 531-2177 - Telex: 11 53027 LCOQ BR - Telefax: (011) 533-4571

HEY GAROTA! AGORA VOCÊ PODE SER IGUALZINHA A

Madonna!

Aprenda como a loira fatal conseguiu *aquele* corpinho

Finalmente revelado o segredo de Madonna — a saber, como a carcamaninha morena e gordeta de dez anos atrás alcançou as linhas apolíneas que hoje alçam o tesão do planeta. E quer saber? É supersimples: uma combinação de dieta decente (mas não radical) e exercícios. Saque só:

Dieta: Quase sempre vegetariana. Quando Madonna está excursionando, capricha nas proteínas e gorduras; caso contrário, carboidratos de montão. Mas miss Ciccone não é fanática. Come pipoca para caramba, vício que vem de seus tempos de durezo em Nova York. Segundo ela, "pipoca é baratinho, gostoso, enche a barriga e não engorda". Além disso, Madonna masca chicletes (não dietéticos) e fuma moderadamente. Isso no cotidiano, porque quando está sob pressão, como nas filmagens de *Dick Tracy*, ela fuma como uma chaminé — Camel, Marlboro, qualquer cigarro que não seja muito fraco. Aliás, quando nervosa, Madonna masca chicletes e fuma ao mesmo tempo. Segundo ela, nicotina é a única droga que consome.

nome: Madonna Louise Veronica Ciccone
idade: 31 anos
altura: 1,65 m
peso: 57 quilos
profissão: superstar internacional

Ron Wolfson/LFI

Exercícios: Duas horas por dia. Na primeira hora, ela corre de onze a catorze quilômetros, com paradas para descanso, em dias alternados. Quando ela está excursionando, costuma subir escadas de hotel, às vezes até trinta andares, depois de correr. Na segunda hora ela faz musculação e alongamento no miniginásio que tem em sua casa. Os exercícios mudam conforme os necessidades de Madonna: quando ela está se preparando para excursionar, investe em resistência e fôlego. Para vídeos, suaviza os exercícios que realçam os músculos. Para *Dick Tracy*, ela "arredondou" um pouco para ficar mais feminina, a pedido do namorado (é, eles continuam juntos) Warren Beatty.

Digo-se de passagem que Madonna tem um treinador particular, Rob Parr, dono da Up To Parr, uma empresa de Los Angeles especializada em colocar estrelas em forma; entre seus fregueses, a ex-ninfeta Tatum O'Neal e a letal Theresa "Viúva Negra" Russell. Parr acompanha Madonna nas tours e é encarregado de acordar todo dia às seis da manhã e procurar um lugar próximo ao hotel para o jogging.

Como se vê, não é nada do outro mundo: é só ter alguma grana, duas horas livres por dia e principalmente força de vontade que dá para ficar igualzinha a Madonna. E lembre-se, minha amiga, que Madonna não tem voz, não toca nem compõe — o que ela conseguiu foi à custa de seu corpo (no bom sentido, claro). Com um corpinho como o dela e botando a cabeça para funcionar, qualquer um pode ser uma estrela (aliás, um dos grandes charmes de Madonna é esse componente "democrático" de sua imagem).

E se você ficar tão deliciosa quanto Madonna e nem assim conseguir estourar no mundo maravilhoso da música pop — bom, pelo menos o seu visual (e o do mundo) melhorou um pouco. Isso sem falar no efeito mortal que você vai causar sobre a metade masculina do planeta. Vamos lá! Toda mundo malhando, subindo escada, fumando e comendo pipoca! E a BIZZ colaborando para a melhoria da vida sexual dos seus leitores e ajudando hoje as popstars de amanhã.

ANDRÉ FORASTIERI

ALTA ROTAÇÃO

A REDAÇÃO RECOMENDA

DICK TRACY — SELECTIONS FROM THE FILM tem Darlene Love ("a" voz de Phil Spector), LaVern Baker, Jerry Lee Lewis e Ofra Haza em espanhol. Assim já é covardia com a srta. Breathless Mahoney.
J.A.L.

VOL II — 1990, A NEW DECADE Soul II Soul O todo-poderoso Jazzie B mantém a classe e a competência de *Club Classics* o bastante para que os títulos dos LPs não soem pretensiosos. Inevitável é a dança.
L.C.

EU NÃO SOU SANTO, Bezerra Da Silva Se a bandidagem está nas manchetes, é bom deixar a bola com o velho Bezerra. Violência, drogas e samba de morro em faixas como "O Preto E O Branco", "Mudo Caguete" e "Vovó Tiro-Tiro".
C.P.

FROM THE VERY BEGINNING, Nat King Cole Ótima pedida para românticas nostálgicos, este duplo combina a interpretação sofisticada de Nat e um repertório preciosa. Se você não gostar, é um presentão para o seu papel.
C.N.

NA CALADA DA NOITE, Barão Vermelho Mais uma vez, cabe aos veteranos injetar um pouco de vida no rock nacional. Um bom disco, que já valeria pelo faixa-título, parceria de Frejat e Luis Melodia.
M.A.G.

HAPPINESS, The Beloved Mistura o que você mais gosta do New Order, Erasure, Depeche, Pet Shop Boys e Yello e muito da dance music 90. Passe um verniz new age pop. O resultado é uma verdadeira maravilha descartável, boa de dançar e de ouvir. The Beloved vai se tornar mega.
A.F.

CABRA-CEGA

JESUS & MARY CHAIN

Mike Peter (EE)

Em East Killbride, ao sul de Glasgow — centro industrial da Escócia —, os irmãos Jim e William Reid cresceram juntos, desenvolvendo gostos musicais parecidíssimos e uma concepção do que deve ser o bom rock'n'roll. Acabaram formando, assim, o cérebro e o coração do Jesus & Mary Chain. Dos dois, só o vocalista Jim Reid lembra qual o primeiro disco que comprou na vida: "Hellraiser", compacto do **Sweet**, em 72. "Ainda tenho... ainda gosto!" Ambos estimam suas coleções como uma reunião de "centenas de LPs, alguns CDs e milhares de compactos". O guitarrista William recorda, porém, sua última aquisição: "Perfect Needle", compacto dos **Telescopes**. Atualmente, os irmãos Reid se confessam empenhados no compra em CD de seus velhos favoritos, empreitada iniciada com as coleções dos **Rolling Stones**, **Bob Dylan** ("todos aqueles lançados nos anos 60"), **Velvet Underground**, **Stooges**.

SONIC YOUTH "Green Light"
Jim: "Sonic Youth? Reconheci pela voz de Thurston. Gosto de algumas coisas deles, tenho alguns discos. Mas não gostei dessa".
William: "Ele está cantando muito mal. De que ano é isso? (*86, ano de lançamento do LP* EVOL). Parece tão antigo, e mal gravado. Parece o Fall há dez anos..."

DEFALLA "Tinha Um Guarda Na Porta"
Jim (perplexo): "Não tenho a menor idéia. É uma banda brasileira! Com uma *girl drummer*! Odeio quando nos comparam com outras bandas, mas me lembra Public Image do começo".
William: "Sabia que não era inglesa nem americana, mas não consegui identificar a língua. Não gosto de julgar outras bandas".

TECHNOTRONIC "Tough"
Jim: "Não conheço. Technotronic? Gosto muito deles, tenho o álbum, mas não me lembro dessa. Gosto muito de dance music eletrônica, das estruturas e das colagens que eles usam. Talvez seja a música do futuro. Dessa última leva, são mestres, não fica uma coisa robotizada".
William: "Concordo totalmente".

MUTANTES "Jardim Elétrico"
Jim (Esclarecido de que ouviu uma banda brasileira dos anos 60): "Bem, esse baterista arruinou tudo, não? Bastardo exibicionista. Tocou por cima de tudo".
William: "É o tipo de musicalidade que não curto. O cara toca assim para mostrar que é bom, que sabe tocar bem rápido. O tipo de coisa definitivamente consagrada como ridícula desde os Sex Pistols, não que já não fosse antes. Mas não parece dos 60, está mais para os 70. Você não vai tocar nada que a gente conhece?"

SYD BARRETT "Effervescing Elephant"
Os dois: "Syd Barrett!"
Jim: "O gênio enlouquecido! É tão deprimente, uma das maiores injustiças da História. Era o verdadeiro talento do Pink Floyd. Ele deveria ter sido o grande star, ter ganho milhões de dólares, e não os babacas que sobraram na banda".
William: "O primeiro solo dele, *The Madcap Laughs*, é um dos meus favoritos de todos os tempos. Essa deve ser do segundo, *Barrett* (Corretor)."

R.E.M. "Femme Fatale" (Lou Reed)
Jim: "Quem é? R.E.M.! Típico de uma banda estupidamente nostálgica. Se fizéssemos uma cover dessa música, eu gostaria que soasse como Jesus & Mary Chain, não como a *fucking* Velvet Underground. Como fizemos com 'Who Do You Love?', do Bo Diddley. Qual é o sentido em se fazer uma coisa dessas? Dá vontade de buscar correndo o disco original."
William: "Isso me irrita profundamente. Gravam uma *fucking* cover só para mostrar que têm um gosto musical cultivado. O original é brilhante e essa versão transforma a música em repertório de banda de bar, gente sem criatividade nenhuma. A impressão que me dá é que eles, na verdade, não gostam do Velvet underground. Quem realmente ama os Velvets não tocaria nesta música sem ter certeza de estar acrescentando algo bonito a ela. O R.E.M. não é uma banda ruim, mas... Outras pessoas fizeram versões boas de músicas do Lou Reed. "Sweet Jane" com os Cowboys Junkies é um bom exemplo. Eles quase não mexeram na instrumentação, mas conseguiram um *feeling* totalmente diferente".
Jim: "É assim que tem de ser. Se você não acrescenta nada, está simplesmente roubando a música".

EDGARD SCANDURRA "Our Love Was, I Is" (Pete Townshend)
William: "Outra cover, bem melhor. O original é do Who".
Jim: "Não gosto muito nem da banda, nem da canção. Mas gostei dessa gravação".
William: "É do *Magic Bus*? (*Não, é de* The Who Sell Out). Eu tinha esses discos todos, mas passei para a frente quando me enchi do Who". (*Esclarecido de que é um guitarrista brasileiro.*) Parabéns para ele".

TIN MACHINE "Pretty Thing" (David Bowie)
Jim: "Sei que é David Bowie, mas onde, quando? (*Com a Tin Machine*). O quê!?! Você está brincando... Tin Machine? Não é mau".
William: "Não é tão ruim quanto eu pensava. Eu tinha odiado tudo que tinha ouvido no rádio e os vídeos me davam vontade de vomitar".
Jim: "Eu também, eu também!... Agora, esta faixa parece o velho Bowie".
William: "Dos melhores safras. O que gosto é que o vocal não foi mixado acima dos instrumentos e sim entre eles. Detesto admitir que gostei disso, porque não sou fã do Bowie. Tenho alguns discos dele, claro, todo mundo tem, mas nunca desmaiei de paixão como a maioria. Tenho de admitir que o canalha fez alguns grandes discos, mas o *imagem*... é a influência que ele exerceu. As piores bandas do mundo parecem ser as influenciadas por ele. Todo o movimento new romantic e coisas como Bauhaus e Pete Murphy. Todos tinham isso em comum, todos queriam ser David Bowie".
Jim: "Até 1975 ele fez grandes discos. Aí foi se tornando ridículo com toda aquela... teatralidade. Não gosto de deixar que a imagem de uma pessoa influencie minha opinião sobre a música dela, mas no caso dele, isso é tão forte e tão nocivo. Um grande compositor. Foi uma surpresa. Até hoje eu achava que detestava o Tin Machine".

Luis Dantas Azul

E quem diz é o músico Dudu Marotti, produtor dos mais quentes da dance music brasileira

Há dez anos Dudu Marotti, 25, comprou seu primeiro sintetizador. "Foi quando eu decidi que o que eu queria era isso." A palavra "isso" é acompanhada por um gesto que abrange toda a impressionante parafernália de seu estúdio: samplers, teclados, computadores e baterias eletrônicas.

Desde então, Dudu estudou muito "isso". Fez curso nos EUA com o programador de sintetizadores de Michael Jackson. Entrou "de gaiato" no esquecível Degradée, como tecladista. Um dia descobriu Art Of Noise e sua vida mudou: decidiu que queria ter um sampler, que só conseguiu comprar em 86. Começou a fazer jingles para publicidade, atividade que até hoje lhe permite enlouquecer em seus projetos.

Um deles foi o Tarsila, banda formada em 87, que não deu certo. Produziu MC Jack e Código 13 para a Eldorado e trabalhou com o extinto grupo O Credo. A partir de maio começou a produzir o Que Fim Levou Robin?, que assinou com a WEA.

E aquela velha desculpa de que a dance music brasileira nunca vai chegar aos pés da internacional porque a tecnologia não acompanha?

"É mentira! Veja bem: o pessoal de dance music, quando começou, não tinha dinheiro para fazer coisas sofisticadas. Então, foram fazer música com o que podiam comprar — basicamente as baterias TR 808 e 909 (Roland), instrumentos baratinhos. O baixo da acid house, por exemplo, era feito no TB 303, da Roland, que você encontra em loja de usados em São Paulo por menos de cem dólares. A indústria da música percebeu e assimilou a dance music, como fez com o punk. E hoje 'Vogue', da Madonna, já é produzida com a TR 909, algo bem low-tech."

Então esse papo é desculpa para justificar a falta de criatividade?

"Acho que sim. O rock da Legião Urbana e dos Titãs, que predomina, corre risco de ser atropelado pelos grupos de dance. As grandes promessas, e grandes cobaias também, são a Fernanda Abreu e a Robin. Todo mundo que gosta de dance tem de torcer para que os dois se dêem bem, porque aí as portas se abrem para o resto."

E qual é a vantagem? O que a dance music traz de novo?

"O negócio é que os DJs mudaram a música, e o músico perdeu o lugar para o DJ, na hora da criação. O cara que não percebeu isso dançou. E não é uma superação pela tecnologia — isso é que é o melhor —, é uma superação pela informação. Porque o DJ tem tanta informação musical que ele sabe julgar muito melhor se uma coisa soa bem ou não."

E quem fala que dance music é música de máquina, sem alma...

"Olha, quem fala isso precisa escutar o novo LP do Soul II Soul."

CAMILO G. ROCHA

Jorge Rosenberg Azul

EURYTHMICS ACABA

FAST FORWARD

Dave Stewart diz que o grupo só continua "por milagre" e compara o seu primeiro LP solo a Lou Reed e Bob Dylan

Não perguntem o Dave Stewart pelos Eurythmics. Também não queiram saber sua opinião sobre os Estados Unidos — onde passa, atualmente, metade de seu ano, e onde está, aos poucos, construindo uma carreira em trilhas de filmes (sua mais recente colaboração está na trilha do interessante *Flatliners* de Joel Schumacher, diretor de *Os Garotos Perdidos*).

No primeiro caso, Stewart dará um grande suspiro e admitirá que, salvo um milagre, a banda está extinta.

"Uma coisa horrível aconteceu a Annie, dois anos atrás", ele oferece, à guisa de explicação. "Ela perdeu um bebê no dia em que ele deveria nascer. Isso fez com que ela reavaliasse tudo na vida dela. Na época, nós emendamos direto do estúdio para a estrada, mas já no meio da turnê estava claro, para ela, para mim e para todos na banda, que aquilo não era o que ela queria fazer. Durante dez anos ela só fez isso, discos e turnês. Agora ela quer se ocupar mais de sua vida." Stewart reflete um pouco e depois acrescenta: "A estrada costuma ser inclemente com as mulheres. O estilo de vida do rock'n'roll não é justo com as mulheres"

A América, segundo Stewart, também não é justa nem interessante. "A América é um saco. Tirando o rap e alguns músicos negros... o que é que está acontecendo aqui? Nada. Esse heavy metal que anda por aí é horrível, é música de cabaré. A dance music é sem sentido — serve para dançar mas, se você não quer dançar, serve para quê? Mas ficam tocando isso no rádio, com letras que parecem ter sido escritas por um moleque de sete anos. E acho engraçada essa visão que eles têm dos Estados Unidos como um país cheio de liberdade. Veja o que está acontecendo agora com o rap, esta coisa de pôr adesivos nos discos. Isto é censura, a América é um dos países mais censurados do mundo."

Stewart prefere falar, agora, sobre sua recém-nascida carreira solo, e sobre o disco que lançou este mês, do qual saiu a música "Party Town", "pescada" por seu amigo Joel Schumacher para a trilha de *Flatliners*. O que esperar do disco? Um som de banda — e, possivelmente, banda de garagem. "Escolhi este núcleo de músicos e trabalhei com eles o tempo todo. Não são pessoas conhecidas, são só músicos. Era isso que eu queria."

"O som ficou violento, um pouco como Sex Pistols. Ou melhor, como Lou Reed em *Transformer* ou Dylan em *Blonde On Blonde*. Meu novo disco tem essa amplitude de som."

ANA MARIA BAHIANA

808 State

A dance music encontra a nova era na Ambient House

É mais um grupo de Manchester. É mais um grupo que só usa instrumentos eletrônicos. É mais um grupo inglês fazendo dance music.

Mas por incrível que pareça o 808 State não é qualquer grupo. Por quê? Ouça seu primeiro hit, "Pacific State": uma introdução com gaivotas e teclados "ambientais", uma batida tecno poderosa mas mixada em volume mais baixo que o habitual na dance music, uma linha de baixo emborrachada e um saxofone solando maravilhosamente através de várias seqüências de teclados. Instrumental, como tudo que o 808 faz. "Ambient House!" gritaram alguns. Outros, que não escutaram bem os primeiros, berraram: "New Age House!" A revista *Face* elegeu a música como a melhor de 89, e começaram até a correr rumores de que Morrissey iria gravar com a banda!

A história da New Age ou Ambient House a gente explica melhor abaixo, mesmo porque o 808 não leva muito a sério essa categorização. O grupo tem dois LPs lançados: *Quadrastate* e *Ninety* (que saiu agora no Brasil), com uma farta variedade de idéias executadas nos samplers, teclados e baterias eletrônicas (aliás, 808 é o nome de uma bateria eletrônica Roland. Junto com sua prima 909, são os engenhocas mais populares da dance music).

Formam o 808 State, Martin Price, sócio de uma loja de discos "in" de Manchester, a Eastern Bloc; Andy Barker, tecladista; Graham Massey, engenheiro de som, toca teclados e outros instrumentos (como o sax de "Pacific") e Darren Parrington, DJ e pesquisador de sebos.

A última dos rapazes do 808 se chama "The Only Rhyme That Bites", a primeira música do grupo que contém vocal. É um rap do bravíssimo MC Tunes, um ex-bandido (mesmo!) que resolveu repensar seu modo de vida e agora se dedica à música.

CAMILO G. ROCHA

Lansky Jay Retna

Na matéria de capa feita pela Newsweek sobre o rock de Manchester, o único grupo que mereceu um box especial foi o 808 State

Hits nas *discos* inglesas: Pink Floyd, Vollenweider, meditação transcendental e "óculos virtuais"

AMBIENTE-SE

Rebole suas cadeiras e faça uma viagem muito louca, bicho

Ambient House seria algo como um cruzamento entre Frankie Knuckles e Brian Eno. Ou seja, a união do instrumental esparso e minimalista da música ambiental ou do new age com um ritmo dançante, especialmente house. Mas a coisa vai mais longe.

De repente, Pink Floyd voltou à moda e pintaram *raves* e noites com nomes como Land Of Oz (País de Oz) e Nirvana. Na Inglaterra (onde mais poderia ter começado essa história?) há DJs que tocam Andreas Vollenweider, Philip Glass e Jevetta Steele (tema principal de *Bagdad Café*) em espaços reservados nos clubes, chamados "chill-out rooms". Muito almofadão, tanques de água salgada para imersão e "óculos virtuais" com lentes especiais que projetam luzes e efeitos visuais para "relaxar a mente". Logo, logo, nossos modernosos de plantão estarão adotando essas práticas.

Ajudam bastante os temas que estarão muita em voga na década de 90: nova era, elevação espiritual e mental, universalismo, transcendentalismo e telurismo.

Abaixo, uma lista de audição essencial para se conhecer o ambient house:

The Orb Integrado por Youth (ex-Killing Jake) e pelo DJ Alex Paterson, lançou, em 1989, o primeiro ambient house da história, uma faixa de 25 minutos chamada "The Huge Evergrowing Brain That Rules The Planet From The Centre Of The World", relançado agora com uma duração mais praticável. O primeiro LP, *Backside Of The Moon*, está a caminho.

KLF Bill Drummond e Jimmy Cauty já se chamaram Justified Ancients of Mumu e Timelords, fizeram alguns singles dance como KLF e agora assumiram um lado ambiental. O single "Last Night In Transcentral" é house, mas o LP *Chill Out*, uma coleção de sons plácidos, foi concebido para ser a perfeita trilha sonora pós-noitada.

Innocence A cantora Gee Morris e a trinca de produtores Jolley Harris Jolley inventaram "Natural Thing": 10 minutos de batida Soul II Soul, um vocal "coolsésimo", ruídos de cachoeira e um solo de guitarra do Pink Floyd sampleado. Tem um novo projeto rolando, o grupo Volume X.

Sueño Latino Os italianos do SL fizeram, em "Sueño Latino" e "Luxuria", house com teclados flutuantes e suaves. Os vocais blasé são da brasileira Carolina Damas.

Guru Josh Um perfeito hippie, Josh toca teclados ao vivo em *raves*. Acredita que será uma espécie de guia dos jovens nos anos 90. "Infinity", todo instrumental, já é um estouro nas pistas do Rio e de São Paulo.

History Se existe um rótulo para seu disco "Afrika" é ambient hip hop. Quem rapeia sobre a base eternamente igual é uma garota de catorze anos, Q-Tee.

C.G.R.

UM TOQUE DE CLASSE

Solos com bottleneck no segundo LP de André

No palco de excelente acústica do estúdio Eldorado, em São Paulo, o trio começa a tocar uma cover de "The Stumble" (Freddie King). Diferentemente do arranjo original, o blues é executado com um *bottleneck* pelo guitarrista André Christovam, acompanhado pelo baixista Paulo Vitelli e o baterista Paulo Zinner (Golpe De Estado).

É o início da audição ao vivo do segundo álbum de André, *A Touch Of Glass*. O nome cai como uma luva, pois todos os solos do disco foram executados com *bottleneck*, ou, mais precisamente, com um vidro cilíndrico que serve de embalagem para o aspirina americano. André explica: "Tempos atrás, este vidro era vendido cheio de comprimidos por três dólares. Depois o fabricante trocou a embalagem para plástico e alguém teve a brilhante idéia de comprar a máquina que fazia os vidros. Então, passou a vendê-los vazios — como *bottlenecks* — por nove dólares. Um ótimo negócio".

Outro destaque da audição é a versão de "One K nd Favor" (Blind Lemon Jefferson), a outra cover presente no LP. Um número acústico que segundo André "há muito tempo tinha vontade de fazer e decidi gravar quando John Hammond me ensinou o toca-lo, em sua passagem pelo Brasil".

A Touch Of Glass traz o guitarrista experimentando nos arranjos e cantando apenas em inglês

O restante do material foi composta por André, que também adaptou alguns arranjos de blues tradicionais. As letras do LP — todas em inglês — mostram uma opção clara: "É um idioma que domino e encaixa-se com perfeição no blues. Não tive problemas em escrevê-las. O Blues Etílicos se utilizou desse mesmo recurso no LP *San-Ho-Zay*. Na verdade os versos parecem soar melhor cantados em inglês".

André também resolveu incluir vinhetas em seu disco, à maneira de Ed Motta no álbum *Um Contrato Com Deus*. "Apesar de ter trabalhado há pouco com dois dos membros do Blues Etílicos (o gaitista Flávio Guimarães e o guitarrista Greg Wilson) e Ed durante o Blues Festival desse ano, o fato de ter composto em inglês ou usado vinhetas foi mera coincidência. Só fizemos quatro delas, já no estúdio, durante as gravações, e saíram tão boas que resolvemos preservá-las no disco".

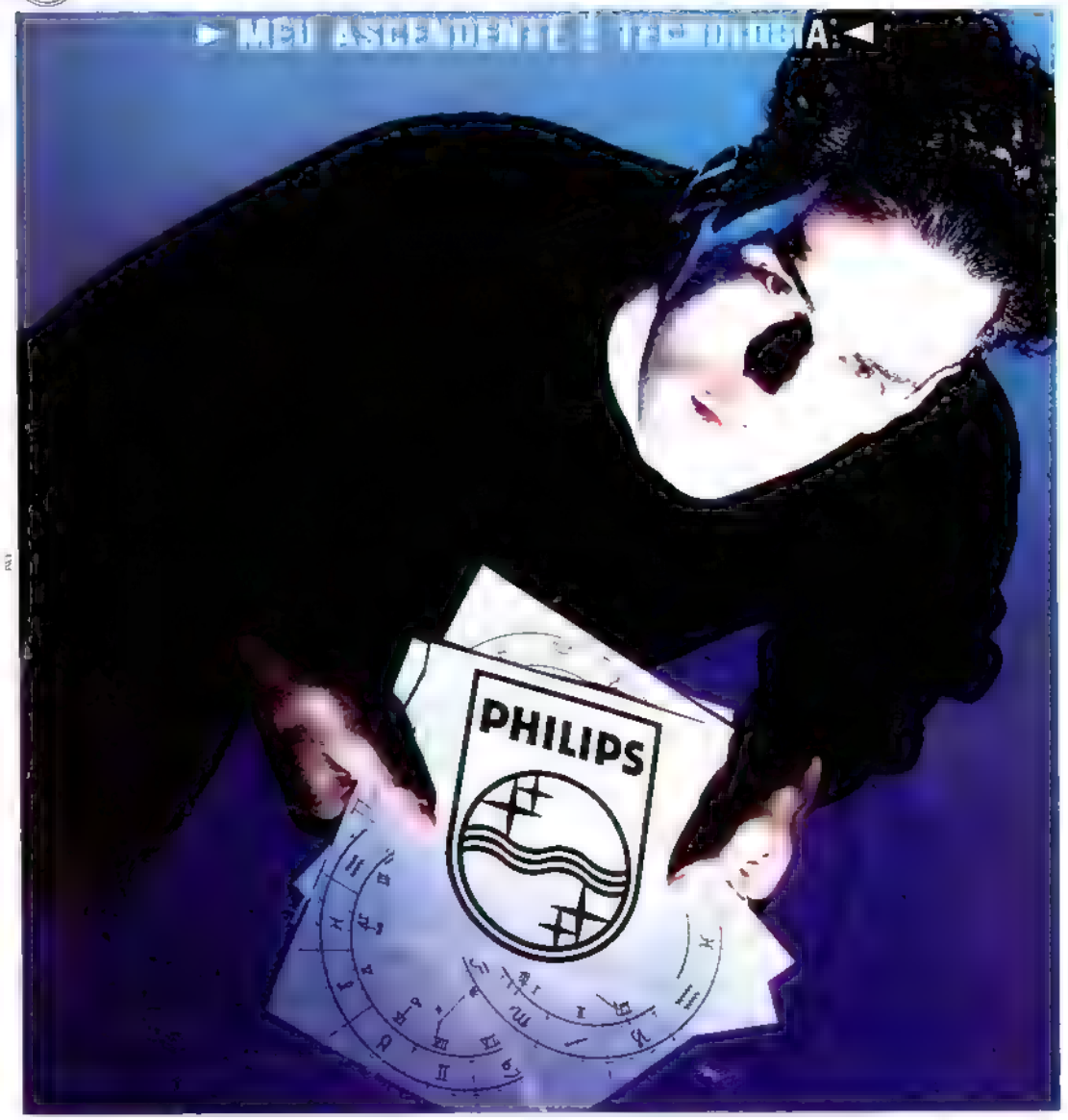
A Touch Of Glass revela principalmente um cuidado maior com a produção do que o álbum de estréia de André, *Mandinga* — sem perder, porém, a preocupação com a simplicidade. "Fizemos várias experiências no estúdio e tentamos conseguir o melhor som possível, mas sem abdicar de gravar em dezesseis canais. Poderíamos ter pensado em um estúdio muito mais sofisticado. No entanto, a imensa maioria dos discos que nos influenciaram foram registrados em condições piores ou, no máximo, iguais a estas. Não vamos precisar de mais que isso para obter o resultado sonoro desejado".

Além de contar com um instrumental mais elaborado que *Mandinga* e maior diversidade no repertório e arranjos, o novo LP também traz os vocais de André mais espontâneos, um tanto distantes de quando forçava a barra para cantar como um *blues screamer*. Graças a isso, o disco tem boas chances de expandir o interesse pelo blues brasileiro, dentro de um mercado que se amplia cada vez mais, a reboque dos vários lançamentos fonográficos no setor, dos shows esporádicos e festivais do gênero. Tudo bem com o blues, a toque de caixa.

CELSO PUCCI

PHILIPS

PHILIPS



► O HOMEM DE LEÃO SABE QUE O DIA ESTÁ BOM PARA OS NEGÓCIOS QUANDO COMPRA UM TV PICTURE IN PICTURE PHILIPS. ELE GANHA DUAS IMAGENS SIMULTÂNEAS NUMA MESMA TELA. ► A MOÇA DE SAGITÁRIO SABE QUE O DIA ESTÁ BOM PARA O AMOR QUANDO O RAPAZ DE GÊMEOS A CONVIDA PARA OUVIR UM SOM LASER EM SEU NOVO CD PLAYER PHILIPS. ► NO IMENSO MAPA ASTRAL QUE REGE O DIA-A-DIA DAS PESSOAS, A CONSTELAÇÃO DOS PRODUTOS PHILIPS TEM UM BRILHO TODO ESPECIAL. ► O ZODÍACO PHILIPS GOVERNA DESDE A SAÚDE HUMANA, ATRAVÉS DE SOFISTICADOS EQUIPAMENTOS HOSPITALARES, ATÉ CARACTERÍSTICAS ABSOLUTAMENTE PESSOAIS, COMO O ZELO POR UMA BARBA BEM FEITA. ► CONSULTE O HORÓSCOPO. VOCÊ VAI VER QUE TODAS AS SUAS CARACTERÍSTICAS ASCENDEM A UMA VIDA MELHOR QUE SÓ A TECNOLOGIA PODE PROPORCIONAR. ► ISSO QUER DIZER QUE SE O SEU ASCENDENTE É TECNOLOGIA, O SIGNO É PHILIPS.

► PHILIPS PRODUTOS DE ÚLTIMA GERAÇÃO ◄

TUDO EM FAMÍLIA

O soul pop dos irmãos Christian chega ao Brasil com *Colour*

O grande sonho de Garry Christian é ser técnico da seleção brasileira. O que está acontecendo com o Brasil? Fica muito chateado quando eles saíram da Copa. Mas estavam jogando tão mal.

Por ora, Garry se contenta em ser apenas o vocalista dos Christians, que tiveram seu segundo LP, *Colour*, lançado no Brasil em julho. Contando com a ovação da crítica inglesa — que não poupou elogios ao disco — e do público — que o colocou no primeiro lugar da parada britânica na semana de lançamento — o grupo desponta como forte candidato ao trono do soul pop, ocupado até agora pelos Fine Young Cannibals.

Sem dúvida é uma grande conquista para quem, há cinco anos, nem sonhava em ganhar a vida como músico. Nessa época, Garry, Russel e Roger Christian eram apenas um trio de irmãos que, desde a infância, cantavam clássicos de soul a capela em clubes e festivais gratuitos em Liverpool, sua cidade natal. Ao entrarem em estúdio em 85 para gravar uma demo, foram surpreendidos por uma proposta do engenheiro de som Henry Priestman, que queria lhes mostrar algumas de suas composições. Era o início da carreira dos Christians.

Quando conhecemos Henry, ele já tinha várias músicas compostas, nas quais começamos a trabalhar — explica Garry. Um ano depois do encontro com o teclado-sta o grupo — já sem Roger, que preferiu a carreira solo — recebia um convite para gravar pela Island. Eles tinham planos de transformar a banda no novo U2. Na verdade, acho que eles ainda têm — Garry, porém, não inveja seus colegas de gravadora. Não sei se eu saberia lidar com esse tipo de pressão. Não sei como o U2 consegue.

Em 87, os Christians conseguiram um feito inédito, até mesmo para a banda de Bono: lançar o disco de estréia mais vendido da Island até então. *The Christians* entrou direto no segundo lugar da parada inglesa, alcançando um milhão de cópias.

Algumas letras com conteúdo político lhes valeram o rótulo de banda engajada. Não vamos subir num cavalo para discursar. Mas não posso esconder que certas coisas me enfurecem. Como a juventude deste país totalmente despolitizada — explica Garry.

Antes de entrarem em estúdio para gravar o segundo LP, os Christians registraram sua versão para "Lucy in The Sky With Diamonds", no álbum *Sgt. Pepper Knew My Father*, coletânea de covers dos Beatles organizada pelo semanário inglês *New Musical Express*.

> "A gravadora queria nos transformar num novo U2. Acho que eles ainda querem!"

Colour chegou ao Brasil com seis meses de atraso, na Inglaterra, só em janeiro. Há pelo menos uma diferença fundamental em relação ao primeiro: aqui, os sintetizadores e sequenciadores foram substituídos pelos músicos Manu Katche, baterista de Peter Gabriel, Steve Ferrone, também baterista, Duran Duran, e Pino Palladino, baixista de Paul Young. Garry Christian acha natural que este LP seja mais pródigo em baladas românticas do que o anterior. Acho que nos acalmamos um pouco. Em 87 estávamos cheios de angústia, de furia política. Mas agora estamos mais velhos.

ANAMARIA [illegible]

Alannah Myles

Alannah Myles é a revelação da Americana do ano. Seu sucesso Black Velvet é um dos hits da programação da *Rádio Transamérica*. Se você quer descolar um LP de *Alannah Myles*, deixa de ser bahaca e termina logo de ler esta página.

Sintonize seu rádio nos 100,1. Anote dia e hora em que você ouviu Black Velvet na Transamérica e escreva para Rua Pio XI nº 1587 CEP: 05060.

Se for dos 100 primeiros espertos, ganha este LP.

TRANSAMÉRICA
FM 100,1

Já À Venda em LP & K7

ATLANTIC wea

NIKE AIR CRO SS TRAINER.
PARA ELE, UM ESP ORTE SÓ É POUCO.

As pessoas que fazem esportes estão cada vez mais praticando vários esportes.

Esta tendência mundial foi detectada pelo pioneirismo da Nike, que lançou o conceito "cross training".

Depois de criar os melhores calçados específicos para cada esporte, os laboratórios Nike agora desenvolveram Nike Air Cross Trainer: o primeiro específico para todos os esportes.

Nike Air Cross Trainer reúne características polivalentes e é equipado com o sistema Nike Air, exclusivo, de amortecimento e impulsão.

Você joga tênis, basquete, anda de bicicleta, faz jogging e pratica aeróbica, sem precisar mudar de tênis a cada vez que muda de esporte.

Nike Air Cross Trainer. Para ele, um esporte só é pouco.

E para você?

NIKE AIR CROSS TRAINER. O PRIMEIRO TÊ NIS ESPECÍFICO PARA TODOS OS ESPORTES.

ML-S10

UM PROFISSIONAL QUE ACREDITA NO SEU TALENTO.

O novo ML-S10 da LE SON é um microfone dinâmico com características realmente profissionais, e ao mesmo tempo com um preço acessível.

Ele possui conector profissional XRL-3P, com pinos banhados a ouro, e cabo coaxial blindado. Sua cápsula também é blindada, o que garante seu perfeito desempenho, eliminando interferências de origem elétrica.

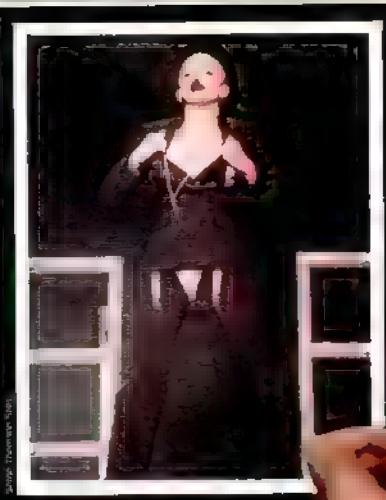
O ML-S10 tem um peso adequado, com um design que oferece uma empunhadura agradável. É o microfone ideal tanto para instrumentos musicais e voz, quanto para uso em palestras ou instalações para convenções. E pode ser conectado em qualquer amplificador, mesmo doméstico.

Acredite em você, solte seu talento: tenha um ML-S10

Le Son
MICROPHONES

LE SON - Marca Registrada de La Son - Laboratório de Engenharia Sônica S.A.

ESTILO BIZZ



LEVI'S

"EXPRESS YOURSELF" "OPEN YOUR HEART"

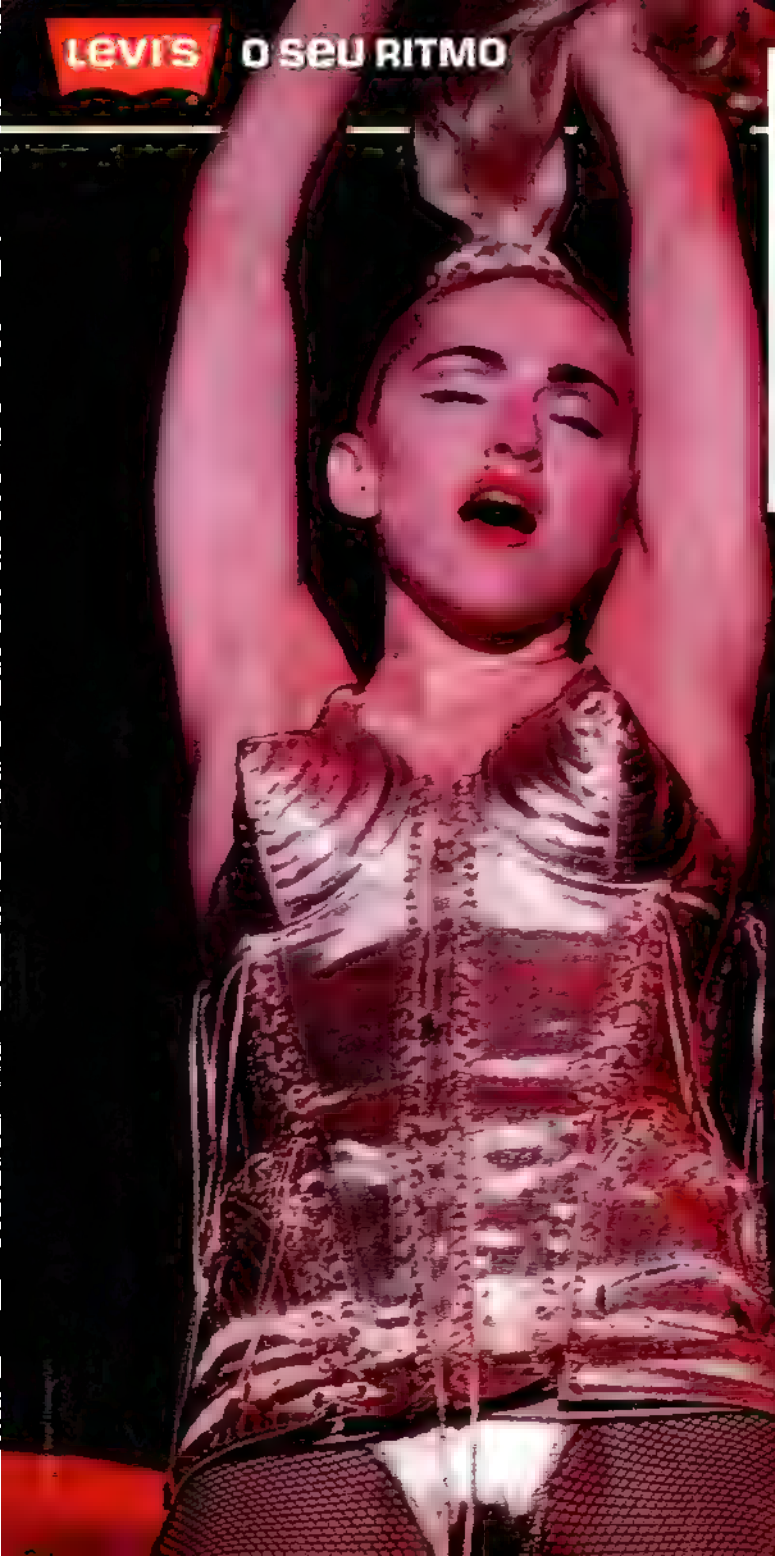
Os cenários da turnê *Blond Ambition* são criação de Christopher Ciccone, irmão de Madonna. O primeiro deles repete o clip para "Express Yourself", inspirado no clássico *Metropolis*, dirigido por Fritz Lang em 1927. Entre canos e tubulações, rodas dentadas e chaminés soltando fumaça multicolorida, simulando o interior de uma fábrica, Madonna entra em cena de monóculo, vestida com um smoking preto, de abotoadura dupla, com dois buracos estratégicos por onde surgem os seios cônicos do corpete de cetim salmão, cujas aplicações e trançados custaram três meses de trabalho à equipe de Gaultier. As calças de corte clássico são de tecido preto risca-de-giz. Esta ambigüidade entre o masculino e o feminino, entre o clássico e o futurista, foi uma das diretrizes encaminhadas pela cantora ao estilista. Ela queria também "sensualidade e brilho metálico". O auditório normalmente vem abaixo quando, no início de "Open Your Heart", ela despe o smoking e revela o corpete, cujas linhas remetem ao filme *Barbarella*.

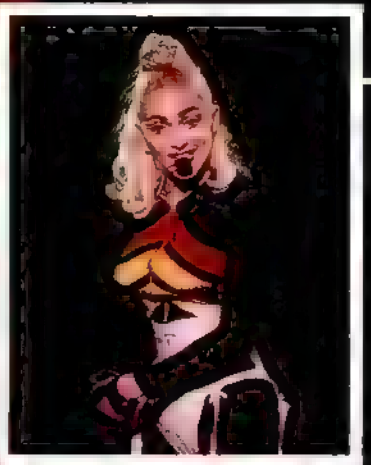
"MATERIAL GIRL"
"CHERISH"
"INTO THE GROOVE"
"VOGUE"

Cenário: uma linha de horizonte, recortada pelas silhuetas dos arranha-céus de Nova York. O "materialismo" apregoado na canção é satirizado com Madonna e duas dançarinas numa espécie de salão de beleza, debaixo de secadores, de roupão e bobs no cabelo. Na abertura de "Cherish", o roupão é descartado para revelar uma jaquetinha de cetim rosa fuchsia, com botões estilizados em forma de cifrões de strass. Ela toca harpa, dança com bailarinos vestidos de tritões (repetindo o clip da canção). Delírio, delírio: quando Madonna tira a jaqueta, fica apenas com um baby-doll preto, transparente, ornamentado com penas de marabu (uma espécie de garça africana). Dois dançarinos descobertos por Madonna em um *nightclub* nova-iorquino dançando *vogue* exibem seus talentos diante de um cenário que reproduz fielmente o clip de "Vogue".

"HOLIDAY"
"KEEP IT TOGETHER"

Para as duas canções do bis, a cantora surge com o umbigo de fora, em calças brancas boca-de-sino e um top preto e pais brancos. E, encerrando o show em grande estilo, a última troca da noite. Madonna veste agora o que foi descrito como um smoking "revisitado" (em forma de "gaiola") sem mangas, de cetim preto, com saia a meia-coxa, chapéu-coco, short e joelheiras de plástico negro, meia arrastão. Ela dança com a cadeira, como Liza Minelli no *Cabaré* de Bob Fosse (e a própria Madonna no clip de "Open Your Heart"), enquanto o figurino remete à delinqüência futurista da *Laranja Mecânica* de Stanley Kubrick. O cruzamento dos dois filmes — ambos de forte impacto na *street fashion* ("moda de rua") européia entre 72 e 73 — foi outro pedido de Madonna a Gaultier.





"CAUSING A COMMOTION"
"WHERE'S THE PARTY"
"LIKE A VIRGIN"

A reentrada de Madonna para a terceira música do show *Blond Ambition* revela mais um contraste, introduzindo elementos esportivos, como o agasalho preto, de capuz, com faixas vermelha, amarela e branca, acompanhado de um calção de ciclista preto. Desce então uma cortina de chiffon vermelho e uma luxuosa cama, coberta de veludo escarlate, avança para a frente do palco. A platéia manifesta sua aprovação quando Madonna tira o agasalho e surge uma versão dourada do corpete de seios cônicos. Sobre a cama, ela canta então "Like A Virgin".

"LIKE A PRAYER"
"LIVE TO TELL"
"OH FATHER"
"PAPA DON'T PREACH"

Sobe a cortina e revela outro cenário suntuoso. Desta vez é um templo de colunas gregas que se transforma em igreja, com uma gigantesca cruz de aço suspensa. Madonna entra vestida de freira, mas seus dançarinos lentamente erguem sua batina para matar os fetichistas com o par de pernas de La Ciccone surgindo envolto em meias arrastão. Com um rufar de tambores, o cenário se completa quando desce sobre o palco um vitral. Sexo, "pecado", gravidez, hipocrisia e as pressões e sermões da família amarraram tematicamente as canções do bloco.

"SOONER OR LATER"
"HANKY PANKY"
"I'M FOLLOWING YOU"

Chega a vez do bloco *Dick Tracy*. Madonna entra com um longo vestido de stretch negro, estilo "Viuva Alegre", com corte lateral, decote generoso e forro verde-esmeralda. Quando ela abre o ziper, o vestido cai e seus pés e surge o terceiro corpete da noite, branco com listras verdes e franjas com miçangas perolados — modelo inspirado na mítica dançarina/atriz de Hollywood, Cyd Charisse. Na ponta de cada seio, há ainda um diamante. Enquanto o cenário simula um salão de baile dos anos 30, um dos dançarinos aparece de chapéu de feltro e com o celebre gabardine amarela do detetive levado às telas por Warren Beatty.

LEVI'S

DO JEITO QUE VOCÊ QUER

JEAN-PAUL GAULTIER

nasceu em Arceuil, periferia de Paris, em 1952 e foi criado pela avó — uma figura exótica que lia tarô e dava conselhos de beleza. Aos dezoito anos, Jean-Paul já era contratado de Pierre Cardin.

Seu estilo cheio de humor e *glamour* é confessadamente inspirado na moda de rua londrina, principalmente aquela detonada após a explosão punk de 1977 e que tem sua expoente máxima em Vivienne Westwood (casada com Malcolm McLaren, quando este lançou os Sex Pistols). Diz ele: "Quando preciso de inspiração, vou a Londres", principalmente a nightclubs e ruas-"passarelas" como as do bairro de Kensington, onde — aos sábados de manhã — a garotada acaba criando verdadeiros desfiles espontâneos e até certo ponto involuntários. Até hoje, a conexão com o universo pop continua na base de seu trabalho e não foi nenhuma surpresa quando, em 88, o estilista francês lançou seu próprio disco — um compacto chamado "House Couture", sucedido por "How To Do That", no início do ano passado. Aqui, o estilo é house music com samples de entrevistas do próprio Gaultier, mais Edith Piaf, pop árabe e até animais de fazenda.

Gaultier já esteve no Brasil em 1986, a convite da Hoescht e em 83 e 84 pela Grendene — para quem criou uma linha de sandálias de plástico.

BLOND AMBITION WORLD TOUR

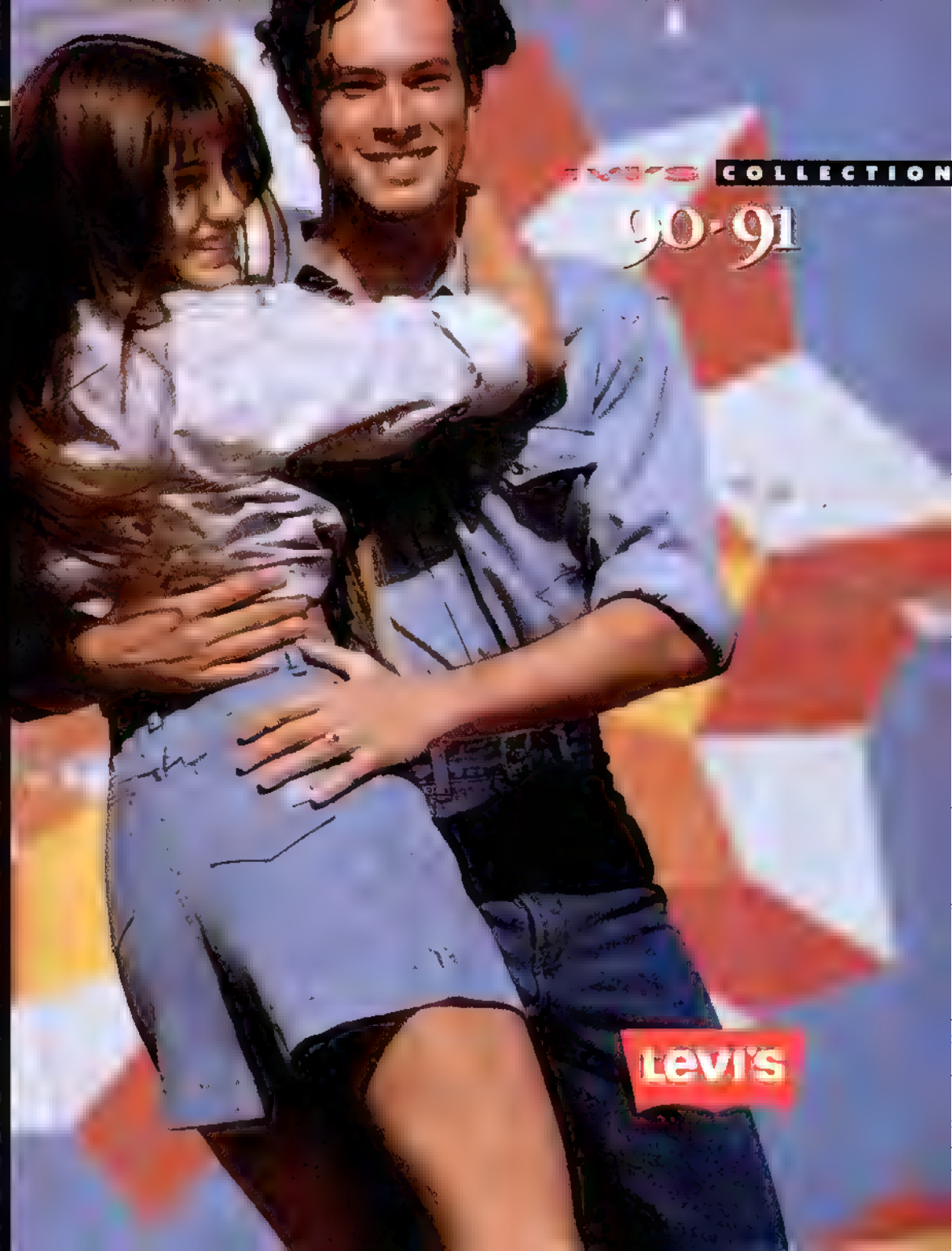
O contato entre ele e Madonna foi feito em outubro do ano passado, através de um amigo comum, o famoso fotógrafo Herb Ritts. Gaultier achou inicialmente que se tratava de uma piada. Ele mesmo era um velho fã que sofria ao ver a cantora com corpetes e espartilhos parecidos com suas criações, nenhum deles porém um "Gaultier legítimo".

"Eu a vi pela primeira vez em uma festa da Fiorucci, entre 81 e 82, cantando 'Holiday'. Nessa época, ela morava em Paris e eu achava que era inglesa. Na vez seguinte, eu estava em Nova York, para a primeira MTV Awards. Ela cantou 'Like A Virgin', dançando da maneira mais sexy possível. Ficou um silêncio gelado no auditório, lotado com duas mil pessoas do show-business, numa exemplar manifestação do puritanismo americano."

No final de outubro de 89, Madonna enviava a Paris um álbum com desenhos, sugestões e informações "confidenciais" (tais como a altura de 1,65 m e manequim tamanho 38, "pequeno"). Pouco menos de um mês depois, Gaultier seguia para Nova York com 150 esboços para os seis modelos básicos. "Ela abriu a porta vestida 'comigo'. Fiquei lisonjeadíssimo. Estava morena, assistindo um vídeo de *Cabaré* e lendo uma biografia de Louise Brooks." Madonna rapidamente selecionou os que gostara e rejeitou o resto.

A equipe de Gaultier, composta de oito pessoas, passou então quatro meses costurando, inclusive nos fins de semana, para produzir 150 quilos de roupas. A primeira prova ocorreu em Paris, durante o Natal, e houve mais um encontro em Los Angeles, já durante os ensaios da turnê. Um mês depois, estava tudo pronto. Ou quase: Madonna, com sua rotina diária de jogging, musculação e natação, emagrecera seis quilos, deixando a equipe de Gaultier com uma semana para reajustar todo o figurino às suas "medidas provisórias".

Sobre o resultado final, o estilista declarou: "É um sonho, a verdadeira realização de um sonho. Mas ainda prefiro ele nua".



ENTREGUE-SE

VÁ NESSA TRIP: É SÓ VIAJAR. SOLTE-SE. MEXA-SE. ENCONTRE-SE COM LEVI'S. É DE PERDER A CABEÇA.

ENVOLVA-SE

AFTER HOURS: É TARDE DA MANHÃ. DIA VIRA NOITE. NOITE VIRA DIA. COM LEVI'S VOCÊ BRINCA, VIVE, VOA. E ARREBATA CORAÇÕES.

APAIXONE-SE

O SOL BATE FORA. O SONHO BATE DENTRO. EMBALE SEU CORPO COM LEVI'S. E TUDO PODE ACONTECER.

20 ANOS SEM HENDRIX

A trajetória do mestre da guitarra elétrica, contada em duas partes

Mais do que qualquer outro artista, Jimi Hendrix alterou radicalmente o conceito que as pessoas tinham da guitarra elétrica. Independentemente de estilos, ele se tornou — e continua sendo — o mais importante guitarrista do século vinte. As justificativas (se é que isso se faz necessário) para tal afirmação podem ser assim resumidas: tudo que a música eletrônica aspirou realizar nos últimos tempos, ele conseguiu concretizar — com uma aparelhagem rudimentar — há mais de vinte anos, e em nível estritamente pop. Mais: nunca um homem e um instrumento formaram um par tão perfeito quanto Jimi e sua Stratocaster branca, cada um sendo o prolongamento natural do outro e em momentos capazes de nos fazer crer que eram uma só entidade.

James Marshall Hendrix, um negro com sangue de cherokee nas veias, saiu de sua Seattle para iniciar a carreira no rhythm'n'blues, uma das formas mais simples da música norte-americana, mas o grau de elaboração e requinte que ele imprimia ao gênero é algo surpreendente. Dos primórdios como *sideman* itinerante da nata da black music do período (Sam Cooke, Solomon Burke, Wilson Pickett, Ike And Tina Turner, Isley Brothers, Little Richard etc.), Hendrix aperfeiçoou seu

Hendrix em ação: um guitarrista anos à frente de seus contemporâneos

desempenho na guitarra, que tocava — por ser canhoto — virada ao contrário e com o encordoamento invertido. Dono de uma técnica irrepreensível, showman tão sexy quanto violento, ele era capaz de criar miríades de ritmo ao mesmo tempo que as alternava com solos esquisitíssimos, tudo num *timing* impecável. Até mesmo a microfonia e eventuais deficiências sônicas acabavam contornadas a seu favor. Sem dúvida, o homem era um gênio.

Em 66, ele passou a ser visto com sua própria banda, os Blue Flames, em Nova York. Aí, em cafés como o Wha e A Go Go, Hendrix se exibia pela vultosa soma de quinze dólares por show, atraindo uma clientela seleta que incluía os Beatles, os Stones e Bob Dylan. Certa noite, Chas Chandler, ex-baixista dos Animals, deu as caras numa dessas casas e, estupefato com o que ouviu, tentou convencer Hendrix a segui-lo até Londres.

Chandler, que não era bobo nem nada, pode ser creditado como o primeiro empresário de rock a preocupar-se com a imagem. É claro que Hendrix já tinha sex-appeal e uma queda pelo extravagante, mas foi Chandler quem acentuou tais características. Meticuloso, escolhia suas roupas, estimulava-o a ler livros de ficção científica (cujas idéias Hendrix regurgitaria mais tarde em suas letras) e a cantar. Além de ter-lhe apontado os músicos certos — Noel Redding (baixo) e Mitch Mitchell (bateria) — para detonar o mais avassalador power-trio da história, o Experience.

O resultado dessa "armação" foi posto à prova quatro dias (!) após sua montagem. No palco do Olympia, o music-hall mais afamado da época, o Experience estreou diante de uma platéia atônita, levando somente quatro canções: "Land Of 1000 Dances", "In The Midnight Hour", "Everybody Needs Someone To Love" e "Respect", todas standards de r&b.

De volta à Inglaterra, tocam no Blaises, Bag O'Nails e 7 1/2, discotecas onde Eric Clapton, Jeff Beck, Pete Townshend e quem quer que importasse na cena musical tinham cadeira cativa. Ao final, o saldo era um só: estado de choque. Sim, é certo que a *swingin' London* estava acostumada ao furor maníaco do Who, aos happenings sarcásticos do Move, à cacofonia estilhaçada do Pink Floyd e até mesmo ao circo de horrores do Crazy World Of Arthur Brown, mas Redding, Mitchell e Hendrix juntos eram uma visão por demais absurda, três alienígenas conjurando a Aurora Boreal com seus sortilégios rock'n'roll.

Do ponto de vista criativo, essa fase do Experience capta o grupo no ápice com Hendrix em especial atravessando um momento iluminado. Hoje, sabe-se que a totalidade das canções que resultaram em seus dois primeiros LPs (23 para sermos exatos, mais os singles "Purple Haze", "The Wind Cries Mary" e "Burning Of The Midnight Lamp") surgiram entre janeiro e junho de 67.

O álbum de estréia *Are You Experienced?* é a prova cabal dessa bem-aventurada energia. Os fãs de *Sergeant Pepper's* que me perdoem, mas ouso dizer que, até então, ninguém havia concebido tamanho assalto sensorial. Ainda que gravado em mono através de parcos quatro canais, *Are You Experienced?* alude a outros mundos, outras dimensões, mergulhando o ouvinte em puro éter. Da lascívia freak'n'funky de "Foxy Lady" ao assombro estupefaciente da faixa-título, passando pela auto-referencial e insana "I Don't Live Today", o libidinoso blues "Red House" e a trip faiscante de "3rd Stone From The Sun", o LP (autêntico milagre de engenharia de Eddie Kramer) não só permite uma visão cosmogônica da obra hendrixiana como sumariza toda a efervescência da era psicodélica.

Paralelamente à edição do disco, as apresentações do trio cresciam em progressão geométrica. São desse tempo as exibições no Astoria de Finsbury Park, no Saville, de Brian Epstein — quando, abrindo para o Who, varrem literalmente os mods do palco! — e no programa de TV *Top Of The Pops*, que termina com Hendrix tocando guitarra com os dentes.

Após a lendária performance no festival de Monterey, ocasião em que ele fez do caos e da piromania suas palavras de ordem, o público viu-se confrontado com outra faceta de Hendrix no LP *Axis: Bold As Love*. Aí, o que mais chama a atenção são suas composições: pop-songs concisas, bem talhadas e plenas de impacto emocional, como é o caso de "Castles Made Of Sand" e "Spanish Castle Magic", isso sem esquecer a sempiterna "Little Wing", cujo introito é uma das coisas mais lindas que o rock já nos deu, demonstrando a um só tempo todo o feeling, finesse e destreza de Jimi.

Aliás, nunca é demais lembrar que, ao contrário dos Vais e Malmsteens da vida, Hendrix jamais se rendeu à técnica pura e simples ou lançou mão de pedais para dissimular a falta de imaginação. A seu comando, o fuzztone, o wah-wah e o celebre Octavia, uma engenhoca que lhe permitia duplicar oitavas, legitimavam-se na medida em que expandiam novas possibilidades tonais e novos timbres, a ponto de um respeitado teórico erudito situá-lo — após a audição de "Machine Gun" — dentro da tradição da escola onomatopaica, inaugurada por Berlioz e sua *Sinfonia Fantastica*, em 1830.

Ainda que a nível artístico Hendrix estivesse em seu zênite, o decorrer de 68 deixou claro que nem tudo ia bem com sua banda. E, após uma série de shows insatisfatórios, excessos químicos e pegas-pra-capar entre ele e Redding, o inevitável aconteceu: o fim do Experience.

Quase simultaneamente, saía na Inglaterra o álbum duplo *Electric Ladyland*. De chofre, polêmicas surgiram em torno de sua capa, que exibia um grupo de mulheres de look devasso nuinhas em pelo. Musicalmente, este mostrava-se bem distante da espontaneidade pop dos hits iniciais, desvelando um Hendrix ora às voltas com inusitados experimentos de estúdio ("And The Gods Made Love", "1983"), ora entregue a devastadoras jams ("Rainy Day, Dream Away", "Voodoo Chile") ao lado de Stevie Winwood, Jack Casady e Buddy Miles. Incompreendido na ocasião, taxado de indulgente, *Electric Ladyland* teve no passar dos anos seu maior aliado, mostrando a seu devido tempo como o guitarrista (uma vez mais) encontrava-se adiante de seus contemporâneos.

Tal defasagem de percepções, aliada ao afastamento de Chas Chandler, quistos de ácido, cobranças dos Black Panthers (para quem o rock de Hendrix era — pasmem! — demasiado branco) e o conservadorismo do público, que exigia dele sempre o mesmo ritual de rebeldia e destruição, não tardam a angustiar o músico ao extremo. Sim, Hendrix ainda foi um Deus em Woodstock, mas com a nova Band Of Gypsies, a frustração é tanta que a mesma se desfaz após dois shows.

Setembro de 70. Exaurido com a conclusão de seu grande (e derradeiro) projeto, o estúdio Electric Ladyland, que esperava poder dividir com os músicos das futuras gerações, Hendrix estava prestes a mixar um novo LP, *Cry Of Love*. Para nossa desgraça, não viveu para arrematar o disco, desencarnando — em circunstâncias trágicas — na manhã do dia 18, quinta-feira. Tinha 27 anos, então.

Decorridos vinte anos desde a sua morte, erigiu-se quem imagina que o conjunto de trabalhos do guitarrista permanece estanque. Mais do que nunca suas canções, seu estilo inconfundível e, principalmente, seu espírito permanecem vivos, seja através daqueles que incorporaram suas lições (Vernon Reid, Adrian Belew, Stevie Ray Vaughan, Chris Thomas, Eric Johnson, Michael Hampton, Charlie Drayton etc.), seja pela ininterrupta recriação de suas músicas, como atestam as recentes covers para "May This Be Love" (Pretenders), "Fire" (Red Hot Chili Peppers), "1983" (Christian Death), "If 6 Was 9" (Keith Levene) e "Red House" (John Lee Hooker). Outros tributos que merecem atenção são os álbuns *If Six Was 9* — editado há pouco pelo selo independente Imaginary (contando com a presença das bandas Thin White Rope, The Shamen, Thee Hypnotics, Giant Sand e demais valores do novo underground) — e *Variations On A Theme: Red House — Evolutions Of The Blues*, só com taxes raros da canção, levados pelo próprio mestre.

Por último, é imprescindível a audição de todo o catálogo da Polydor, recém-lançado em CD e em glorioso som digital, obtido pelo revolucionário processo *Sonic Solutions No Noise Systems*. O prazer é garantido.

ARTHUR G. COUTO DUARTE

NOEL REDDING, JIMI E MITCH MITCHELL: O JIMI HENDRIX EXPERIENCE EM 67

Um assalto sensorial sem precedentes, *Are You Experienced?* sumariza a era psicodélica

OS ANOS HENDRIX 1942 - 1970

1942 - James Marshall Hendrix nasce em Seattle, Washington, em 27 de novembro. Sua mãe tem problemas de saúde e seu pai está na Europa, lutando na Segunda Guerra Mundial. Jimi é criado por diferentes membros da família até a volta do pai, em 45.

1959 - O pai, James Allen, compra a primeira guitarra de Jimi, que em seguida faz seus primeiros shows ao lado do grupo The Rocking Kings, especializado em versões de sucessos de rádio.

1961 - Jimi se alista no exército americano, partindo do princípio que é melhor se alistar e poder optar por que arma servir do que ser recrutado e acabar na infantaria. Em maio ele entra na 101.ª Divisão Aerotransportada, baseada em Fort Campbell, no Kentucky. Forma então o grupo King Casuals, e com ele toca em vários clubes próximos à sua base.

1962 - Em junho, Jimi quebra o tornozelo pulando de para-quedas e recebe uma dispensa médica do exército. Vai em seguida para Nashville, onde toca em vários grupos antes de decidir tentar a sorte em Nova York.

1964 - Em março o guitarrista começa a tocar com os Isley Brothers, que conheceu em Nova York. Após excursionar e gravar com eles, consegue trabalho como músico de apoio numa excursão conjunta de Solomon Burke, Jackie Wilson, Sam Cooke e B.B. King. Depois, passa um ano tocando na banda de Little Richard.

1965 - No final do ano, Jimi entra para o Curtis Knight And The Squires. Ao mesmo tempo, toca com King Curtis e Joey Dee And The Starlighters.

1966 - Cansado de ser músico de apoio, Jimi forma seu próprio grupo, Jimmy James And The Blue Flames. Tocando em cafés e bares do Greenwich Village, são notados por Chas Chandler, baixista dos Animals, que convence Jimi a ir para a Inglaterra. Em setembro, Jimi aterrissa no país, e Chas Chandler monta rapidamente uma banda para ele. Noel Redding, que se apresentou depois de ler um anúncio que pedia um guitarrista para os Animals, é convencido a tocar com Jimi como baixista. Mitch Mitchell, sem dinheiro depois do final do grupo de Georgie Fame, entra como baterista. Nasce então o Jimi Hendrix Experience.

1967 - The Jimi Hendrix Experience faz sucesso imediato. Os singles "Hey Joe", "Purple Haze" e "The Wind Cries Mary" entram no Top Ten inglês, o mesmo acontece com o LP *Are You Experienced?* Outro single, "The Burning Of The Midnight Lamp", fica entre as vinte mais.

1968 - Mais duas no Top Ten: o single "All Along The Watchtower" e o LP *Axis: Bold As Love*.

1969 - Em junho, depois de quase três anos seguidos de gravações e turnês, The Experience acaba. Jimi passa então a maior parte do seu tempo em estúdio, aparecendo apenas para tocar em Woodstock com seu novo grupo, Gipsy Sons And Rainbows. Depois forma o Band Of Gypsies, com Buddy Miles na bateria e Billy Cox no baixo, mas a banda só dura alguns shows.

1970 - Em abril Jimi começa a excursionar com o Cry Of Love, formado por Billy Cox no baixo e Mitch Mitchell de novo, na bateria. A tour vai até agosto, quando Jimi toca seu último show na Inglaterra no festival da Ilha de Wight. Em 18 de setembro, sozinho em Londres, Jimi Hendrix morre sufocado em seu próprio vômito, causado por uma intoxicação de barbitúricos.

A saga de Hendrix continua na próxima edição de BIZZ, que conta o sucesso meteórico do guitarrista, traz depoimentos dos outros integrantes do Jimi Hendrix Experience e uma entrevista inédita com Jimi. Tudo isso, mais uma discografia completíssima. Não perca!

BARÃO VERMELHO

wea

Fotos: Deise O'Regan, Idéé, Pope-Press, EMI-Odeon

David Bowie

Apostando na vinda de DB ao Brasil, a BIZZ dá o serviço completo sobre a *Sound + Vision Tour*

A excursão *Sound + Vision* é um artifício comercial. Como o LP *ChangesBowie*, a caixa de CDs homônima e os diversos remixes realizados para "Fame", ela faz parte de um pacote desenvolvido para promover o relançamento em vinil e CD do catálogo de David Bowie na RCA. Obra do caprichoso selo americano Rykodisc, que desencavou gravações obscuras e demos.

Anunciar que esta seria a última vez que tocaria seu repertório antigo foi a forma mais digna (e comercialmente recompensadora) que Bowie encontrou para promover suas glórias passadas e apresentá-las ao público consumidor de hoje. Recuar para melhor saltar: o homem que sempre esteve à frente de seu tempo, e ao mesmo tempo totalmente envolvido com ele olha para trás, faz uma tour-retrospectiva, enche as burras de dinheiro e depois segue de volta para seu habitat natural, o futuro — que para Bowie hoje aos 43 anos, significa seu segundo LP com o Tin Machine, com lançamento previsto para o final de 1990.

Mas *Sound + Vision* não é só um desses cínicos caça-níqueis que têm atravancado as arenas do planeta. É também a concretização do sonho do espetáculo total, como reza seu título e a canção que originou seu conceito em 76. É um épico desfilar do melhor catálogo pop do mundo, só comparável — talvez — ao dos Rolling Stones.

Para os fãs brasileiros de Bowie, é principalmente a realização de um sonho: a chance de verificar a existência em carne e osso da figura mais influente na música popular internacional nas últimas duas décadas. E talvez das próximas, também — afinal, o *dada dandy* raramente pareceu tão em forma quanto agora. Tanto fisicamente (o look loiro está de volta) como em sua vida criativa (críticas negativas ao Tin Machine à parte) e pessoal (há três anos ele namora a bailarina Melissa Hurley, de 22 anos — mordam-se de inveja, garotas), o homem está em cima.

E o *timing*, para variar, é perfeito: Bowie no Brasil em pleno mês de eleições é ao mesmo tempo uma lufada de ar fresco, um pico de esperança nas canaletas e um chute na bunda do maucaratismo e dos pseudos locais. Quem perder *Sound + Vision* não merece estar vivo; quem for bowieólatra, que me siga.

ANDRÉ FORASTIERI ▶

A BANDA

O passo lógico na escolha de um grupo para acompanhar Bowie numa excursão retrospectiva seria contratar pessoal familiarizado com seu repertório — como Carlos Alomar, que trabalha com Bowie desde 75.

Em vez disso, o recrutado para ser diretor musical do show foi o guitarrista Adrian Belew, ex-Zappa, ex-King Crimsom e colaborador dos Talking Heads, Tom Tom Club e Laurie Anderson, hoje em carreira solo. Não que Belew seja uma cara nova para Bowie: eles tocaram juntos na tour *Stage*, registrada no LP de 78.

Também diretor musical, Adrian Belew trouxe para tocar na tour (por sugestão de Bowie) sua própria banda: o baterista Michael Hodges e o tecladista Rick Fox. Acrescidos do baixista Erdal Kizilcay (que trabalhou em todos os discos de Bowie desde *Let's Dance* e tocou na turnê *Glass Spider*), é este quarteto o responsável pelo som básico e vigoroso de *Sound + Vision*. Em troca da honra de ter um guitarrista com o nome de Belew como seu *sideman*, Bowie participou como compositor e vocalista em duas faixas do mais recente disco de Belew, *Young Lions*. São "Gun Man" e "Pretty Pink Rose" esta interpretada por Bowie no show *Sound + Vision*.

Em cima, Bowie com a namorada Melissa Hurley, na face Tin Machine; abaixo em ação durante a nova turnê

O PALCO

Aos acordes iniciais da primeira canção do show, "Space Oddity", uma tela transparente de 12m x 20m cai à frente do palco. É a maior tela já utilizada para projeções em vídeo, criada especialmente para *Sound + Vision* e uma atração à parte no show.

Ela usa um filme especial, que combina filme e vídeo. É ativada por um sistema SMPTE, no começo de cada música: o tecladista Rick Fox manda um sinal para o sistema computadorizado, que responde que está OK para o baterista Mike Hodges. Quatro segundos depois, Mike começa a tocar — simultaneamente à projeção na tela. São projetadas imagens pré-gravadas, "instantâneos" do show e *takes* da platéia filmados na hora pelo próprio Bowie, do palco.

Toda a concepção visual do show foi criada por Edouard Lock, criador, designer e coreógrafo do grupo canadense de dança contemporânea La La La Human Steps. Ele já havia sido convidado para trabalhar na turnê *Glass Spider* (não teve tempo) e criou a coreografia de uma apresentação especial de Bowie em Londres em 88, *Intruders At The Palace*. Lock explica assim sua concepção do show: "As pessoas não vão a concertos em estádios pela música — para isso, elas ouvem os discos. O que desejam é encontrar o artista face a face, o que nunca conseguem, porque à distância os músicos parecem mosquitinhos no palco. Aumentar o tamanho do palco não resolve o problema, só piora. Então, o que fiz foi trabalhar a arquitetura do show baseada na pessoa, e não no palco. Transformar a pessoa, Bowie, num prédio, visível para todos". Para viabilizar a idéia, Lock contou com a participação dos cenógrafos Luc Dessault e Lyn Leferve. Outra integrante do La La La Human Steps, a bailarina Louise Lecavalier, aparece na tela em cenas pré-gravadas, assim como a namorada de Bowie, Melissa Hurley, uma das bailarinas da *Glass Spider Tour*.

O SHOW

Bowie entra no palco enquadrado por desenhos de inspiração asteca, sob a versão sintetizada da *Nona Sinfonia* de Beethoven criada para *Laranja Mecânica*. Veste roupas sóbrias e elegantes: terno escuro de Cerruti, camisa branca Armani sem gravata e aberta no pescoço.

Começa imediatamente a cantar "Space Oddity", seu primeiro hit, de 69. Salta a seguir para o rock rasgado de "Rebel Rebel" do LP *Diamond Dogs*, em que aproveita para filmar o público com uma câmera de vídeo; as imagens são projetadas imediatamente na tela flutuante sobre o palco.

O repertório varia muito pouco de show para show; de qualquer forma, os momentos cruciais são sempre os mesmos. "Ashes To Ashes", de 79, vem acompanhada de uma dança japonesa. "Fashion" é apresentada numa versão pesada e "Life On Mars" sob uma imagem gigante da capa de *Aladdin Sane*: Bowie de cabelo laranja, sobrancelha verde e batom roxo. Seguem-se três dos anos 80, "Blue Jean", "Let's Dance" e "China Girl", esta acompanhada de um teatro de sombras indonésio entre Bowie e Melissa.

Depois de um curto intervalo, Bowie volta revisitando suas personas passadas. Começa com as preciosas "Sound And Vision", "Ziggy Stardust" e "Station To Station", que ressuscita o brechtiano Thin White Duke. O soul man de plástico de "Young Americans" é emendado com o glam-rocker Ziggy de "Suffragette City", "Fame", parceria com Lennon, e desconstruída com a colaboração de Adrian Belew e recheada de mímicas e vogue, numa aproximação do recente remix de Arthur Baker. "Heroes" — talvez a mais romântica canção de David — fecha o set.

Bowie volta para uma agressiva versão de "Changes", o hard rock "Panic In Detroit" e sua tradicional cover do Velvet Underground, "White Light White Heat". A trinca final é "Jean Genie", a canção que Bowie fez para Iggy Pop; "Gloria", de Van Morrison, imortalizada pelos Doors; e "Modern Love". E no bis do bis, a mesma canção que fechava amargamente o LP *Ziggy Stardust*, dezoito anos atrás: "Rock'n Roll Suicide".

SET LIST

"Space Oddity"
"Changes"
TVC15
"Rebel Rebel"
"Golden Years"
"Be My Wife"
"Ashes To Ashes"
"John, I'm Only Dancing"
"Queen Bitch"
"Fashion"
"Life On Mars"
"Blue Jean"
"Let's Dance"
"Stay"
"China Girl"
"Ziggy Stardust"
"Station To Station"
"Alabama Song"
"Young Americans"
"Panic In Detroit"
"Suffragette City"
"Fame"
"Heroes"
"Jean Genie"
"Pretty Pink Rose"
"Modern Love"
"Rock'n Roll Suicide"

DAVID BOWIE

Enterrando o passado e abandonando as velhas máscaras

ENTREVISTÃO

BIZZ

BOWIE NO DIA DE SEU CASAMENTO

Foram noites inesquecíveis. David Bowie, a Greta Garbo dadaísta do rock, tinha acabado de soltar o bem-sucedido *Hunky Dory* e programou dois shows no Rainbow Theatre de Londres, nos dias 19 e 20 de agosto de 72. As entradas esgotaram instantaneamente. Bowie alertava as audiências desavisadas sobre a vindoura transformação da maior parte do rock em um drama calculado: "Haverá muitas tragédias quando muitas bandas tentarem ser teatrais sem conhecerem bem seus ofícios".

O antigo David Robert Jones lentamente tinha ascendido — de modelo fracassado, *popster* descartável pós-beatles, estudante de mímica, garoto-propaganda do sorvete Luv e ator em meio período de cinema e rádio a arlequim roqueiro mais quente da Inglaterra. Sua abordagem artística era friamente pragmática: "Gostaria de ser, eu mesmo, um cenário para minhas canções".

O primeiro dos shows foi aberto pelo Roxy Music, e em seguida o palco foi liberado para a atração principal. Bowie emergiu abruptamente das sombras, um androide usando delineador, seu cabelo antes loiro agora tingido de escarlate. Movendo-se através de um tapete de gelo seco, ele cantou "Lady Stardust", enquanto uma grande tela a seu lado mostrava a face projetada de Marc Bolan.

"Oi, eu sou Ziggy Stardust e esses são os Spiders From Mars."

Spots revelaram o guitarrista Mick Ronson, o baixista Trevor Bolder e o baterista Mick Woodmansey, enquanto Matthew Fischer provia os teclados, do backstage. Através de um frenesi de trocas de roupas, uma mais surreal que a outra, o cantor saltava de um nível a outro do cenário montado em plataformas. A performance foi bizarra, crescendo até um *finale* em que Bowie se juntava ao mímico Lindsay Kemp e ao grupo de dança Astronettes num sinistro jorro de coreografia.

Embevecidos em suas cadeiras estavam Elton John, Mick Jagger, Alice Cooper e Lou Reed, que descreveu o show assim: "Foi espantoso, estupendo, inacreditável — a melhor coisa que já vi em toda a minha vida". Durante os vinte anos seguintes a turnê *Ziggy Stardust* e o álbum homônimo que a seguiu emergiriam como dois dos momentos mais profícuos e imitados do rock.

Como uma grande parte do melhor trabalho de Bowie, *The Rise And Fall Of Ziggy Stardust* pareceu interromper o tique-taque do relógio psíquico de sua era — só para recomeçar a contagem quando batesse a meia-noite. O LP irrompeu durante uma temporada de depravação em que George Wallace tomou um tiro, os invasores de Watergate foram denunciados pela imprensa, e terroristas assassinaram onze atletas nas olimpíadas de Munique. Saiu na hora certa, como o diagnóstico de uma civilização inebriada em sua vaidade devorando sua própria consciência. Ninguém que ouviu o disco conseguiu esquecer a experiência. É o que acontece quando se tromba com A VERDADE, em maiúsculas.

Até o final do ano, os fãs de Bowie em todo o mundo terão a oportunidade de curtir *Ziggy* como nunca fizeram antes, graças ao seu relançamento em CD pela Rykodisc, com cinco faixas a mais e intermináveis notinhas de rodapé. E Bowie e sua mais recente banda de apoio estão tocando versões revisadas dos clássicos de *Ziggy* na turnê *Sound + Vision*. Depois disso, da antologia *ChangesBowie*, do remix "Fame 90" e do lançamento nos EUA, Europa e Japão de todo o catálogo de Bowie (inclusive as randades) em CD, o cantor jura voltar a se concentrar no futuro. No topo de sua lista, o lançamento do segundo disco do Tin Machine.

Só um otário presumiria que David Bowie, hoje aos 43 anos, está mostrando todas as suas cartas — mas apesar disso há boas razões comerciais e musicais por trás de suas promessas para o futuro. Hoje, já começa a jogar uma luz sobre seu passado. Por exemplo, já revela que a faísca inicial na invenção de Ziggy foi o obscuro grupo Ronald "Vince" Taylor & The Playboys (Vince chegou a entrar no Top 15 inglês em 1960, com o compacto "I'll Be Your Hero"/ "Jet Black Machine").

Esta entrevista aconteceu no estúdio Magic Ventures, em Manhattan, escolhido porque fica a uma caminhada do lugar que Bowie alugou para o pessoal de sua turnê. David chegou sem estardalhaço e de bom humor. Suas únicas exigências foram um bule de café italiano de sua marca predileta, e uma cadeira confortável.

Bowie *(sorrindo)*: Me pergunte o segredo do meu sucesso.

OK, qual é o segredo do seu...

Timing! (fazer a coisa certa, na hora certa) Rá rá rá!

Muito espertinho, você vai longe nesse ramo. Estamos aqui para discutir seu primeiro quarto de século no rock, então vamos começar lá por 63. Você largou sua primeira banda, os Konrads, porque eles não queriam tocar rhythm'n'blues, certo?

Exato, e eu sei exatamente qual era a música! Era "I Can't Get a Witness" de Marvin Gaye. Eles não queriam tocar de jeito nenhum!! Diziam "não podemos tocar isso, nosso negócio é covers de Shadows e Cliff Richard". Eu disse: "vocês são estúpidos! Essa música é superexcitante." Tivemos uma briga horrível sobre isso.

Qual foi o primeiro disco que te deu vontade de fazer r&b?

"I Put A Spell On You", de Screamin' Jay Hawkins, com "Little Demon" no lado B. Outro que me impressionou muito foi "Right Now, Right Now" da Alan Freed Rock And Roll Band. Eu tinha uma mesada de sete shillings e seis pence por semana para gastar em discos — não que eu fizesse muito para merecê-la (*risos*). Tive um pai extremamente generoso.

Ele só queria que eu decidisse o que queria fazer, e ele sempre soube desde que eu tinha uns 9 anos, que eu gostava de música. Então ficava feliz de eu tomar lições de saxofone. Relembrando minhas influências no sax, na época, eu tentava apaixonadamente acreditar que gostava de Eric Dolphy. Na verdade, só fui gostar dele alguns anos depois. Eu me forçava a ouvir jazz moderno, lutando contra mim mesmo para entender o que e que me agradava tanto naquilo. Ainda não conseguia digerir tudo aquilo.

Em 66 você já estava liderando Davey Jones & The Lower Third, um grupo que tentava ser de r&b e soava muito como o Who.

E, nós sempre abríamos os shows deles, tiveram uma influência enorme sobre nós, mesmo quando se chamavam The High Numbers. Eles eram os melhores, e nos chupávamos tudo.

Como foi que você ecreveu o primeiro single do Lower Third, "Can't Help Thinking About Me"? É a perfeita declaração pós-adolescente, naquele estágio em que você é sortudo se consegue se vestir como quer.

É! Eu sempre acordava com minhas roupas todas espalhadas pelo quarto — e eu ainda dentro delas (*risos*)! E que eu era um garoto de 19 anos, e é isso que você escreve nessa idade. Eu fui dos King Bees para o Lower Third, com os Manish Boys em algum lugar no meio. Depois, o Buzz Caramba, quem é que tocava no Buzz? Deviam ser os remanescentes do Lower Third. Depois veio o Hype, um dos meus favoritos, que acabou se tornando os Spiders, só que com Trevor Bolder no lugar de Tony Visconti.

Mas durante algum tempo você também deu uma de cantor folk. "Conversation Piece", um lado B de 1970 que agora é uma das faixas bônus da nova versão de *Space Oddity*, traz uma estrofe típica do folk, "não posso ver a estrada, por causa da chuva em meus olhos" ("I can't see the road for the rain in my eyes").

É bizarro você falar disso, porque repare nesse instante que o novo álbum do Tin Machine tem algo parecido, "há um grão de poeira no meu olho, mas não faz diferença, já vi tudo mesmo" (*there's a speck of dust in my eye but it doesn't matter, I've seen everything anyway*"). Me parece uma diferença de atitudes realmente interessante (*risos*).

Eu tinha passado por duas ou três bandas e não estava feliz com o que estava fazendo. Estava trabalhando com toda especie de mídias misturadas em Londres, e de repente me peguei usando uma simples guitarra. Naquela época, para conseguir um público, o negócio era fazer algo folk. Não fiz muito nessa área, porque senti que não era bom nela. Mas tentei durante algum tempo.

Tem outra linha tocante na mesma música em que você diz que se sente como se fosse invisível, que não seria lembrado.

Eu me sentia muito efêmero, como se não tivesse substância. Não tinha nenhum senso de *persona*. Minha impressão é que eu estava extraindo pedaços de outras pessoas e com isso construindo uma pessoa para mim mesmo. Eu não me sentia invisível, no sentido de que podia observar as pessoas sem ser visto e escrever. Eu me sentia invisível mesmo.

Tem outra música que possui a mesma qualidade melancólica, "Wild Eyed Boy From Freecloud", de 69.

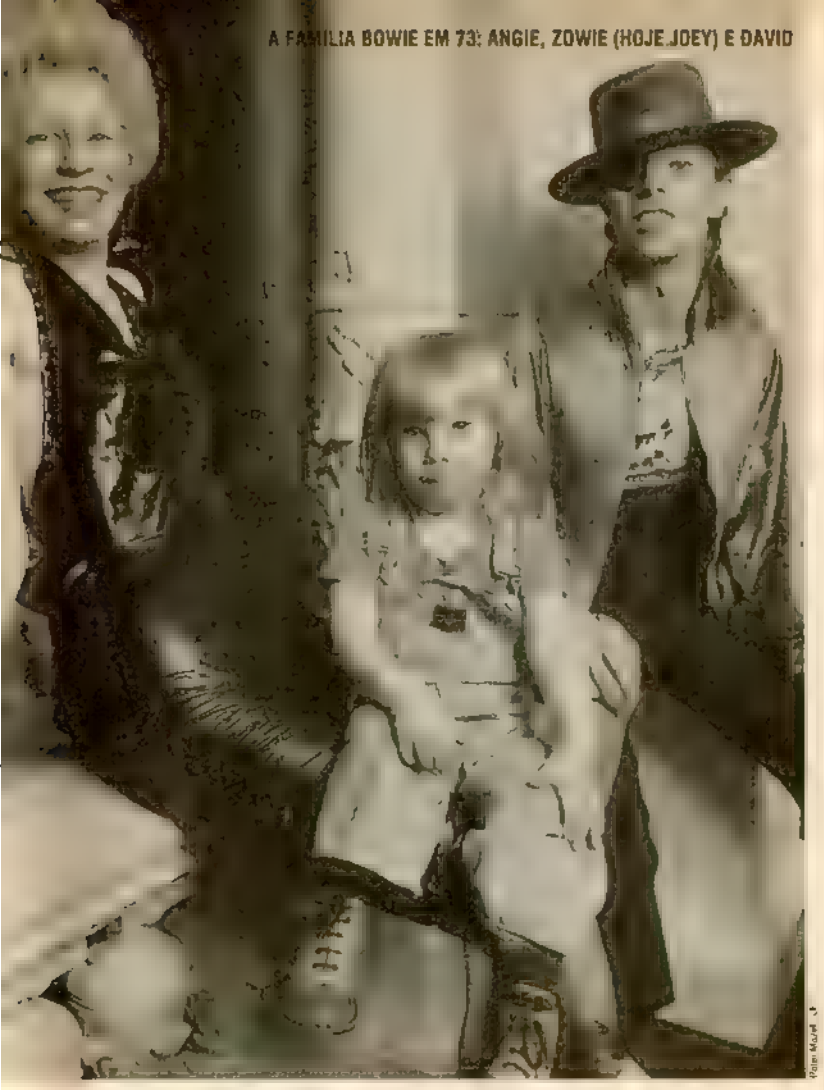
Essa tinha uma narrativa muito forte, funcionou muito bem. É uma das minhas favoritas do período. E sobre as pessoas que se sentem como se tivessem sido deixadas do lado de fora dos acontecimentos, que era como eu me sentia na época.

"London Bye Ta-Ta", uma faixa bônus de 70 que saiu no pacote *Sound + Vision*, soa como se fosse o novo single do Cure.

Me pergunto se o Cure tem a mesma *expertise* na guitarra (*risos*) que eu tinha quando a escrevi. Ela tem os tipos de acordes que você usa quando só conhece uns sete acordes — tem E, A e B. Depois é que se descobre o acorde "mágico", o F-agudo menor, que possibilita a criação de alguns padrõezinhos fantásticos.

Essa música evoca as atitudes que estavam na moda na época, a consciência do estilo, o que tem muito a ver com ser inglês. Lá ninguém quer ser normal ou mediano. Um garoto inglês sempre vai descrever as pessoas pela roupa que elas usam. Não é "ah, aquele cara é legal" e sim "pô, aquele cara usa tergal". Isso tudo sempre me

"Nós começamos abrindo para o Who, chupávamos tudo deles"



A FAMÍLIA BOWIE EM 73: ANGIE, ZOWIE (HOJE JOEY) E DAVID

"Sempre me fascinou a veia dandy da juventude inglesa"

fascinou, essa veia dandy dos ingleses. Vem de ilusões exageradas de um dia termos sido um império. São os restos apocalípticos que sobraram depois que perdemos tudo: "pelo menos ainda temos nossas belas roupas".

Mesmo quando você fazia comentários sociais, como em "Bombers", do *Hunky Dory* (Rykodisc), a abordagem era similar à de "Starman" ou "Space Oddity": você personaliza os tópicos. Neste caso, explorando como se sente o aviador responsável por soltar bombas.

Eu simplesmente queria ser aquela pessoa, para sentir o que ela sentia! Nunca pensei que minhas canções iriam ajudar alguém a pensar ou aprender algo. Mas apesar disso, eu não era o único a me sentir colocado de lado. Muitas pessoas estavam começando a se sentir alienadas da sociedade, especialmente depois da desintegração do núcleo familiar tradicional que aconteceu nos anos 40, 50 e principalmente 60. Então, na década de 70, pessoas da minha faixa etária não se sentiam nem um pouco inclinadas a fazer parte da "sociedade organizada".

Esse era um dos conceitos que "Changes" continha, em 72. Você parecia estar dizendo que fazer o que bem se entendesse podia valer a pena, mas que ninguém devia esperar que a sociedade aceitasse isso tranqüilamente.

E! E aquela coisa, "OK, você liquidou com a unidade familiar e diz que o negócio é ficar maluco e expandir sua consciência e aquela coisa toda. Mas agora que você nos deixou, o que resta?" Porque nós continuamos aqui, só que sem nossas famílias, totalmente pirados e sem ter a menor idéia de quem somos. Esse era o feeling do início dos 70: ninguém sabia em que chão estava pisando.

"Changes" também tinha uma frase que daria um belo título para as suas memórias: "Turn and face the strange" ("Vire-se e encare o estranho").

Essa linha foi obviamente chupada do estilo Jim Morrison/Syd Barrett de escrever. Barrett teve uma influência enorme sobre mim, eu achava que Syd tinha um talento colossal. Ele foi o primeiro cara que eu vi no meio dos anos 60, que conseguia "decorar" um palco. Possuía uma aparência mística, estranha, com unhas pintadas de preto e olhos maquiados. Ele serpenteava em volta do microfone, e eu pensava "esse cara é totalmente hipnótico!" Parecia ter saído de uma peça indonésia ou algo assim. Era mágico. É muito triste que ele não tenha mantido a energia febril que possuía no início.

Muita gente não sabe que você gravou grande parte de *The Rise And Fall Of Ziggy Stardust And The Spiders From Mars* antes de gravar *Hunky Dory*.

Quase metade. Eu precisava de bastante tempo para fazer *Ziggy*, então fiz antes *Hunky Dory* só para cumprir meu contrato — mas mesmo assim, *Hunky Dory* tinha algumas músicas ótimas.

Os Spiders se chamavam Rats antes de você os rebatizar, não?

É, eles eram de um lugar no norte da Inglaterra chamado Hull. Os Rats eram Mick Ronson, Trevor Bolder e John Cambridge. Mick foi trazido por Tony Visconti para tocar em *Hunky Dory* e me disse: "Conheço uns caras lá em Yorkshire que seriam ótimos para trabalhar com você". O conceito do álbum já estava pronto, e então os Rats se transformaram em Spiders.

Antes de Ziggy, ninguém no rock examinara o carreirismo de uma maneira tão brutal. Como você, que ainda estava ascendendo em sua carreira, tinha uma visão tão áspera e não-sentimental sobre o processo de fabricação de estrelas pop?

Acho que foi justamente a idéia de fabricação, e de como ela tinha se infiltrado na cultura popular. Realismo, honestidade e essas coisas todas que apareceram nos anos 60 tinham se tornado chatas para muita gente cínica no início dos 70. Acho que a banda só entendeu em parte o conceito, mas eu achei que seria divertidíssimo fabricar algo totalmente alienígena e irreal — e depois dar vida a essa criação, tomá-la um ícone. Então, toda a história de Ziggy saiu dessa idéia. Voltando àquela sensação de ser invisível, Ziggy foi uma maneira de me recriar. Eu pensei: "Vamos apagar tudo e criá-lo inteirinho, do nada".

"Suffragette City" e "Rock' n'Roll Suicide" foram as duas últimas faixas gravadas para o disco.

Sim, e naquela altura eu estava apaixonado pela idéia do astro de rock como um meteoro. É aquela idéia do Who, "espero morrer antes de envelhecer" ("hope I die before I get old"), uma idéia muito potente. Quando você é jovem, não acredita que um dia vai perder a habilidade de ser tão entusiástico e metido a saber tudo sobre o mundo, a vida e a experiência — que é como você deve ser mesmo aos vinte e poucos anos. Você acha que descobriu todos os segredos da vida ou pelo menos está a caminho de descobrir. Então "Rock'n Roll Suicide" era uma declaração sobre o final do efeito da juventude sobre mim. Já "Suffragette City" reflete meu interesse no período pelo movimento feminista, de uma maneira levemente amarga.

Você se lembra do dia em que Sue Fussey, a cabeleireira, tingiu seu cabelo e lhe deu o corte Ziggy?

Muito bem! Tentamos uma série de cores, até verde, mas foi o vermelho que acabou permanecendo. Se me lembro bem, a razão foi o sucesso que um costureiro japonês chamado Kansai Yamamoto estava tendo em Londres. Ele lançara uma série de roupas inspiradas no teatro Noh e no Kabuki, e uma de suas modelos tinha uma juba de leão vermelha ao estilo do Kabuki. Eu disse para Sue, "isso é o máximo, vamos pintar meu cabelo de vermelho". Ela disse, "Sei, um tom de acaju". E eu: "Não!! Vermelho!!" Toda a culpa pertence a Kansai.

Você foi um dos primeiros artistas cujos shows ficavam lotados de gente vestida como você.

Era extraordinário. Um fenômeno. Especialmente nos shows no Rainbow.

Em que Lindsay Kemp ficava pendurado nos andaimes do teatro...

...vestido como uma fadinha! (*risos histéricos*). Era um show genial, o último dos nossos shows que realmente misturou mídias. Tinha trechos de filmes, três ou quatro níveis de performances, plataformas móveis, a companhia de mímica de Lindsay Kemp, tapes pré-gravados que ficavam repetindo frases.

A nova versão da Ryko de *Ziggy Stardust* tem algumas faixas bônus realmente ultrajantes, gravadas nessa época.

Há uma chamada "Sweet Head" que acabou não entrando no primeiro álbum porque era sobre sexo oral. A RCA, claro, não gostou muito. Se bem que hoje em dia seja tão escandaloso quanto antigamente, talvez eu acabe com um daqueles selinhos na capa!

É inacreditável que você tenha achado tempo para escrever boa parte do *Aladdin Sane* durante a excursão americana de *Ziggy* — aquilo era um caos, parecia um zoológico. Você chegou a gravar algumas músicas em Nova York e Nashville, como "Jean Genie". Como você conseguiu?

Acho que quando você se torna famoso e embarca naquela onda de euforia percebe que aquilo só vai durar por um tempo limitado. Então, tenta produzir o máximo possível, só para o caso de depois perder a oportunidade. Eu costumava escrever e bolar idéias para shows futuros 24 horas por dia — antes que tudo desaparecesse de minha mente. A gestação de "Jean Genie" durou um dia. Eu tinha acabado de conhecer Iggy Pop. Ele era uma figuraça típica de Detroit, e eu estava tentando verbalizar de alguma maneira a idéia que eu fazia dele — que depois, com os anos, mudou. E o título da música era um jogo com Jean Genet.

Outra faixa de *Aladdin Sane* relacionada com Detroit é "Panic In Detroit", que você, no show, cantava dentro de um ringue de boxe.

A inspiração para a música veio daqueles atiradores americanos que subiam nos topos dos prédios e ficavam fuzilando quem passasse. Isso fazia parte do rico cotidiano daquele período (*risos*). Não sei por que usava luvas de boxe... talvez quando você está tocando para dez mil pessoas, precise de algo para atingi-las — como uma luva de boxe. De certa maneira, eu era o atirador; mas talvez também fosse a vítima. As cordas do ringue me amarravam, no final da performance.

Muito disso tudo era derivado da técnica de associação de idéias criada por William Burroughs, que me influenciou muito. É a idéia de colocar todo tipo de elementos e imagens na mesma palheta. Você pega três assuntos diferentes, recorta e remonta de maneira diferente. O resultado é um

"Nos anos 70, ninguém sabia direito onde estava pisando"

“Meu pai era gentil, sensato. Já minha mãe era autoritária”

quarto assunto, que você pode usar diretamente ou como gatilho para uma outra ideia. Por exemplo: você escreve uma frase sobre uma mesa e outra sobre uma loira. O resultado pode ser uma mesa com belas pernas curvilíneas, o que te leva a um assunto completamente diferente dos dois originais, a mesa e a loira. É um bom instrumento para um escritor.

Em 74, depois da turnê *Diamond Dogs*, você residiu algum tempo na Philadelphia, no Hotel Barclay, enquanto começava a compor o LP *Young Americans* no estúdio Sygma Sound.

Devo dizer que tenho ótimos sentimentos a respeito da Philadelphia. *Young Americans* foi o disco mais "social" que já fiz: todo dia uns dez ou vinte garotos faziam plantão na porta do estúdio, dando ideias. E no final da noite nos saíamos e íamos para nightclubs com eles. Quando as gravações terminaram, demos uma grande festa e tocamos as matrizes do álbum para eles. Foi realmente simpático.

Vamos contar direito a história da gravação de "Fame", que foi feita depois das sessões na Philadelphia, no Record Plant de Nova York. O que levou você, John Lennon e Carlos Alomar a comporem essa música?

Minha banda estava trabalhando em cima de um velho single dos Flares, "Foot Stompin'", de 61. Carlos inventou um riff para ela que achei fascinante, mas eu disse que era um desperdício usar aquilo numa música de outra pessoa. Um dia estávamos brincando com esse riff no estúdio e John Lennon apareceu — ele costumava dar as caras lá durante o dia — e nos perguntamos o que achava daquilo. Ele começou a tocar o riff num cantinho, só mexendo com ele e grunhindo *aum, aum*. Quando disse *fame*, as coisas se encaixaram. Dissemos "grande John! Ei, John nos ajudou a fazer essa música chamada 'Fame'!". John continuou tocando a guitarra rítmica e nós fizemos toda a base em uns quinze ou vinte minutos. Foi uma coisa bem Mickey Rooney, sabe, "ei-pessoal-vamos-fazer-o-show-aqui-mesmo!". Aí eu peguei a ideia de fama, fui para casa e escrevi a letra. No dia seguinte, John veio ao estúdio de novo e disse "Essa ficou realmente boa!".

Muita gente tentou chupar o *groove* de "Fame" desde então.

Bom, não sei, mas ouvi falar que James Brown entrou em estúdio duas semanas depois de ouvir a música e fez um single com ela. Sei disso porque Carlos Alomar costumava trabalhar com James Brown. Acho que essa foi a única vez na minha vida em que realmente me senti orgulhoso de ter influenciado alguém.

Vamos falar da sua educação durante a infância e de como ela ajudou a direcionar sua carreira.

O simples fato de descobrir que existia algo como uma escola de arte significou mais para mim do que qualquer outra coisa. Na Inglaterra, quando você chega aos onze anos, faz um exame chamado *Eleven-Plus*. Se você passa, pode decidir entre fazer algo terrivelmente acadêmico, algo mais ou menos acadêmico, tipo engenharia, ou entrar para uma escola de arte.

Lá por 57 ou 58, foi inaugurada em Bromley a primeira escola de arte para garotos de onze-doze anos. Foi uma experiência iniciada por um cara chamado Owen Frampton, o pai de Peter Frampton. Ele pensava que valia mais a pena começar a treinar alguém que tivesse inclinações artísticas aos onze anos que depois, ao dezessete, como normalmente se fazia. Quando descobri isso fiquei pensando, "uau, posso entrar para uma escola de arte aos onze anos e nunca mais estudar matemática!" Era fantástico, então entrei de cabeça. Passava todo o tempo pensando se queria ser um astro de rock ou John Coltrane. E Owen era ótimo. Sabia que muitos de nós, tipicamente, queriam ser músicos, então não forçava ninguém a ficar estudando pintura — sabia que não adiantava nada. Era muito justo, e nos dava muita liberdade.

Que pintores te interessavam na época em que o rock começou a ser importante para você?

Na adolescência, achava que Salvador Dalí era o máximo; Dalí e Van Gogh, para mim, eram o que havia.

Alguma vez um pintor inspirou alguma canção sua?

A primeira vez foi com Warhol, na música "Andy Warhol", do *Hunky Dory*, mas foi mais no sentido de que ele era um fabricante de atmosferas, não um pintor. Não, nunca fiz algo assim.

Você nasceu em 47, num mundo pós-guerra, um período em que se sentia que a civilização teria de encontrar uma nova ordem para as coisas. O rock'n'roll foi parte do processo de tentativa e erro, em que a nova geração tentou descobrir seu próprio caminho.

Em 47, a Inglaterra estava absolutamente destroçada. Quando eu tinha oito anos, todo mundo pensava que nosso destino era seguir os americanos. Achávamos que a música americana era a melhor. Foi o tempo da explosão dos *teddy boys*, com Bill Haley, Elvis e tal. Era um momento exuberante — mas eu ainda era uma criança, e todo mundo me dizia que eu e meus amigos éramos um bando de garotinhos estúpidos. Francamente, o sistema escolar conspirava para liquidar com todo o nosso entusiasmo.

Nós nunca quisemos as liberdades ou a democracia da América. Queríamos James Dean, motos quentes, Hell's Angels. O que tiramos da cultura americana foi muito diferente do que a América achava que estava nos transmitindo.

“Eu não sabia se queria ser um roqueiro ou John Coltrane”

Os artistas de blues, por exemplo, não conseguiam arranjar trabalho nos EUA. Todos eles tinham de vir para a Europa e Inglaterra para conseguir ganhar a vida! O mesmo acontecia com o jazz e o rhythm n'blues. Foi ouvindo o naipe de saxofones de Little Richard que descobri o que é que eu gostava tanto no jazz e nos saxofones.

Mas quando comecei a tocar em grupos, no meio dos 60, a chamada "invasão britânica" já estava acontecendo e nos parecia claro que podíamos pegar a música americana e fazer dela algo nosso. Na Inglaterra, transições no gosto geralmente são complicadas. Me lembro que meu pai adorava big bands, mas não tinha o menor interesse por jazz moderno.

Descreva seu pai, Haywood Jones.

Ele era um homem sensível, muito gentil e muito sensato. Tinha um compromisso muito forte com a firma em que trabalhava, o lar para crianças Dr Barnardo. Ele passou por muita coisa em sua vida... Depois da guerra, ele promoveu a excursão de uma companhia teatral pela Inglaterra, o que o levou à falência. Depois comprou um nightclub em Londres e tentou gerenciá-lo. E depois se comprometeu a ajudar as crianças. Foi uma grande mudança, e não sei exatamente qual a razão. Infelizmente, ele morreu antes de conseguirmos nos tornar íntimos, o que sempre foi um motivo de tristeza para mim. Sempre nos demos bem cordialmente, mas nunca tivemos intimidade. Sempre lamentei nunca termos chegado ao estágio em que realmente pudéssemos conversar.

Como era sua mãe, Margareth?

Bem autoritária. Nunca fomos muito chegados, durante os anos de minha formação. Provavelmente somos muito mais chegados hoje. Eu fui uma criança muito quieta, e o que era mais frustrante para mim e que eu nunca dizia o que passava pela minha cabeça! Passava um monte de tempo sozinho — só precisava de um livro para ficar feliz. Aliás, sou assim até hoje. Sou um leitor inveterado, porque adoro ser transportado. Eu amava Joseph Conrad, achava-o magnífico. Seu livro *Victory* é sublime. Era o que eu queria: explorar mundos novos e estranhos.

Há uma faixa bônus surpresa no pacote *Sound + Vision*: uma versão de "It's Hard To Be A Saint In The City", de Bruce Springsteen, gravada durante as sessões de *Station To Station* em 75.

Quando gravamos isso eu estava maluco! (*risos*). Quando saiu *Greetings From Asbury Park*, achei que o disco era um exemplo maravilhoso do estilo americano de compor. Quando fomos fazer nossa versão de "It's Hard...", um DJ de Philadelphia nos disse que conhecia Bruce, se por acaso não gostaríamos que ele viesse até o estúdio para ouvir a versão. Dissemos que seria ótimo. Aí ele trouxe Bruce Springsteen, e nos tocamos a música para ele. Bruce ficou branco (*risos*). O sangue sumiu de seu rosto. Pensei, acho que ele não gostou muito.

Sentamos no chão e conversamos, e ele foi muito doce e sociável. Mas, a bem da verdade, eu não era exatamente a melhor companhia que se poderia esperar, na época — quer dizer, eu não tinha sobrancelhas, usava uma boina vermelha e estava totalmente chapado, me lembro disso muito bem. Ouvir a música, portanto, era uma coisa; me encontrar era outra.

O cotado estava acostumado a pegar caronas, fazer aquelas springteenices típicas, e nós não tínhamos absolutamente nada em comum. Empurramos um diálogo com a barriga, até

“O importante é que cada um entenda seus passados”

que o DJ tomou uma atitude valente e disse: “Bem, Bruce, acho que está na hora de ir para o hotel!” *(risos)*. Esse foi meu único encontro com Bruce.

Como foi o período em que você escreveu o material de *Low*, em Berlim? Você foi para lá depois de algum tempo morando em Los Angeles com um estilo de vida “selvagem”.

Foi traumático, de verdade. Porque eu estava lutando contra a cocaína. Tive uma série de depressões profundas em Berlim, e acho que isso ficou evidente tanto em *Low* como em algumas passagens de *Heroes*. É a trajetória dessa luta, até me livrar completamente da coca, é perceptível através de quatro álbuns, *Low*, *Heroes*, *Lodger* e finalmente *Scary Monsters* — que considero um desabafo. Esse disco sou eu, erradicando todos os sentimentos pessoais que me incomodavam.

Era isso que você estava dizendo em “Ashes To Ashes”?

Sim, em grande parte. É necessário acomodar todos os seus passados dentro de sua *persona*. É preciso entender o porquê desses passados — isso é o mais importante. Não se pode ignorá-los, colocá-los de lado ou fingir que eles não aconteceram. Resumir tudo a “eu era diferente antigamente” não funciona. É importante entender os seus passados. Ajuda você a refletir sobre o que você é hoje.

Os excessos a que pessoas criativas às vezes se submetem têm muito a ver com isso; as tornam inseguras, de uma maneira muito peculiar. É quase como se elas quisessem acelerar suas vidas para chegar logo na parte boa.

É, tem muito a ver com isso. É usando cocaína, você fica com a falsa impressão de que está fazendo as coisas muito melhor do que na realidade está. Porque se um artista ruim pinta depois de cheirar, suas pinturas serão tão ruins como sempre. Só que ele vai produzir mais quadros ruins.

Durante sua recuperação em Berlim você voltou a viver de maneira comum, morando em cima de uma revendedora de autopeças numa comunidade pobre de imigrantes turcos, e usando uma bicicleta para se locomover.

Essas foram justamente as compensações de viver lá. Foi uma maneira de conseguir me associar novamente a uma sociedade da qual eu tinha me afastado. Pior, eu já estava começando a me sentir totalmente desligado dela. Então, viver lá foi uma maneira de me reestabelecer como cidadão de algum lugar.

Eu tinha enormes dificuldades em me comunicar com as pessoas. Durante aquele período, foi dificílimo me abrir, ou fazer com que outras pessoas se abrissem comigo. Era como se houvesse um muro me separando das pessoas. Ironicamente, escolhi para morar uma cidade que realmente tinha um muro. Mas foi isso que me forçou a confrontar pessoas e situações normais — ou pelo menos tão normais quanto é possível em Berlim. Era uma cidade tensa, ansiosa.

Você trabalhou com Brian Eno em Berlim. Algumas músicas que você escreveu depois para o LP *Lodger*, de 79, ainda se destacam. “Yassassin” e “African Night Flight” incorporavam formas musicais turcas, arménias e africanas. Eram uma espécie precoce de world music.

Nunca levei até o final minhas experiências com o que seria chamado depois de world beat, mas Brian Eno foi fundo. Acho que foram algumas coisas que escrevemos juntos, como “African Night Flight”, que deram a ele o ímpeto de fazer coisas como o disco *My Life In The Bush Of Ghosts* com David Byrne — o LP, aliás, saiu pouco tempo depois de *Lodger*. Ele achava muito estimulante combinar diferentes músicas étnicas com uma batida ocidentalizada — o que eu não queria fazer, pelo menos não era *só* o que eu queria fazer. Mas, mesmo assim, ele achou o que eu fiz nessas poucas faixas muito excitante. Mais tarde, Eno experimentou de maneira brilhante e bem-sucedida com essas formas étnicas.

“African Night Flight” nasceu de um mês e meio que passei no Quênia. Na verdade, os vôos não eram noturnos, e sim à tarde. O piloto era uma certa senhora Sutherland. Ela tinha quase 50 anos, usava óculos de osso, uma longa piteira, e estava sempre perdendo seu mapa de vôo. Era um aviãozinho de quatro lugares, e nos costumávamos entrar em território Masai para procurar rinocerontes e tal. Antes de aterrissar, ela sempre tinha de dar rasantes para espantar as girafas e os rinocerontes que estavam na pista. Isso tudo era terrivelmente excitante, e foi o ímpeto de “African Night Flight”.

Qual é a sua melhor memória do álbum *Let's Dance*, de 83?

Provavelmente a canção-título, porque para mim era uma canção mundana, uma coisinha de nada. Não funcionava, não tinha nada de especial. Mas depois que Nile Rodgers fez o arranjo, ela mudou completamente de uma maneira que eu nunca poderia imaginar. Era uma cançaozinha descartável: “Olha, tenho aqui uma coisinha chamada ‘Let's Dance’, é bem caretinha, mas acho que dá para entrar no lado B, só para encher linguiça”. Mas Nile disse: “Não, deixa ela comigo”. E criou um monstro, uma obra-prima *disco!* Nunca imaginei que isso pudesse acontecer.

Você acha que algum dia vai criar coragem e sentar para escrever sua autobiografia?

Quem sabe? *(rindo e dando de ombros)* Vou te contar uma história. Tive uma namorada muito energética, e uma vez ela me disse: “Eu é que vou escrever um livro sobre tudo isso, até já conversei com a minha mãe a respeito”. Eu perguntei: “Bem, e o que foi que sua mãe disse?” E ela respondeu: “Minha mãe já tem até o título! Minhas Noites Sob Os Astros’” *(ele pisca)*. Ela tinha uma mãe bem moderninha.

TIMOTHY WHITE

SUCESSO A SUECA

ROXETTE

A fábrica de hits que dominou o mundo

"As pessoas não sabiam o que achar da gente", raciocina Per Gessler, a metade cantora compositora e guitarrista da dupla sueca Roxette, uma sensação pop catapultada à fama internacional em 1988 via os singles do album *Look Sharp*: "The Look", "Dressed For Success" e "Listen To Your Heart".

"Achavam que a gente fosse alguma coisa parecida com o Milli Vanilli", prossegue Per, "mas ao vivo o Roxette é uma banda de oito integrantes que cantam e tocam, que não faz dublagem com playback. Sei lá, estavam esperando uma coisa como Paula Abdul."

De fato, ninguém sabia o que achar do Roxette quando a dupla — formada por Gessler junto com a vocalista Marie Fredriksson — surgiu praticamente do nada com suas eficientes confecções pop galgando sem maiores dificuldades as paradas de sucesso. Mesmo nos Estados Unidos, onde a vendagem e execução de *Look Sharp* foi algo de prodigioso, houve um momento em que não parecia haver futuro.

"Marie e eu sonhávamos fazer um disco juntos", diz Gessler, lembrando que antes do Roxette (o nome vem do título de uma canção do finado grupo inglês Dr. Feelgood) ele integrava o Gyllene Tider ("uma mistura de Tom Petty and the Heartbreakers com Kinks") e Marie prosperava como artista solo. "E pretendíamos lançar este disco (conjunto) somente na Alemanha, ou na Holanda, ou na França. Este era o objetivo: conseguir um sucesso *top 20* na Alemanha, para ver se tínhamos fôlego para pegar toda a Europa. Agora, estourar nos Estados Unidos..."

Lançado em outubro de 88 na Suécia, *Look Sharp* teve péssima recepção quando chegou à América: "Diziam que não soávamos americanos o suficiente e que, por isso, as rádios não tocariam o disco. Mas, de repente, uma rádio de Minneapolis — a KBWB — começou a tocar 'The Look' e todas as outras rádios foram atrás". Curiosamente, ao mesmo tempo que se tornou hit nas rádios e na MTV, "The Look" foi alvo de comparações com as músicas feitas pela maior celebridade de Minneapolis, a cidade que primeiro tocou o single: Prince. Gessler ri da comparação. "Quando fiz 'The Look' eu estava querendo escrever uma canção nos moldes do ZZ Top". A polêmica quanto às "fontes de inspiração" do Roxette prosseguiu depois do lançamento do single seguinte, "Listen To Your Heart", uma balada metal instantaneamente associada ao veterano grupo Heart (por ironia, companheiro de gravadora do Roxette). De novo Gessler contra-ataca, argumentando que a intenção fora "compor um hino heavy típico do estilo 'rock de arena'. Assim poderia ser comparado a Foreigner, Scorpions, Bryan Adams, ou a qualquer outro".

Sem dar ouvidos a essas críticas — e com mais um hit no currículo, "It Must've Been Love", da trilha do filme *Uma Linda Mulher* —, Gessler e Marie estão trancados num estúdio de Estocolmo gravando o sucessor de *Look Sharp*. Para o projeto, ainda sem título, já prepararam onze novas faixas, todas bem curtas. "Como nos inspiramos muito nos anos 60 e 70, tentamos compor cada canção de forma que ela seja um single, entende?"

Deve-se esperar muita diferença no material novo? "É um disco com som de banda ao vivo, com muitas guitarras. Excursionamos pela Europa ano passado e nos enchemos de tantos sequenciadores e sintetizadores. Então, resolvemos voltar às raízes."

JOSÉ EMILIO RONDEAU

A OUTRA METADE

Marie Fredriksson, a delicada platinum blonde da dupla Roxette, detesta falar sobre sua vida. Geminiana (nasceu dia 30 de maio de 58, na cidade sueca de Angelholm), começou sua carreira de cantora influenciada pelas baladas folk de Joni Mitchell. Chegou a gravar três LPs solo que, assim como *Pearls Of Passion*, álbum de estréia do Roxette, nunca foram lançados fora da Suécia. Conheceu Per Gessler há doze anos, mas os dois só começaram a trabalhar juntos em 86. Mesmo após o sucesso planetário do grupo, Marie ainda milita no Partido Comunista sueco e adora macarrão

ESTRÉIA
COBERTURA NACIONAL VIA SATÉLITE
EM OUTUBRO
Minha MTV
não pára quieta.
É um novo show
a cada três minutos.
Ou a cada dois,
um, meio.
MTV
MUSIC TELEVISION
TE VEJO NA MTV.
Rede Abril
de Televisão

PONHA NO PAPEL O QUE VOCÊ TEM NA CABEÇA.

AGORA, MAIS PRÊMIOS PRA VOCÊ CRUZAR.

1º Discman Sony, uma coleção CD dos Stones e uma assinatura da revista Bizz
2º Rádio Gravador Sony e uma assinatura da revista Bizz
3º Bicicleta Bizz Tetraciclo e uma assinatura da revista Fluir
4º Bicicleta Bizz Tetraciclo e uma assinatura da revista Fluir
5º Rádio Gravador Semp Toshiba e uma assinatura da revista Bizz
6º Rádio Gravador Semp Toshiba e uma assinatura da revista Bizz
7º Guitarra Giannini e uma assinatura da revista Bizz
8º Baixo Giannini e uma assinatura da revista Bizz
9º Remo-remo Dcesar e uma assinatura da revista Fluir
10º Relógio Cosmos Soviet e uma assinatura da revista Bizz
11º Relógio Cosmos Soviet e uma assinatura da revista Bizz
12º Prancha Bodyboard Scott e uma assinatura da revista Fluir
13º Mochila Hands Off e um porta-fitas
14º Óculos Escuros Spy e um porta-fitas

Os primeiros 50 cupons que chegarem à Editora Azul ganham um porta-fitas.

VOCÊ ENTENDE DE ROCK.

Então, é só resolver as palavras cruzadas da página ao lado e descobrir a palavra-chave. Ela é composta pelas letras que ficaram nos quadrinhos amarelos. Para quem conhece rock como você, vai ser moleza.

VOCÊ TEM CRIATIVIDADE.

Agora, é só se inspirar na palavra-chave e deixar a imaginação voar. Crie a maior loucura: uma frase, um poema, uma ilustração, uma foto, uma colagem, uma música, o que você quiser. Para isso, use o espaço reservado no verso da página ao lado ou tire xerox. Mas lembre-se: só concorrem as idéias que utilizarem a palavra-chave como tema.

Participe enviando esta página, com o cupom abaixo devidamente preenchido, para a:Cruzadas Bizz. Av. Nações Unidas, 5.777 - Alto de Pinheiros CEP 05477 - São Paulo. A/C Depto. de Propaganda/Promoções - Div. Segmentados.

RZ 35-62

Nome _____ Idade _____

Endereço _____ Cep _____

Bairro _____ Cidade _____ Estado _____

Telefone _____ É assinante de Bizz? Sim Não

A palavra chave é: _____ Assinatura _____

RESULTADO DO ÚLTIMO NÚMERO

REGULAMENTO:

O critério de avaliação do concurso levará em conta a criatividade e a originalidade usadas para a realização do trabalho.
O local de exibição dos prêmios: Av. Nações Unidas, 5.777 - Alto de Pinheiros - CEP 05477 S. Paulo.
Os trabalhos, classificados ou não, pertencerão à empresa
Os prêmios ficarão disponíveis 60 dias contados a partir do dia da apuração.
Só serão válidos os trabalhos enviados no formato demarcado.
Os trabalhos serão escolhidos por um júri especial formado pela redação da revista Bizz.
A lista de premiação será na Revista Bizz, edição nº 63, do mês de outubro
A apuração será realizada à Av. Nações Unidas, 5.777 - Alto de Pinheiros - CEP S. Paulo, no dia 15/10/90 às 14 horas.
Os trabalhos deverão ser entregues até o dia 05/10/90.
Os prêmios serão entregues na Editora Azul, ou nos distribuidores locais, caso o premiado resida fora da Grande São Paulo.
O premiado receberá comunicação por telegrama do local e prazo para a retirada dos prêmios.
Será vetada a participação de funcionários ou parentes de funcionários da Editora Azul.

ESPAÇO RESERVADO PARA VOCÊ CRIAR A MAIOR LOUCURA.

cosmos

MONTAG

SONY

SEMP TOSHIBA

Giannini

SPY sunglasses

TEKCICLO
Fabricante da Bicicleta Bizz

SCOTT

CBS

Discman

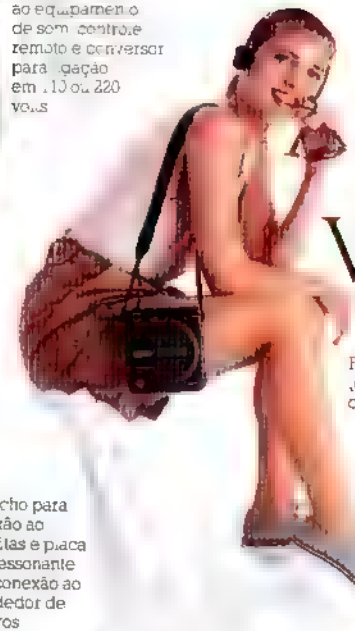
O mais versátil e único CD Player portátil do Brasil.

Vai pra casa.

Cabo de ligação ao equipamento de som, controle remoto e conversor para ligação em 110 ou 220 volts

Vai pro carro.

Cartucho para conexão ao toca fitas e placa anti ressonante com conexão ao acendedor de cigarros (opcional)



Vai com você.

Fone de ouvido (opcional), alça e pilhas comuns

PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS

SONY
LÍDER MUNDIAL EM DIGITAL AUDIO

SOUL II SOUL

SOUL MAN

Jazzie B volta à carga com um segundo LP tão bom quanto *Club Classics* e um esquema comercial sem precedentes no pop. Será que está nascendo um capitalismo *funkí dred*?

O SOUL II SOUL NA ENTREGA DO BRITISH AWARDS

"As idéias eu tenho. A parte técnica, deixo para os outros"

Ele pode ser presidente de uma companhia. Um empresario de 27 anos, num terno azul-marinho de corte impecável, exibindo carissimas pracas dentárias cada vez que abre a boca. Pode até ser o tipo de lider que, antes de uma entrevista, segue conselhos de um assessor e faz uma rápida limpeza de pele. Mas nem por isso Mr. Jazzie B deixa de atender ao interfone quando necessário. Como ele mesmo define, numa fala lenta, marcada pelo sotaque cockney: "Quando não estou por perto, as coisas aqui andam meio devagar."

Nesse caso, Jazzie B deve estar sempre por perto, porque tem muita coisa acontecendo por aqui. Não que se perceba algo, olhando o predio por fora. O quartel-general do imperio empresarial Soul II Soul fica num pequeno grupo de armazéns e galpoes abandonados, no norte de Londres, cercado por um conjunto habitacional. Não há sinais exteriores que demonstrem o tamanho e a complexidade do que acontece lá dentro — exceto pelo arame farpado nos muros, o grosso portão de ferro da entrada principal e um pedaço de fita adesiva, onde alguem escreveu com pincel atômico "Soul II Soul". No estacionamento, duas coisas dissipam qualquer duvida de que este é o lugar certo: o porteiro com seu cabelo "funki dred" (raspado nos lados e atrás, e em cima um conjunto de tranças curtas amarradas) e um carro negro e reluzente, com vidros escuros, que parece uma banheira movel — o meio de locomoção preferido de Mr B.

O porteiro nos conduz até o galpão principal. Esta é a parte da propriedade onde se fazem videos e "alguns ensaios", um enorme espaço vazio, pintado de branco. Numa ponta, se vê uma televisão com o volume abaixado e um estereo que manda *grooves* dançantes para duas caixas de som mais adequadas a um hangar que uma casa. Daqui se vai para o escritório e para os outros departamentos, atraves de diversas escadarias e corredores. São as instalações do pessoal do Soul II Soul, não apenas membros de um grupo pop de muito sucesso, mas também peças de uma máquina de negocios ajustada de forma exima. Uma rapida checagem de nomes: "Aitch e Sparky cuidam das lojas, dos nightclubs. Nicolai é o diretor de arte e Daddae... Daddae é apenas Daddae".

Foi Philip "Daddae" Harvey quem conheceu Jazzie B no inicio dos 80 e propôs Soul II Soul ("um nome espiritual") como um nome apropriado para promover seus serviços como DJs e locadores de aparelhagem de som. Ambos pareciam possuir uma energia que desafiava qualquer padrao de logica. Enganavam a falta de fundos carregando seus alto-falantes pela zona norte de Londres em onibus ou, em tempos mais dificeis, em carrinhos de supermercado. O dinheiro ganho com o aluguel de equipamento era rapidamente investido nos seus próprios projetos de festas em armazens (os famosos *warehouse raves* ou *parties* que enlouqueceram Londres na primeira metade da decada de 80), levando a lucros maiores e mais frequentes. Ao mesmo tempo, sua reputação de promover festas inesquecíveis espalhou-se pela cidade. "Alguns davam no maximo um showzinho de luzes. Nós tinhamos serpentina, espuma, balões, chocolates — a coisa completa."

Por volta de 86 eles começaram a fazer as noites de domingo no Africa Centre de Londres, em Convent Garden, demonstrando um astuto instinto comercial conjugado com uma apurada perspectiva do momento. "A midia começou a explorar a cena underground e a expôs mais do que devia. Quando o sistema tirou vantagem da ideia, decidimos nos esforçar e conseguir um lugar dentro da lei. O Africa Centre era muito conhecido, todo mundo ia lá. Então em 1988 nós fomos para o Fridge, em Brixton, porque queriamos um lugar bem grande mas que não fosse na area central da cidade. Nao ficamos felizes em ver tudo se legalizar assim, mas ia acabar acontecendo. A cena estava ficando fora de controle."

Nesse meio tempo, algo como uma coletividade Soul II Soul estava começando a se formar ao redor do nucleo original. Ela se diversificou em outras empreitadas comerciais dentro do género — venda de camisetas, jóias e gradativamente uma coleção de moda mais ampla. E, assim como o lado *club* dos negócios, estes projetos ascenderam da condição semi-oficial (barracas em feiras e vendas dentro dos clubes) ate a situação convencional, *mainstream*, pagadora de impostos.

Consequentemente, Jazzie B já estava se virando muito bem financeiramente antes de constar dos planos de uma grande gravadora. Ele nunca foi e continua não sendo, segundo suas palavras, um músico ("meus pais me obrigaram a aprender piano, mas nunca curti. Consigo até martelar alguns acordes, mas a coisa mais importante é que eu consigo interpretar minhas ideias para outros musicos. Existem outras pessoas por ai que têm a tecnica"). Mas um contrato sempre esteve entre seus planos. "Desde o tempo da escola eu estava criando dubs, e eu sempre criei gravações especiais para os sistemas de som. Já passei muito tempo em estudios de gravação."

Em 1985 ele encontrou, em Nellee Hooper, alguem para incrementar sua própria experiencia. Hooper era membro de uma equipe de mixagem de Bristol, a Massive Attack. Após alguns desencontros iniciais, os dois se tornaram amigos. Hooper ingressou então nos dominios do Soul II Soul, onde ele permanece até hoje, trabalhando nos bastidores.

Em 87 um diretor de estudio concedeu a Jazzie B e Hooper algumas horas gratuitas. Eles gravaram então "Fairplay" e saíram à caça de um contrato. A fita não tinha nada a ver com a habitual demo vagabunda, acompanhada de um material promocional artesanal. Jazzie B entregou aos representantes da industria fonografica um portfolio encadernado, que detalhava suas experiências como administrador de uma equipe de som.

A Virgin chegou na frente e colocou o grupo no seu selo Dance 10. "Fairplay" alcançou um modesto numero 63 nas paradas em 1988. O seguinte, "Feel Free", foi um pouco pior, chegando ao numero 71.

Aí então veio "Keep On Movin'", um lento e dançante *groove* com um vocal extasiado da cantora de estudio Caron Wheeler. Aberta e enxuta como uma faixa de reggae mas com um brilho evidentemente vindo do soul, "Keep..." pode ser qualificada como a musica dance inglesa padrão de 1989 (posteriormente, nada menos do que 28 faixas diferentes foram gravadas usando sua batida). Em cima dela, foi lançado tambem o primeiro LP do Soul II Soul, *Club Classics Vol. I*, para o qual Hooper e Jazzie B convocaram os prestimos musicais de praticamente todos seus conhecidos de vida noturna. "Excetuando Caron, todo mundo naquele disco passou por nossos clubes. Tem tanto talento ali que ele simplesmente aflora."

O modesto nome do primeiro LP foi especificamente inventado para sugerir a fruição de um projeto de longo prazo, o resultado de trabalho duro e paciente. Suas vendas levaram o disco à plabna na Inglaterra e EUA. Um sucesso enorme, alcançado na primeira tentativa — e agora?

"Simplesmente fiz o que devia ser feito a seguir — peguei umas trinta canções e escolhi dez. Foi como ferias... Escolher as dez foi o que tomou mais tempo." O segundo LP, *Soul II Soul Vol. II, 1990 A New Decade*, é, segundo Jazzie B, "profundo". O que quer dizer que ele se baseia nas pistas ("minhas ideias sempre têm a perspectiva do DJ") mas contem uma mensagem — segundo as palavras de uma das musicas, "alcance o que está na mira da sua mente". Prosseguindo. "implemente suas ideias, coloque-as em ação". Mais à frente, "seja seletivo, seja objetivo, seja de valor para o coletivo". Resumindo, "Get A Life" (Se ar-

JAZZIE B E NELLEE HOOPER EM CINCO LIÇÕES

"Back To Life" Soul II Soul
"Do The Right Thing" (Happiness Remix) Redhead Kingpin & The FBI (mixado por Jazzie B e Nellee Hooper)
"Keep On Movin'" Soul II Soul
"Get A Life" Soul II Soul
"Ghetto Heaven" The Family Stand (produzido e mixado por Jazzie B)

A dupla também produziu The Chimes e Fine Young Cannibals. Hooper participou do *Raw Like Sushi*, de Neneh Cherry, e co-produziu *Nothing Compares 2 U* para Sinead O'Connor.

CINCO CHUPAÇÕES DO SOUL II SOUL

"Moments In Soul" JT & The Big Family
"The Message Is Love" (Remix) Arthur Baker & Al Green
"Autumn Love" Electra
"Loaded" Prima Scream
"Keep It Together" Madonna

A MODA ACESSIVEL DAS LOJAS *FUNKI DRED*

[illegible] sem aba. O acessorios [illegible] as pulseiras [illegible] e os broches [illegible] funk dred. Nessas [illegible] vamos — e em algumas [illegible] - comparece a figura que re[illegible] alter ego de Jazzie B: [illegible] o negro, de oculos, [illegible] com o cabelo [illegible] s e as tranças voltadas para cima. E e o proprio Jazzie [illegible] mensa preocupação na parede que assiste a multidão de lutadores e vitimas da moda com[illegible] m para um dos negocios mais [illegible] ntes da década.

Todos os artigos tambem podem ser adquiridos pelo correio. Para pedir o catalogo, basta escrever para: **Soul II Soul Mail Order Department**, 162 Camden Highstreet, NW1 ONE, London, United Kingdom.

AMAMAR A [illegible]

rume acredite em voce tome jeito).

O que o Soul II Soul fez foi extrair as diversas facetas de um estilo de vida alternativo frutifero, mas marginalizado (sua musica, suas roupas e a atitude trazem isso implicito) e coloca-las numa posicao de evidencia, onde todos pudessem ve-las e consumi-las. Ja sera um feito formidavel nas maos de qualquer agrupamento pop britanico, mas e ainda mais extraordinario quando conseguido por um que tambem e negro. Nao ha como citar precedentes (provavelmente porque não existem).

Jazzie B e britanico, filho de imigrantes de Antigua (Caribe). Quando ainda estudava e era conhecido como Beresford Romeo, deu muitas pistas de sua capacidade de organizacao. Quando o professor saia da classe, ele organizava discussoes sobre coisas diversas. Sempre teve uma voz ativa.

Ha muita gente com visao estreita por ai dominando nossa sociedade. Agora, isso pode se tornar algo com que voce se acostuma ou algo que voce usa a seu favor, algo que te fortalece. Nos mandamos em tudo aqui, controlamos a organizacao, sabemos o que e como queremos as coisas. Mas temos pessoas experientes por perto — amigos, pessoas de negocios. A chave e se abrir e escutar.

Comparacoes entre a organizacao Soul II Soul e a empreitada desastrosa dos Beatles, a Apple Corporation (quando os cofres do grupo ficaram a disposicao de pessoas sem nocão nenhuma de negocios), o que levou a exaustao tanto dos recursos como da paciencia, recebem, previsivelmente, uma recepcao fria.

Somos mais realistas porque estamos lidando com nossas necessidades. As pessoas sugerem os esquemas mais estranhos — desde um desfile de moda ate a fabricação de extintores de incendio com nossa grife. Extintores de incendio? Um cara quer patentear um. Ainda estamos pensando no assunto.

Quer dizer, so posso fazer o que posso fazer.

GILES SMITH

PROXIMOS PROJETOS

Os proximos dois itens na agenda de Jazzie B prometem dar o que falar. Primeiro vem a estreia do selo Soul II Soul, que trará a cantora Victoria Wilson-James (que participa do novo disco do grupo), mais o tecladista de garage house Jimmy Polo e a cantora Lamora.

Este mês estréia o show *Welcome To The World Of Soul II Soul* uma superprodução que envolverá 67 *performers*, dos quais quinze musicos, e será dividida em três seções: uma sequencia simulando um nightclub, um desfile de moda e o show.

PRETENDERS

OS REMIXES CHAKOALHANTES DE MISS KHAN

Life Is A Dance é um disco fundamental para entender o trabalho de DJs e produtores da dance music contemporanea. Alguns dos melhores estao presentes no disco. Afora isso, **Chaka Khan** e uma cantora fabulosa. Quer dizer ate roubar dinheiro da bolsa da sua mãe se for preciso é justificável para obter o disco. Abaixo, um rapido quem e quem em *Life Is A Dance*

David Morales ("Life Is A Dance"). Morales é um DJ de Nova York e, ja tendo feito muitos remixes sozinho, tempos atras se uniu a Frankie Knuckles numa das parcerias mais fecundas e interessantes da dance music. Para o fim do ano espera lançar seu primeiro LP. Confira: "Get Up" (Technotronic), "What Did I Do To You?" (Lisa Stansfield). Com Knuckles, "Whatcha Gonna Do With My Lovin'" (Inner City) e "Visions (Robert Owens)

Paul Simpson ("Eye To Eye" e "I Feel For You"). Paul Simpson e a produtora musical onde trabalha, Smack, estão entre os pioneiros do garage house de Nova Jersey. Simpson ja trabalha com dance desde 1983, mas foi só com Adeva, a quem descobriu e de quem produziu tudo até agora, que o mundo conheceu seu talento. Gravou um LP solo. *One*. Ouça também "Soul Talkin" (Chaka Khan, remixado do ultimo LP de estudio).

Danny D ("I'm Every Woman"). Danny D, um dos DJs e produtores ingleses mais respeitados, é o lider do D-Mob e foi quem introduziu o som garage de Adeva na Inglaterra. Alem do LP do D-Mob, *A Little Bit Of This, A Little Bit Of That*, procure ouvir: "Hold You Back" (Blacksmith) e "Respect" (Adeva, versao com rap de Monie Love)

Frankie Knuckles ("Ain't Nobody"). "The Godfather Of House" e como e conhecido este DJ de Chicago. Ultimamente tem trabalhado muito com David Morales, mas seu envolvimento com dance vem desde 1986, quando ajudou a inventar a house. Promete um LP (o primeiro!) para breve. Conheça: "Your Love" FK), "Baby Wants To Ride" (FK e Jamie Principle), e "Talking With Myself" (Electribe 101).

Robert Civilles e David Cole ("Clouds"). Ficha completa ao lado

PRODUÇÃO LATINA

Robert Civilles, DJ e **David Cole**, tecladista. Não te dizem nada estes nomes? Mas deveriam dizer, pois os dois rapazes de Nova York formam uma das duplas mais prolificas e imaginativas da dance music dos ultimos tres anos.

Tudo começou em 1987, quando Civilles e Cole fizeram seu debut no estudio com "Do It Properly", creditado a 2 Puertoricans, A Blackman and A Dominican, respectivamente. Robert Civilles, Dave Morales (ver ao lado), David Cole e Chep Nunez, um dos Latin Rascals. A faixa, um house vigoroso e que ao longo de sua duração ia apresentando muitas variações, foi remixada, copiada, elogiada, consumida e dançada o suficiente para alcar Civilles e Cole à fama no circuito dance. No Brasil ela esta disponivel na coletanea *Hot Dance* da Som Livre. O estilo Civilles e Cole se fez presente em remixes, produção adicional e produçao total. A lista dos feiticeiros inclui 28th Street Crew, The Brat Pack, Natalie Cole, Kym Mazelle, Grace Jones, Be Be & Ce Ce Winans, Chaka Khan, Cover Girls, Stacy Q, Communards, Seduction, Joyce Sims.

Mas o **Seduction** foi a jogada certa. Um trio feminino na linha muita cara, muita pose e pouca roupa, o Seduction, verdadeiro exemplo de girl-group dos anos 90, interpreta canções popissimas em cima de um ritmo dance macico fornecido pelas abençoadas mãos de Civilles e Cole.

CIVILLES & COLE EM 5 LIÇÕES

"Do It Properly" **2 Puertoricans, A Blackman and A Dominican** (de tudo um pouco)
Pink Cadillac" **Natalie Cole** (remix)
"I Need As Rhythm" **28th Street Crew** (prod. e remix)
"Heartbeat" e "Two To Make It Right" **Seduction** (tudo)
"All That Glitters Isn't Gold" **Cover Girls** (prod. e remix)

ERRATA 1

O TB 303, citado como bateria eletronica na BIZZ de julho, é um instrumento que faz linha de baixo ("bassline").

Jose Roberto Mahr, 35, carioca, perdeu a noção de quando começou a trabalhar com som. Ja passou por quase todas as casas noturnas da Zona Sul do Rio (Marmao com Açucar, Mistura Fina, Balibar, Papagaio Crepusculo de Cubatão etc.) e hoje sacode com sua equipe o Kitschinet, em Copacabana, aos sabados.

Desde 1984, Mahr apresenta e produz o popular Novas Tendencias (NT), programa semanal transmitido nas FMs de 12 cidades, que recentemente ganhou uma versão para TV (TV Corcovado, Rio, e talvez TV Record, em Sao Paulo). A Stiletto lançou, há pouco, a coletanea NT, que inclui faixas de West Bam e Klinik.

Apesar de ele ser o mais conhecido, Mahr frisa que não é lider de sua equipe e que os meritos são de todos. E para ser um bom DJ? "O que importa é a seleção, a mixagem perfeita e de menos, senão você se torna escravo dos BPMs."

GURU JOSH

TOP 10

"Find A Way" **Coldcut & Queen Latifah**
"Glider" (remix) **My Bloody Valentine**
"Loaded" (remix) **Primal Scream**
"Cubik" **808 State**
"Lightning Man" **Nitzer Ebb**
"Moving Hands" **Kānik**
"The Wall" **West Bam**
"Infinity" **Guru Josh**
"Get A Life" **Soul II Soul**
"Fool's Gold" **Stone Roses**

CLUB CLASSICS

"Funky Drummer" **James Brown** (1970)

Evidentemente são muitas as musicas de James Brown que merecem um lugar nesta seçao. Com o tempo, espero fazer justiça a boa parte delas (sugestoes sao sempre bem-vindas...).

"Funky..." foi escolhida pelo seu poder de influencia na musica de dois anos para ca, não so dance music mas pop em geral. Candy Flip, Kylie Minogue, Mantronix, Lisa Stansfield, Fine Young Cannibals e Pasadenas são alguns que já sampleraram o imortal beat.

Por que? Ora, possivelmente é a melhor batida já inventada e gravada. Durante os quase dez minutos da faixa, a improvisaçao à *la* jazz no orgão Hammond, na guitarra e nos metais rola solta sobre uma batena firme e precisa. Em dado momento ela sola, logo em seguida ao anuncio de James Brown, que, depois de grunhir e berrar muito durante a musica, cede a cena ao homenageado da session, que ai joga tudo nas baquetas e arrasa.

Chimes "I Still Haven't Found What I'm Looking For" / **Massivo** "Loving You"

Duas covers maravilhosas. O grupo soul escoces Chimes conseguiu injetar vida e graça na outrora tediosa canção do U2. O Massivo, da Italia, reatualizou com grande eficiencia o hit 70 de Minnie Ripperton.

Chad Jackson "Hear The Drummer Get Wicked"

Não so o baterista, mas a pista toda corre grande risco de ficar "wicked" (malvado, sacana) com a faixa de Jackson. Paula Abdul ja convocou o rapaz para remixar seu single novo, "Cold Hearted".

Coldcut & Queen Latifah "Find A Way"

OK, OK, deve faltar apenas meia duzia de pessoas no universo pop que ainda nao gravou com Queen Latifah, mas ela e outra, que ha de se fazer? Um Funkenstein com tempero reggae.

Jamie Principle "Date With The Rain"

O sensualissimo vocal de inumeras produções do começo da *Chicago house* (como "Baby Wants To Ride") esta de volta produzido por Steve "Silk" Hurley. E ele nunca esteve tao pop.

Kicking Back "Everything"

Tão bom quanto o primeiro, "Devotion". Este grupo de Nottingham tem muito soul e a palavra "talento" cairnbada bem grande na testa.

Eurythmics "Sweet Dreams"

Conta a historia que um desconhecido produtor pegou o classico de Lennox e Stewart, radicalizou em cima completamente, a faixa chegou aos ouvidos de Annie Lennox, que amou e mandou descobrir o responsável para promover o lançamento oficial. O disco é alucinadesimo e nao guarda quase sombra do original.

ERRATA 2

Uma ediçao voraz limou boa parte do comentário sobre os discos do Black Box e 49ers, no mes passado. Para saber minha verdadeira opinião, consulte a Bizz no mes que vem.

CAMILO G ROCHA

CONEXÃO BRASIL

PORTO ALEGRE

Tocar é muito. modo[illegible] so e genial baixista gaúcho Carlo Pianta (ex-DeFalla, ex-Graforreia Xilarmônica, ex-Júlio Reny & Expresso Oriente) a largar suas inúmeras atividades e se dedicar a uma única banda: **Ceres**. Músicos do gabarito exigido pela ambição do projeto, além de um cantor louco e honesto – que sabe o que diz em versos como "os meus sonhos saindo da cabeça [illegible] bate na minha cabeça, bate e quebra ela" – concretizam com perfeição a idéia de uma banda em constante aprendizado. Com a clássica concepção de trio (baixo, guitarra, bateria) e **lead singer**, eles se encontram todos os dias para tocar ou estudar em conjunto os caminhos de harmonias e contraponto, fazendo de Ceres mais do que uma banda de rock visceral: uma ponte para ra[illegible]as radicais de muita esmerilhação.

CARLOS EDUARDO MIRANDA

URUGUAI

Considerando exceções as experiências isoladas de selos como Vortex ou S.S. Fuckin' Tapes, peitar uma produção *fonográfica* para lançá-la apenas em *fitas* não é uma conduta típica dos brasileiros (leia nota sobre cassetes na página ao lado). No Uruguai, entretanto, são as fitas que viabilizam o mercado independente. A primeira a desembarcar na BIZZ (edição 55) foi do grupo heavy metal Alvacast.

Agora, mais um exemplar da Orfeo (selo que reúne a maior parte das bandas independentes) foi remetido para cá: *Rocanrol Del Arrabal*, da **La Tabare Riverock Banda** — para quem se lembra dos hilários e hipercompetentes Les Luthiers, esta é uma versão ainda mais cínica e muito mais agressiva.

Totalmente composto por Tabaré Rivero, o repertório do grupo visita gêneros musicais variados sem se desprender de um conceito extra-musical pautado no sarcasmo e com uma ironia fina e cruel. La Cumparsita, o clássico tango instrumental de G. Matos Rodríguez, é interpretada por um violão acadêmico que, após poucos compassos, é substituído por uma formação power trio e desemboca num arranjo quase hardcore. Outras faixas trazem títulos surpreendentes como "El Clítores Letal" e "Somos Todos Subversivos", que permeia o grito de guerra "hay que legalizar" a coisas como "el aborto", "la poligamia", "el suicidio". Há momentos que lembram Titãs e Paralamas do Sucesso, mas sempre tratados de forma cômica. Música e humor aliados de forma inteligente, como poucos brasileiros sabem fazer.

Embora disponível somente em cassete, a produção é muito boa: a fita gravada em dolby, e o encarte traz todas as letras. Contatos: Andrés S. Blanco, Francisco de Sostoa, 1337, apt° 301, CP 11000, Montevideo, Uruguay.

CELSO MASSON

BELO HORIZONTE

Veterano entre as hostes metálicas das Gerais, o **Kamikase** volta a rasgar os céus, agora sob os auspícios da Cogumelo Discos. Simplesmente intitulado [illegible], o novo LP da banda parece ter tudo para ultrapassar a marca do álbum de estréia, que obteve a surpreendente vendagem de seis mil cópias.

Mantendo intacto desde 84 o seu line-up — João Guimarães (bateria), Guilherme Bizzo (vocal), Gustavo Duarte (baixo) e Regina do Silva (guitarra) — o Kamikase persiste trilhando a senda do blues e do hard rock, como atestam as [illegible] "Stou[illegible] with Your Fingers", "Roleta Russa" e "Jogo Sujo", essa última já marcando boa presença nas rádios. Em breve Rio e São Paulo também poderão conferir o poder de fogo da banda. Aguardem.

ARTHUR G. COUTO DUARTE

SÃO PAULO

Alimentado pelo experimentalismo, o **Kumbai Nidada** há anos [illegible] com um [illegible] músico-performático estritamente pessoal. Formado em 1982 como trio, o grupo sempre buscou interação com outras linguagens, sobretudo com as artes plásticas e cênicas e a literatura — em 88, numa performance conjunta com os grafiteiros Tupinãodá, montada em containers dentro do Pavilhão da Bienal, em São Paulo, o grupo com[illegible] uma [illegible] para teatralizar poemas da grega Safo (600 a.C.). Como duo, Anjo Flores e Lourenço Prado Brasil [illegible] formações instrumentais bastante adequadas ao que denominam pós-indústria primitiva: com um amplo espectro timbrístico capaz de combinar cítara, sax de bambu, violoncelo ligado a pedais de efeito, baixo elétrico, instrumentos de percussão [illegible] e [illegible] objeto não sei[illegible] instrumento que associa timbres industriais a imagens geradas por um projetor de slides [illegible] e ferrophonia [illegible] de [illegible] operados [illegible] efeitos percussivos [illegible] uma ampliação de sonoridades.

C.M

RIO DE JANEIRO

Há dois anos Rogério [illegible] no Circo Voador e junto com Carlos Fuchs (ex-pianista da Rio Jazz Orchestra) criou o **Regua**. Contando com as colaborações de Fabrício (baixo) e Antônio Saraiva (sax) em shows, acrescentaram em 89 mais um integrante: Fernando Mor[illegible] (violão elétrico e vocal). Enquanto Fuchs comanda todos os instrumentos eletrônicos, Rogério prepara o contraste transmutando sua formação [illegible] em vocais passionais. "Não renegamos o lado pop [illegible] experimental. Pop erudito é um bom rótulo." [illegible] Tupi[illegible]ca [illegible] os [illegible] do **Saara Saara** têm pavor de ser confundido com [illegible] tecnopop acelerado e também se diverte com os rótulos: "Acho que fazemos MEB: música eletrônica brasileira." Em 86 [illegible] Raul Rachid [illegible] eletrônicos, formaram [illegible] tentando unir música medieval, eletrônica e clássica com referências bastante atuais.

LORENA CALABRIA

CASSETES

Reproduzir uma demo em larga escala e vender as cópias foi a solução encontrada pelas bandas **48 Horas** (de Bauru, SP) e **Mentecaptos Eróticos** (do ABC) para matar três coelhos: 1) A demo é inevitável, então grave a melhor que você puder; 2) Demo boa sai caro, vendendo as cópias dá para pagar o investimento; 3) você não tem de esperar o sonhado [illegible] para que os outros te ouçam. Faça você mesmo.

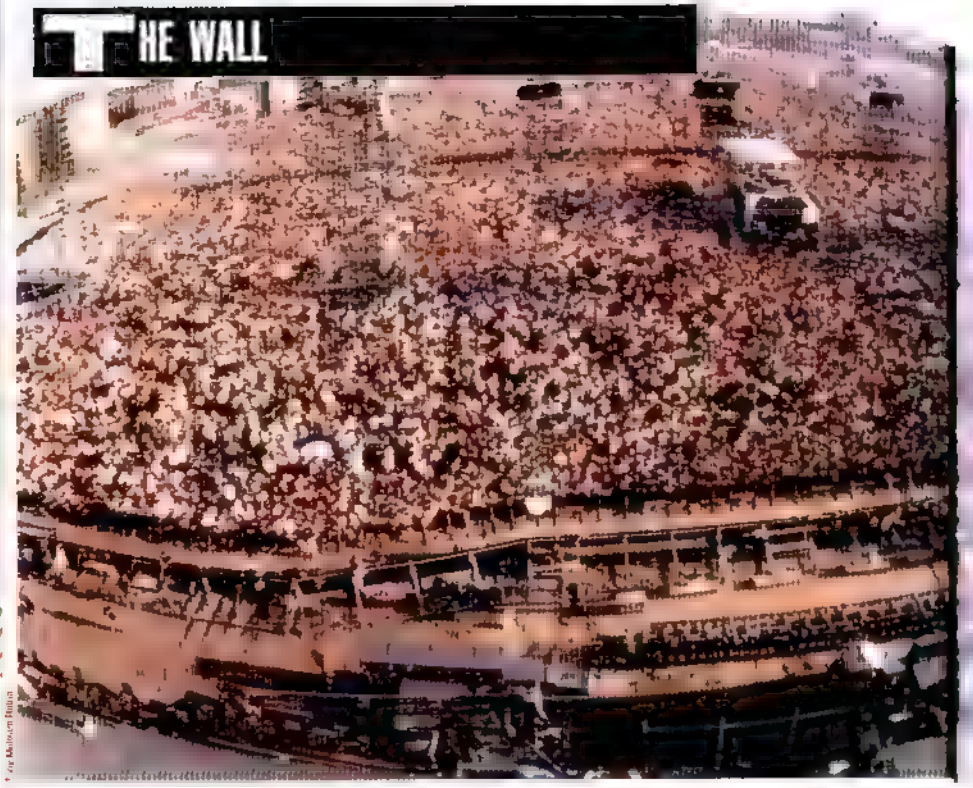
Fitas na mão, vamos às bandas. Formada em 87 por Renato (voz e guitarra), Chico (guitarra), Eduardo (baixo) e Fernando (bateria), a **48 Horas** abriu shows em Bauru para os Inocentes, Patife Band e Violeta de Outono. Depois tocou em casas noturnas de São Paulo e colocou nas rádios da região de Bauru a música "Inocência", um pop bem eletrônico que não vai muito além do título.

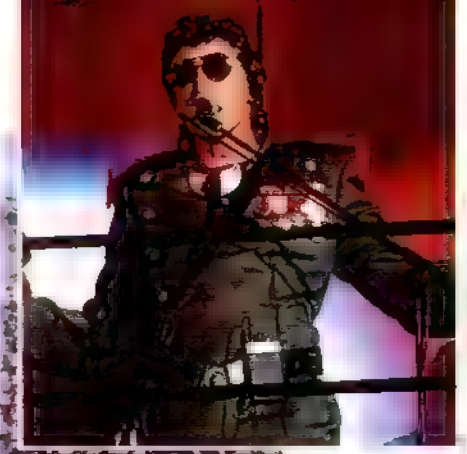
Bem mais radicais, os **Mentecaptos Eróticos** têm aquele punch suburbano que dá gosto. Misturando punk, funk e afins, Don Baca (vocais), Joshua (bateria), Rogério Duo (baixo) e Glauco (guitarras) fazem até uma turnê há dias para casais sadomasoquistas em "Estranho Amor". Encheram de [illegible] os pe[illegible] a bandinha e arran[illegible] [illegible] com uma [illegible] a alcunha. Fitas: [illegible] 23 10 8 — 48 Horas; (011) [illegible] — Joshua — Mentecaptos Eróticos.

C.M

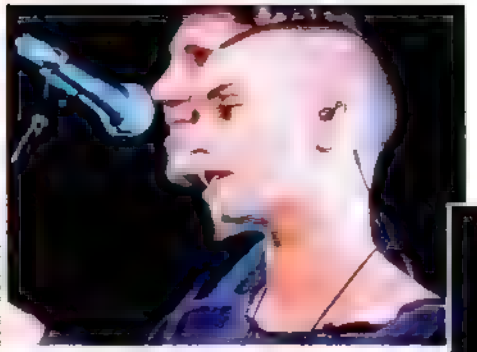
• A Casa Do Incesto Produções está vendendo o Catálogo da Imprensa Alternativa, com informações e endereços de mais de duzentos títulos. Os pedidos podem ser feitos via correio, com cheque nominal ou vale postal para Daniel Mendes Pinto, Caixa Postal 400272, CEP 72001, Brasília — DF. Leia mais sobre imprensa alternativa na próxima edição.

THE WALL





No sentido, horário: o palco, o organizador Roger Waters Sinead ao cantar "Mother" e Thomas Dolby



O muro pode ter caído, mas Berlim ainda é uma cidade dividida. Este é o difícil começo de um longo processo histórico, em que dois mundos diferentes viverão um, e haverá ganhos e perdas. Até novembro do ano passado, ir para Berlim Oriental era como entrar num filme de espionagem. Hoje, o famoso Checkpoint Charlie está vazio, e diariamente milhares de carros e pessoas o atravessam tranquilamente para alugar um martelo e arrancar seu próprio souvenir do muro. Saindo do esplendor do Ocidente, onde a arquitetura antiga e a moderna formam um casamento perfeito com o verde abundante, Berlim Oriental é o "bairro pobre", onde os carros, placas e prédios criam a ilusão de ter-se voltado para trás no tempo. Chegou a hora de pensar no futuro, e Berlim se prepara para ser um playground capitalista ou a capital cultural da Europa.

Hoje a cidade está em clima de expectativa, pois outro muro vai cair. Tudo começou no ano passado quando o ex-piloto e herói de Segunda Guerra Leonard Cheshire resolveu criar o Memorial Fund For Disaster Relief — um fundo beneficente para as vítimas da guerra e de desastres naturais, cujo objetivo é arrecadar quinhentos milhões de libras, cinco para cada vida perdida nas guerras deste século. Para lançar o fundo, Roger Waters juntou-se ao projeto e o resultado foi *The Wall Berlin 1990*, um evento enorme assistido por milhões de espectadores ao redor do mundo.

O local escolhido é a "Terra de Ninguém", entre a Praça Potadamar e o Portão de Brandenburgo, que foi um verdadeiro centro cultural nos anos 20. Para transformar as neuroses pessoais de Roger Waters nas neuroses da humanidade, foi erguido o maior palco do mundo: 168 metros de comprimento, 25 metros de altura, dois bonecos infláveis, projeções do desenhista Gerald Scarfe e centenas de extras.

Nos bastidores, centenas de jornalistas e convidados circulam entre as tendas da "hospitalidade", consumindo quantidades incríveis de champanhe, salmão defumado e outras coisas mais. O calor está insuportável. Roger Waters prefere não aparecer, mas Thomas Dolby, Bryan Adams, os Scorpions e outros são assediados pela imprensa. Tony James e Mike Rutherford vieram especialmente para assistir ao show, mas, como disse Bryan Adams, "hoje, aqui, nenhum de nós é estrela". Para um evento deste tamanho, a organização está perfeita: não entra ninguém sem passe, e o escritório para a imprensa distribui programas e informações.

Segundo os organizadores, foram vendidos quase duzentos mil ingressos, mas às nove horas os portões são derrubados e mais alguns milhares entram sem pagar. As dezesseis horas, Walter Momper, prefeito de Berlim Ocidental, é recebido com vaias. Chega a vez de Leonard Cheshire, que inicia o espetáculo com seu apito — símbolo do Memorial Fund.

De repente há uma grande comoção no palco, luzes vermelhas, extras, limusines, e os Scorpions tocam "In The Flesh". O começo bombástico e prejudicado, porém pelo baixo volume. A aparição de Roger Waters provoca uma reação comparável à de Bob Geldof no Live Aid. Ele e a Bleeding Heart Band (Graham Broad na bateria, Rick Di Fonzo, Andy Fairweatherlow e Snowy White nas guitarras, Nick Glennie Smith e Peter Wood nos teclados, e Joe Chemay, Jim Farber, Jim Haas e John Joyce nos backing vocals) recebem a alemã Ute Lemper para "The Thin Ice" que é logo interrompida por problemas de som. Em "Another Brick In The Wall", os músicos parecem hesitantes, mas Cyndi Lauper de uniforme escolar empresta sua voz ao coro de "We Don't Need No Education!" e Thomas Dolby toca um dos solos da música. Os extras de uniforme preto com a insignia dos martelos vão pondo tijolo sobre tijolo, e o professor inflável faz sua aparição assustadora. Três telas nos mostram o que está acontecendo no palco, mas para quem está lá atrás não adianta muito. Após a interpretação traquíssima de Sinead O'Connor e The Band em "Mother" — e mais problemas com os monitores —, a canadense Joni Mitchell contribui para um dos melhores momentos da noite com "Goodbye Blue Sky", com solo do flautista irlandês James Galway. Os lasers apontam para o céu já escuro. Para "Empty Spaces/What Shall We Do Now", enquanto as telas mostram a famosa cena de sexo explícito entre duas flores, Roger Waters e Bryan Adams cantam, e o muro vai ficando cada vez maior. Adams permanece para "Young Lust". Quando Jerry Hall começa sua interpretação da groupie ("Oh my God, what a fabulous room!"), o muro é usado para projeções de histórias em quadrinhos, em altíssima definição. Em uma cela construída no muro, Waters canta "One Of My Turns" e arrebenta a mobília. Ele continua sua *rock-angst* em "Don't Leave Me Now" e "Another Brick In The Wall Part II". Ao final de "Goodbye Cruel World", o muro está completo.

A segunda parte começa com Paul Carrack cantando "Hey You", de dentro do muro; "Is There Anybody Out There?" é tocada por orquestra, coral e violão. Mais uma vez Waters está numa sala, desta vez na frente do muro, para "Nobody Home". As projeções ficam ainda mais sofisticadas, mostrando o graffiti do muro de Berlim. "Vera" e "Bring The Boys Back Home" são uma verdadeira produção bélica. Suas referências ao nazismo são claras, com tanques, extras segurando tochas e a banda militar soviética. "Comfortably Numb" conta com a presença de Van Morrison, e para "In The Flesh" os Scorpions voltam, como também o coral, a orquestra e a banda. O gigantesco porco invade o muro durante "Run Like Hell", e "Waiting For The Worms" é um grande show de luzes. "Stop!", grita Roger Waters, e os gritos de "Tear Down The Wall" vão ficando cada vez mais altos.

O momento da queda do muro é espetacular. "The Trial" é tocado sobre os escombros — os tijolos, de isopor, serão reciclados — com Tim Curry no papel de juiz. Thomas Dolby pendurado na parte do muro que ficou de pé, e mais Waters, Ute Lemper e Marianne Faithfull.

Para fechar a noite, o elenco todo se reúne para cantar "The Tide Is Turning", escrita especialmente para a ocasião; um verdadeiro anticlímax, a música consegue ser ainda pior que "We Are The World" em termos musicais, de letra e de espírito. Resta rezar para que o fundo arrecadado seja suficiente para acabar de vez com as atrocidades cometidas em nome da caridade.

De volta ao hotel, uma recepção para quinhentas pessoas nos aguarda. Jornalistas e artistas circulam com copos de champanhe na mão. Às quatro da manhã, Roger Waters, o herói da noite, faz sua aparição e é aplaudido entusiasticamente. Apesar dos problemas de som e dos meses de trabalho exaustivo, nesta noite ele é um homem feliz.

No dia seguinte o palco, guindastes e onze torres de som começam a ser removidos. Só daqui a duas semanas é que a *no man's land* estará limpa e vazia, pronta para abrigar uma nova fábrica da Mercedes. Como lembrança do que aconteceu neste local restarão o disco ao vivo, lançado em agosto, e o vídeo, em setembro.

ANAMARIA G. DE LEMOS

LEGIÃO URBANA

"Há Tempos"
"Daniel Na Cova Dos Leões"
"O Reggae"
"Meninos E Meninas"
"Pais E Filhos"
"Feedback Song For A Dying Friend"
"Quando O Sol Bater
Na Janela Do Seu Quarto"
"Eu Era Um Lobisomen Juvenil"
"1965 (Duas Tribos)"
"Monte Castelo"
"Maurício"
"Sete Cidades"
"Ainda É Cedo"
"Geração Coca-Cola"
"Eu Sei"
"Angra Dos Reis"
"Tempo Perdido"
"Soldados"
"Andréa Doria"
"Quase Sem Querer"
"Se Fiquei Esperando Meu Amor Passar"
"Será"
"Faroeste Caboclo"
"Índios"

Foto: Sidney Amaral

AO VIVO

Dos palcos cariocas, a ausência era de praticamente dois anos. Nas rádios, porém, a frequência esteve garantida por nada menos que cinco hits consecutivos tirados do último LP — *Quatro Estações* vendeu mais de quinhentas mil cópias desde seu lançamento em outubro passado. Levando em conta esses antecedentes, o que se pode esperar dessa apresentação única da Legião Urbana? Caos generalizado, é claro.

Desde cedo, um engarrafamento se estendia pelas vias de acesso ao Jockey Club Arena, no hipódromo da Gávea. Se, em dias comuns, essa área já costuma ficar congestionada, imagine cerca de cinquenta mil pessoas tentando chegar ao mesmo tempo, ao mesmo lugar. Mais parecia um trecho de *Guerra Dos Mundos*: carros abandonados, pessoas correndo pelo meio da rua, policiais em desatino, gritos histéricos.

Bastou entrar no Jockey para perceber que a via crúcis não terminara. O público aboletou-se onde pôde; invasões não foram evitadas. Mesmo com algumas adaptações, o local não abriga um show de rock com a mesma generosidade que oferece a uma corrida de cavalos. Difícil crer que o ilustre Tom Jobim, depois de um auto-exílio declarado, inaugurou este "novo espaço para shows" com uma apresentação no início deste ano.

Ver a banda era privilégio de poucos. Sim, havia telões — insuficientes para abranger 23 mil metros quadrados. OK, resta o som, ou melhor, a voz e a caixa da bateria! Conhecendo todas as músicas de cor e salteado, por que haveria a plateia de se importar com tudo isso? Surpreendente mesmo era quando, nos intervalos, as palavras profundas por Renato (cada vez mais falastrão), ainda que incompreensíveis àquela distância, ganhavam entusiásticos aplausos. Falasse em grego e o resultado seria idêntico. É de impressionar a catarse coletiva que a Legião provoca.

Em contraponto ao desvario da audiência, a banda, reforçada por mais três componentes (Mu nos teclados, Fred no violão e Bruno no baixo), mantinha a situação sob rédeas curtas, escaldada em dezesseis apresentações anteriores. Em nada lembrava o cansaço da última turnê. Até Dado saiu de seu habitual estado letárgico para arriscar alguns passeios.

Entre uma dança, cigarros e troca de camisas, Renato compôs uma atuação fulgurante: da homenagem póstuma a Cazuza, incluindo versos de "Blues Da Piedade" e "Faz Parte Do Meu Show" e "Soldados" ao arremesso de flores brancas à platéia. Só não tolera barbarismos. Quase ao fim do espetáculo, uma chuva de areia vinda do público atinge o palco, deixado logo em seguida pela banda. Mas não é qualquer "muguel" que vai acabar com a festa. De luzes acesas, Renato volta, ao lado de um representante da Defesa Civil e, na base da catequese, acalma os ânimos e prossegue com o bis.

O "grand finale" vira com uma explosão de fogos de artifício ao som de *Rhapsody In Blue*, de Gershwin. "Um clima meio Disneylândia", na opinião do nosso fotógrafo Ricardo Siqueira.

Quando tudo parecia enfim terminado, com a multidão combalida já deixando a Arena, a voz de Renato ecoou ao microfone anunciando: "Gente, olha a Lua!!!" Milhares de cabeças se voltaram para o céu e constataram: era noite de lua cheia. E não poderia ser outra...

LORENA CALABRIA

JESUS & MARY CHAIN

Foto: Patrícia Aziz Azul

Penetration", jorram os alto-falantes. O tape que inicia cada show da turnê *Automatic* de The Jim And William Chainsaw. "A canção pop perfeita não existe", sentenciou Jim na manhã do dia anterior, numa das raras coletivas de sua vida. A imprensa exigia a Verdade de Jesus. A verdade de Jesus & Mary Chain entrou sempre atrasada no palco, confirmando que a pontualidade britânica não passa de um mito. "Fuck", repetiram nas mais variadas situações. "Fuck", sua palavra favorita. Melhor, apenas álcool.

"Everything's Alright When You're Down", canta Jim, uma hora atrasado em relação ao cronograma. Os shows cariocas foram introspectivos, com as palavras de Jim ainda mais baixas e para dentro do que nos discos. *Down*. As guitarras gritando rock'n'roll e todos morrendo de ressaca.

Nenhuma música além do programado nas folhas com o repertório, coladas aos pés de cada músico, curiosamente com o tom de cada uma assinalado. Nenhuma gracinha em português ou inglês durante o espetáculo. No palco, Jim é a coisa mais parecida com uma estrela — ou o mais próximo que um garoto carismaticamente tímido é capaz de chegar dessa ilusão, erguendo o pedestal do microfone e batendo sua base contra o solo, com alguma raiva, encarnando cada acorde saturado de desencanto radical, emaranhando-se nos fios e à beira de um choque no microfone. "Tongue tied and tied to the tongue", como diz "Halfway To Crazy".

Cada show, um repertório. As covers de "Who Do You Love", de Bo Diddley, e "Guitar Man", de Elvis, marcaram as apresentações cariocas. A maioria das músicas foi do LP *Automatic*. A estrela acabou seguida por um passeio pela areia de Copacabana, à la "Rude", segunda música executada no Brasil. A imprensa quer saber se eles se consideravam uma banda de surf rock. Caminhar na praia à noite foi o mais próximo que se permitiram chegar deste rótulo. "Fuck the beach!", resumiu Douglas, numa bruma de álcool no porão do Espaço Retrô. "São Paulo is better".

A primeira apresentação paulista revelou os problemas da acústica do Projeto SP. Era impraticável repetir a performance carioca. A mudança radical aconteceu na noite seguinte. Já no primeiro acorde a guitarra de William apita. Microfonia lendária a caminho. "São Paulo is better" começa a se traduzir pelo triplo de barulho, álcool e ressaca.

Em "New Kind Of Kick", o baixo de Douglas desmaia. Após três tentativas frustradas de animar a canção, eles decidem tocar sem baixo. Jim acrescenta "fucks" extras à letra, e os aplausos de incentivo mixam-se aos de admiração. A música seguinte é "Just Like Honey". O baixo falha novamente e Jim coloca as mãos na cabeça, rindo, sem dizer uma palavra. A raiva de William rosna microfonia. Sua guitarra blasfema sem cessar. A batida das músicas desacelera em meio ao inferno, à luz estroboscópica possuída, enquanto o feedback rasga sua garganta elétrica.

"Sidewalking", a música que sempre encerrou a primeira parte dos shows, parece interminável. A banda sai e William permanece desafiando a resistência do público com suas estridências. O hiato antes do bis é o mais demorado, mas o público não vai embora. Amortecido, não acredita no que vê e quer mais. São apenas duas músicas no bis, uma convenção da turnê, com "Kill Surf City" demolindo o final. O apocalipse. Uma viagem de ácido a seco. Suicida. Novamente abandonado entre os cacos de seus acordes, William, solitário com sua máquina de assassinar tímpanos, compõe o adeus. Que anos são esses, Jesus, quando o êxtase é uma dor de ouvido? O zumbido não cessa, mesmo depois de a reverberação ser bruscamente interrompida pelas luzes e uma gravação de William cantando "New York, New York". Não cessa a noite inteira, e nem no dia seguinte. "Fuck!" O "solo" de William ainda não acabou!

MARCEL PLASSE

Rio (28/06)
"Everything's Alright
When You're Down"
"Rider"
"Hardest Walk"
"Head On"
"Halfway To Crazy"
"Coast To Coast"
"Her Way Of Praying"
"Taste The Floor"
"9 Million Rainy Days"
"You Trip Me Up"
"Who Do You Love"
"Take It"
"April Skies"
"Blues From A Gun"
"Sidewalking"
"Guitar Man"
"Kill Surf City"

SP (01/07)
"Everything's Alright
When You're Down"
"Rider"
"In a Hole"
"Coast To Coast"
"Halfway To Crazy"
"Head On"
"Her Way Of Praying"
"Living End"
"Taste The Floor"
"9 Million Rainy Days"
"New Kind Of Kick"
"Just Like Honey"
"April Skies"
"Blues From A Gun"
"Sidewalking"
"Gimme Hell"
"Kill Surf City"

AO VIVO

GAL COSTA

"Saudação Olodum"
Com Rafael Rabello ao violão:
"Cordas De Aço" (Cartola)
"Camisa Amarela" (Ary Barroso)
"Último Desejo" (Noel Rosa)
"Falsa Baiana" (Geraldo Pereira)
Com a banda:
"A Verdadeira Baiana" (Caetano Veloso)
"O Sapo" (João Donato)
"A Rã" (João Donato)
"Nua Idéia" (João Donato)
"Rumba De Jacarepaguá" (Haroldo Barbosa)
"Alguém Me Disse" (Jair Amorim/Evaldo Gouveia)
"Mil Perdões" (Chico Buarque)
"My Funny Valentine" (Rodgers/Hart)
"Begin The Beguine" (Cole Porter)
"Holofotes" (João Bosco/Wally Salomão/Antonio Cicero)
"Açaí" (Djavan)
"Coisas Nossas" (Noel Rosa)
"Tropicália" (Caetano Veloso)
"Cabelo" (Arnaldo Antunes/Benjor)
Com Olodum:
"Zanzando" (Carlinhos Brown)
"Mãe Menininha"
"Brilho De Beleza" (Nego Muzenza)
"Ladeira Do Pelô" (Olodum)
"Salvador Não Inerte" (Olodum)
"Revolta Olodum" (Olodum)
"Eu Sonhei Que Tu Estavas Tão Linda" (Lamartine Babo)

A vida é curta e depois a gente morre, e raras são as vezes que se tem o privilegio de estar no lugar certo, na hora certa. Esta noite o lugar é o Palace, e a hora, pouco depois das dez da noite, quando dez/doze integrantes do Olodum entram no palco, comandados por seu regente, Neguinho do Samba, para sua "Saudação".

Já no saguão/bar da entrada, da para sentir uma certa carga eletromagnetica no ar. A maioria chega com os olhos brilhando, como se soubesse que ira presenciar Um Grande Evento. Saudades acumuladas: há dois anos a cantora não pisava num palco, há seis não se apresentava em São Paulo e há dez, onze, seguia uma rotina sob encomenda para FMs de gosto duvidoso. Por mais felizes e sorridentes, nenhum dos privilegiados presentes pode prever o renascimento das cinzas que estamos para assistir.

A Gal que entra em cena não e a de *Lua De Mel Como O Diabo Gosta*, nem de "Festa no Interior", nem de Sullivan e Massadas. E a Musa Misteriosa que canta Caymmi e Macalé, Noel Rosa e Luis Melodia, guarânia e samba-canção e afoxé e rock n roll; a brasileira entre as Grandes Damas da Canção (como Billie Holiday, Aretha Franklin, Dionne Warwick, Mavis Staples, Mahalia Jackson, Marion Williams), que me perdoem os órfãos de Elis Regina, os betes de Marisa Monte e derivados. So por isso Gal merecia violinos e o violoncelos no palco, nem que fosse um mero quarteto de cordas: é dose aturar esses timbres falsificados em samplers e sintetizadores num show quase perfeito como *Plural*.

Credito deve ser dado à direção de Wally Salomão — poeta cuja parceria com Macalé rendeu maravilhas como "Vapor Barato" e o LP *Aprendendo a Nadar*. Como "releitura do tropicalismo", o espetaculo ilumina, contrasta e surpreende, com forte consciencia cenica — sem o bla-bla-blá e a auto-indulgência do *Estrangeiro* de Caetano. Ao contrario deste *Gal Plural*, o show, é muito melhor que seu vinil de origem. Sao tres blocos distintos, o primeiro deles apenas voz e violão, com Rafael Rabello rasgando o protocolo em obras-primas de Cartola, Ary Barroso, Noel e Geraldo Pereira, rubras tinturas de flamenco e Segovia reforçadas por uma Gal melodramatica. (Nas três vezes que vi o show, este bloco ocasionalmente resvalou em excessos estridentes.) Na sequencia, Rabello e substituido pela banda comandada com elegancia por Cristovao Bastos — e o que e raro num show de interprete de MPB, sem solos nem firulas de fedor funk-jazzista. Sensacional o arranjo quase atonal de "Tropicália", conceitualmente sanduichada entre "Coisas Nossas" e "Cabelo" num dos pontos altos do espetáculo. Mas o melhor mesmo fica para o final. Com o retorno retumbante dos tambores do Olodum, e a descida de uma grande reprodução da *Negra* de Tarsila, o ultimo bloco é epifania pura e a razao que talvez me leve a este show pela quarta, quinta vez. "Brilho De Beleza" (do bloco baiano Muzenza) já era a melhor faixa do LP, so que gravada e mixada sem o minimo peso. No show prioridades sao invertidas e e a banda que, sutilmente, faz a cama para o ritmo vir à frente e detonar o transe. A lei da gravidade deixa de vigorar no auditorio e o Olimpo de Gal recebe os tambores, os sintetizadores e nós, seduzidos sem misericordia. Queimo as pestanas tentando lembrar onde e quando, se é que vi/ouvi algo assim nas ultimas duas decadas. Só chegam perto os breves instantes de "Miséria", dos Titãs, em que surgem Mauro e Quiteria. Um territorio quase virgem, o futuro da musica brasileira. Graças aos bons deuses ainda existem artistas como Gal, Wally, Olodum, Muzenza para iluminar um caminho cuja bussola nao veio regulada pelo GMMC (Grande Monstro do Marketing Corporativo). Graças aos bons deuses, estao cogitando um novo *Plural* gravado ao vivo. Que seja, entao, um album duplo com o *espetaculo completo*. E ainda é pouco: o show merece um video com cameras e edição do nivel de *New Town*, registro da ultima turnê europeia de Bryan Ferry — que, aliás, junto com T.S. Eliot, nasceu no mesmo dia (26 de setembro) que esta hipnotica/convulsiva/alucinogena/afrodisiaca/fatal/tropical/plural/verdadeira/falsa baiana universal cujo nome é Gal.

JOSÉ AUGUSTO LEMOS

KAOMA

Loalwa é a típica cantora de barzinho segunda classe — daqueles mais frequentados por quarentoes comudos na fossa que por casaizinhos apaixonados. Do babélico Kaoma, era destoa em tudo: figurino, coreografia (mal se equilibra sobre as sandalias salto dez), sotaque, rebolado, tudo. Menos na breguice e na cara-de-pau.

Ate para pobres coitados do terceiro mundo, desempregados pelas ruas de Paris, aceitar uma vaga na armação vampiresca dos empresários Lorsac e Karakos é uma tremenda falta de vergonha. Ainda mais sabendo que "Lambada", na verdade "Llorando Se Fue", pertence aos *hermanos* bolivianos Gonzalo e Ulysses Hermosa — muito mais coitados que Loalwa e seus companheiros de Kaoma.

Semelhante a um ritual bizarro de sagraçao da carne acompanhado pelo rufar de tambores primitivos, parte considerável do show é uma caricatura grotesca do folclore afro-latino que o grupo diluiu para a França e o mundo abençoarem.

Embora o grande hit seja "Lambada" e o termo apareça no titulo de outras peças ("Lambamour", "Lamba-Reggae", "Lamba-Caribe" e "Dançando Lambada"), nada no show lembra o balanço de Beto Barbosa ou o *caliente* apelo sexualesco do reinventado Magaly. Há momentos de reggae comandados por Chico Dru e Jacky Arconte (ambos ex-Touré Kunda), imitações de Elizeth Cardoso e Angela Maria protagonizadas por Loalwa em seu momento solo, cinco casais de dançarinos importados de Porto Seguro e uma replica de Grace Jones vinda do Senegal. A depender do show no Olympia, é impossivel crer que tamanha farsa tenha vendido quinze milhoes de discos. Fama e fortuna nas mãos erradas.

CELSO MASSON

Jackie DeShannon

Do country ao soul, a história de uma polivalente princesa pop

Jackie circa 69, pouco depois de trabalhar com Burt Bacharach e Jimmy Page

O rock errou e continuará motivo de pilhéria enquanto a mediocridade for deificada em detrimento dos autênticos talentos que o rock revelou. Como e por que usa-se como referencial e parâmetro medianidades como Joni Mitchell, Linda Ronstadt e jamais Jackie DeShannon, é um mistério maior que o da Santíssima Trindade.

No final dos anos 50, ela foi para Los Angeles gravar rock n roll, rockabilly e soul em pequenos selos, usando os nomes Sharon Lee, Jackie Dee e Jackie Shannon. Somente em 60, no selo Edison, apareceria pela primeira vez com o nome artístico definitivo. Ao assinar contrato com a poderosa Liberty, nascia a mística da nossa maior princesa pop.

Ao mesmo tempo, Jackie foi colocada junto ao grupo de compositores contratados do selo. Formou parceria com Sharon Sheeley, passando a compor num ritmo furioso. Escreveram clássicos para Brenda Lee ("Dum-Dum", "So Deep"), Fleetwoods ("The Great Imposter"), etc. Em 62 voou até NY, Greenwich Village, meca da folk music moderna. Jackie tornou-se uma *folkie* entusiasmada, depois de se apresentar ao lado de Peter, Paul & Mary e de conhecer Bob Dylan. Fascinada pela música de Dylan, voltou a Los Angeles, onde gravou várias de suas canções que a Liberty se recusou a editar — ninguém na West Coast tinha ouvido falar de Dylan. E em 63 Jackie gravou um LP *demo* com suas canções, misturando pela primeira vez *folk* e *rock*. Esse LP não foi comercializado.

O folk rock, tal qual ficou conhecido, foi criado nesse álbum *demo*, o elo perdido de um ritmo que dois anos depois iria revolucionar toda a música popular americana. O álbum editado meses depois, oficialmente o primeiro LP de Jackie DeShannon, é bem mais conservador. Lançado no final de 63, tem quatro ou cinco canções novas. O resto se compõe de *standards* tipo "If I Had A Hammer". Ainda assim, ouvido isoladamente, é um belíssimo LP, com lugar cativo no meu top ten. Os compactos gravados por Jackie no período 63/65 são geniais, "Should I Cry", "Don't Turn Your Back On Me", "Needles & Pins" e "When You Walk In The Room".

Jackie foi para a Inglaterra no começo de 64 para divulgar um *single*. Nesse período manteve um romance com Jimmy Page, com quem escreveu cinco canções. De volta a LA foi deixando o repertório *teenager* e se concentrou na carreira de cantora. Burt Bacharach trocou Dionne Warwick por Jackie e lhe escreveu o hit "What The World Needs Now Is Love". No final dos anos 60, escreveu para si mesma seu maior hit como cantora, "Put A Little Love In Your Heart".

Nos anos 70, Jackie passou por outros selos — Capitol, Atlantic, depois Columbia e Amherst. Em 81, Kim Carnes pinçou uma faixa do LP *New Arrangement* (75) e, imitando todos os truques e entonações de DeShannon, teve um dos maiores hits do ano com "Bette Davis' Eyes".

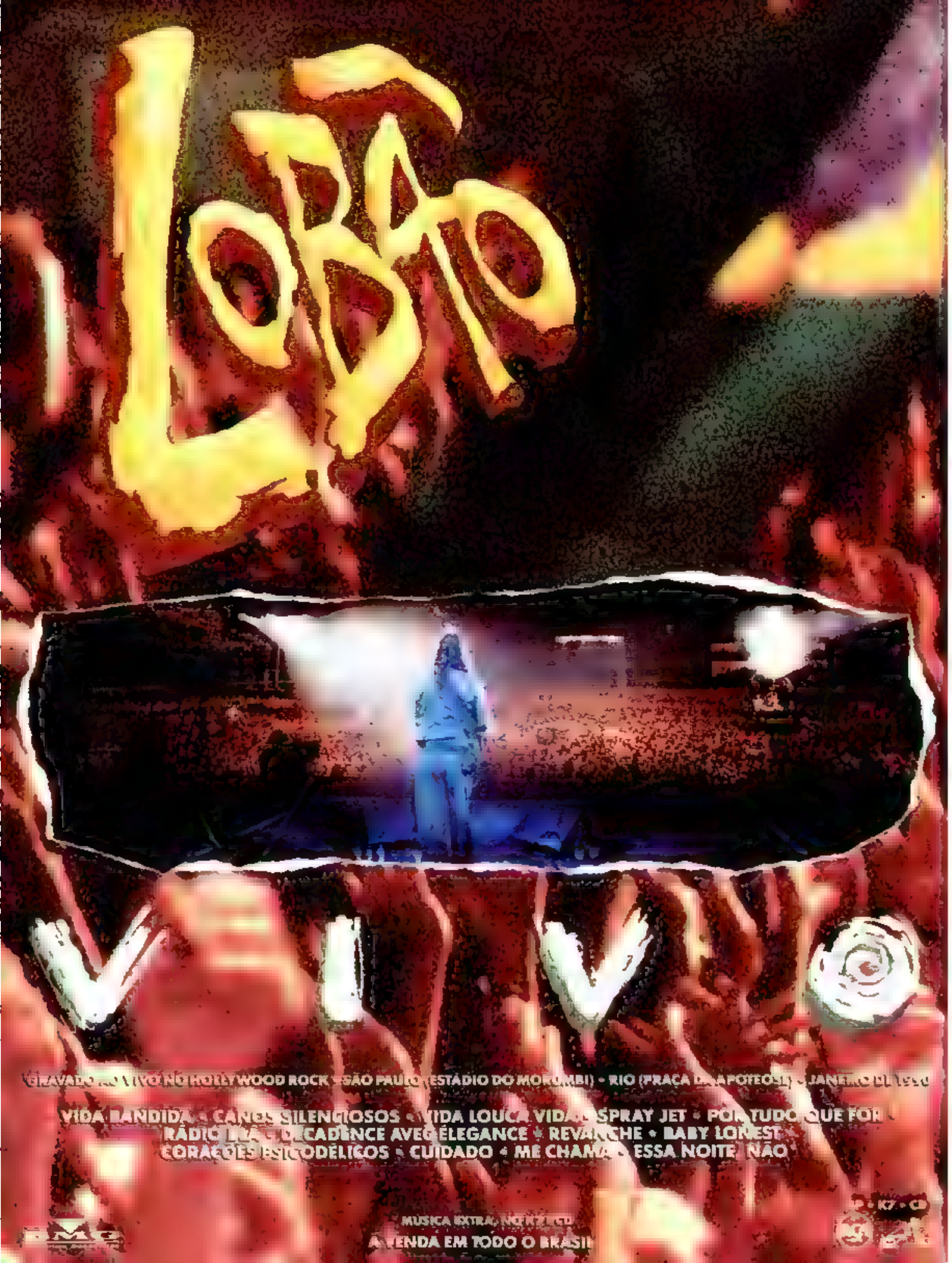
Os anos 80 foram ingratos a Jackie DeShannon, de quem pouco se ouviu falar; a voz perdeu o viço e o ritmo. Envelheceu mal, não tem mais aquela beleza que doía na gente. Nunca mais escreveu um verso como *...meanwhile I try to act so nonchalant*", que dá vontade de copiar num azulejo. Como convém guarnecer legendas com mistérios e curiosidades, concluímos contando que Jackie fez dois filmes para cinema nos anos 60, *Surf Party* com Bobby Vinton e *C'mon Let's Live A Little* com Bobby Vee, Eddie Hodges e, numa pontinha sem créditos... Kim Carnes! Também ganhou algumas corridas pilotando karts. Em meados dos anos 50, apareceu um par de compactos country gravados por uma tal Sherry Lee Myer, nos selos Marvel e Glenn que, suspeita-se, seja Jackie DeShannon aos doze ou treze anos de idade. Ela jamais negou ou confirmou. E a lenda continua.

RENÉ FERRI

DISCOGRAFIA SELECIONADA

Jackie DeShannon	Liberty 1963
You Won't Forget Me	Liberty 1965
Jackie	Atlantic 1972
New Arrangement	Columbia 1975

O único LP de Jackie DeShannon editado no Brasil é Jackie de 72, quando a Atlantic era representada pela Continental.



DISCOS

THE ULTIMATE OTIS REDDING

OTIS REDDING (WARNER/WEA [illegible])

Um disco absolutamente básico. Não só por abordar a carreira deste mestre da soul music — inserido numa linhagem nobre que compreende Sam Cooke, James Brown e Marvin Gaye — como também por resgatar os momentos mais preciosos de sua trajetória, ligada de forma indissociável ao apogeu da endora gravadora Stax de Memphis, Tennessee, uma história em que Otis entrou [illegible] e casualmente [illegible] sendo um dos [illegible].

A Stax [illegible] no selo [illegible] a partir da pequena gravadora Satellite, mantida pelo ex-bancário e produtor [illegible] Jim Stewart, com o auxílio financeiro de sua irmã Estelle Axton (respectivamente o St e o Ax da sigla). A partir de um cinema retomado e transformado em estúdio, a gravadora começou em 1960 a produzir discos com artistas locais e a banda da casa, os Mar-Keys, liderada pelo guitarrista Steve Cropper, que, a partir de jams com o instrumentista Booker T. Jones — outro membro constante da [illegible] da Stax — formou um outro grupo com o baixista Lewis Steinberg (que posteriormente seria substituído por [illegible] Mar-Keys, Donald "Duck" Dunn) e o baterista Al Jackson Jr.: Booker T. And The MG's.

A banda lançou as bases [illegible] de Memphis, uma sonoridade única, com [illegible] riffs de Cropper também [illegible] produção e, às vezes, [illegible] e suas intervenções [illegible] gravações [illegible] The Midnight Hour [illegible] um processo [illegible] do grupo com Otis.

Esta associação [illegible] em Macon, na Georgia — conseguiu [illegible] estúdio da Stax. Otis [illegible] com o grupo de Jenkins [illegible] levado de carro até Memphis, mas o grupo não participaria das gravações. Sua experiência musical resumia-se a um coro de gospel [illegible] em alguns concursos semiprofissionais, como cantor, e um compacto, "Shout Bamalama", editado por um pequeno selo de [illegible], com [illegible] influência de um cantor de Macon, Little Richard.

A banda de Jenkins esgotou quase todo o tempo da sessão sem apresentar nada que interessasse a Jim Stewart. Ao fim, [illegible] que Otis gravasse duas canções com o grupo da casa. A primeira delas não impressionou [illegible], mas a outra — "These Arms Of Mine" — revelou [illegible] o talento em potencial de Otis e estabeleceu o começo [illegible] com sua segunda sessão de gravações [illegible] bem mais que uma promessa. A sua voz apaixonada [illegible] enquanto [illegible] talento carisma como intérprete, além da capacidade de sempre cercar-se de bons músicos.

Essas características de Otis foram responsáveis por [illegible] do quilate de "Pain In My Heart", "Security", "Come To Me", "That's How Strong My Love Is", o parceria com Cropper "Mr. Pitiful", "Respect" e as versões para "(I Can't Get No) Satisfaction", dos Stones, e "Shake", de Sam Cooke. As três últimas, [illegible] para comprovar o fervor [illegible] de Otis, foram todas gravadas em [illegible] quando ele [illegible] completou "I've Been Loving You Too Long" e começou a gravar "Cigarettes And Coffee" [illegible].

Durante os dois anos que se seguiram, Otis gradualmente se firmou como um dos maiores nomes da soul music, expandindo seu sucesso até as platéias brancas do rock. A explosiva performance no festival de Monterey no início de 67 e o sucesso da tour europeia com os astros da Stax, na primavera, mostraram que as canções de Otis transcenderiam barreiras e rótulos, repercutindo junto a outros tipos de público jovem. Como agradecimento a esses [illegible], ele e Steve Cropper compuseram "Sittin' On The Dock Of The Bay", gravada em [illegible] 67. Otis não chegou a presenciar esta música se tornar seu maior hit: apenas três dias depois daquela sessão, morreu em um desastre de avião, quando o jato em que viajava [illegible] nas proximidades de Madison, Wisconsin. [illegible] também quatro membros de seu grupo [illegible] The Bar-Kays. Com Otis se foi [illegible] bem grande parte do [illegible] da Stax, [illegible] mais [illegible] um astro do seu quilate. [illegible] os [illegible] de Otis, como as vinte [illegible] desta compilação. [illegible]

DOOLITTLE — Pixies (4AD/WEA)

Foi preciso que alguns duendes egressos de Boston acionassem seus instrumentos para que lembrássemos, ainda uma vez mais, como o rock'n'roll pode ser simples, primário, selvagem e delicioso.

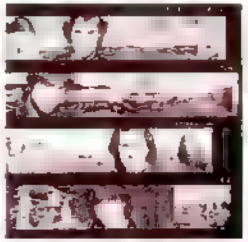
Surfer Rosa, o álbum de estréia dos Pixies em 88, era uma revelação: em plena efervescência da *dance music* ainda era possível extrair energia (e como!) do velho formato *guitar band*. *Doolittle* (lançado lá fora no ano passado) é ainda melhor. Peso e leveza, hard e pop, doçura e perversidade nas doses exatas. Ou, como diria o vocalista Black Francis, *"just good old-fashioned rock'n'roll"* ("apenas bom e antiquado rock'n'roll").

Fica difícil, nesse caso, classificar as faixas em "melhores" ou "piores". Melhor mesmo é ouvir o disco de cabo a rabo, no maior volume que seus tímpanos permitirem. Ele abre com duas cacetadas: "Debaser" traz a guitarra de Joey Santiago em plena forma, competindo em insanidade com os vocais de Charles "Black Francis" Kittridge Thompson IV; em "Tame" Francis passa do sussurro ao grito alucinado, enquanto Kim Deal tenta nos hipnotizar com seu baixo. "Wave Of Mutilation", com um refrão falsamente adocicado (o tema da letra é o suicídio), serve como prelúdio para "Here Comes Your Man", a coisa mais escandalosamente pop que Francis já compôs — por sinal, quando tinha apenas quinze anos —, mas nem por isso menos "curtível". E é impossível não sair cantando o refrão *nonsense* de "Monkey Gone To Heaven". Este macaco foi para o paraíso , novo candidato a hit nas nossas FMs.

O lado B abriga as maiores excentricidades deste disco — começando pela saudação rítmica de "Mr. Grieves" (a emissária da morte no dialeto "pixiano"), passando pela pauleira rápida de "Crackity Jones" e chegando ao romantismo cínico de "La La Love You", onde três versos pueris são entoados repetidamente pelo baterista David Lovering. Mas a faixa mais estranha é "There Goes My Gun": apenas um refrão cercado de caos sonoro por todos os lados. Para quem não se rendeu ainda, "Hey" é o tiro de misericórdia. "We're chained", geme Francis sobre uma dinâmica sonora que comporta uma combinação delicada de baixo e triângulo. Rock para os anos 90. *Marisa Adan Gil*

SLA RADICAL DANCE DISCO CLUB — Fernanda Abreu (EMI-Odeon)

Tivesse eu uma casa noturna, Fernanda seria DJ. Talentosa, bonita, viciada em *dance music* com bom gosto e muito pique. Esse foi o espírito que ela quis passar para o seu primeiro disco solo, com a ajuda de Herbert Vianna, Fábio Fonseca (ambos também na produção), Fausto Fawcett e DJ Marlboro, entre outros. Mas apesar de conter ótimas canções o LP soa desatualizado, pois Fernanda quis fazer *dance music* retrô, com disco e funk dos anos 70 e 80, uma homenagem via uso de tecnologia ultrapassada e rico através de melodias e refrões como na *garage house*. Faltou para Fernanda uma ligação mais sólida com a *dance music* contemporânea. *C.G.R.*



GOLD AFTERNOON FIX — The Church (Arista/BMG-Ariola)

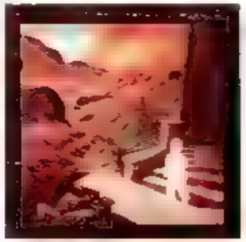
Depois do sucesso alcançado com o LP *Starfish* (88), o mais provável seria que o Church tentasse repetir aquela fórmula consagrada nesse seu novo álbum. Ou seja, privilegiar o lado pop mais acessível do grupo, em detrimento de vôos maiores das guitarras de Marty Willson-Piper e Peter Koppes, ou mesmo do baixo e teclados do *band leader* Steve Kilbey. Porém a surpresa se instala já na primeira audição de *Gold Afternoon Fix*: melodias envolventes valorizadas pela criatividade dos arranjos, que remetem aos melhores trabalhos da banda, com destaque para "Pharoah", "Metropolis", "Russian Autumn Heart" e a trabalhada balada "Grind". *J.P.*

90 — Xutos e Pontapés (WEA)

O pop português pode não ser tão fraco — pena que os Xutos não sejam o ideal para provar o contrário. Primeiro, tente gostar do sotaque e as expressões típicas, já que para brasileiros o português de Portugal tende a soar cômico. Depois, não leve as letras muito a sério. Sobram baixo, guitarra, bateria e um sax chinfrim. O repertório transita por baladas lentas, canções pop e alguns rocks, quase sempre sem atrativos maiores. Só mesmo a curiosidade justifica uma audição integral. *L.V.*

CHANTES — May East (Eldorado)

O que dizer de um disco cujo encarte (impresso em papel reciclado) traz a inscrição "Ao despertar da Consciência Gaiática" — da teoria de Gaia, uma superstição anticientífica alimentada por adeptos da nova era, que prega que o planeta Terra é um organismo vivo?! Esse papo todo de *new age* me parece conversa para boi dormir. Agora, se você se liga nessas coisas, *Chantes* é um marco histórico: o primeiro elo entre pop e *new age* a pintar aqui no Brasil. As letras místicas não escondem o requinte dos arranjos cheios de teclados e com participações ilustres como a do citarista Alberto Marsicano. Totalmente *alien*. *A.F.*



DARK AT THE END OF THE TUNNEL — Bingo Bologa (Virgin)

Em que pesem a execução nas rádios FMs e a atenção que recebe de alguns setores da imprensa especializada, ... mostra em seu sétimo LP mesmo som pálido e sem sal que sempre caracterizou suas gravações. Entre baixos e baixos aqui presentes encontramos "tribalismos" de araque ("Flesh'N'Blood"), ska para turistas — "Run Away (The Escape Song)" — e aviltantes roquinhos de arena ("Long Breakdown", "Try To Believe"). Que fiasco! *A.G.C.D.*

A TOUCH OF GLASS — André Christovam (Eldorado)

Uma boa notícia: André está livre da "mandinga" que aprisionava seu canto numa tentativa frustrada de imitar a voz negra. Assumindo seu timbre, ele cometeu um segundo LP inteligentemente simples. Como guitarrista criou um efeito singular utilizando *bottleneck* em todos os solos do disco. E acertou em cheio ao dosar muito bem violões, órgão Hammond e clavinete. Tudo isso garantiu que *A Touch Of Glass* saísse bem mais que apenas um bom álbum de blues brasileiro. Quem duvidar que ouça o *groove* de "Wolf & Sheep", "Brown Candles" ou duas versões de "Oh Captain, My Captain". *C.E.M.*

A LITTLE BIT OF THIS, A LITTLE BIT OF THAT — D Mob (London/PolyGram)

Há dois anos, o verão britânico foi sacudido por um grito de guerra: *"We call it aceed!"*. Era o primeiro hit da *acid house*, por D Mob, repetido *ad infinitum* em contraponto às sirenes da polícia. Banida das rádios, barrada nas noites, com manchetes relacionando-a às drogas, a *acid house* marcou uma era. Até que durou muito. Este álbum é uma de suas relíquias, que inclui o velho hit e outras roubadas de tecnologia barata. O balanço: melhor o escândalo do que a música. *M.P.*

MANIC NIRVANA — Robert Plant (Atlantic/WEA)

O vocalista mais imitado do mundo mostra novamente que é *cool* abaixo de zero com o melhor disco de sua carreira solo. *Manic* tem todas as zepellinices que se espera, dos gritos orgásmicos, marca registrada de Robert Plant, às guitarras de Doug Boyle e Phil Johnstone — este, também co-produtor e responsável pelo som texturado do disco. "Hurting Kind" é a paulada perfeita para te acordar de manhã, "Your Ma Said You Cried In Your Sleep Last Night" é uma dança apache e "Tie Dye On The Highway" é o elo perdido entre PIL, Aerosmith e Soul II Soul. Comparando com o Led, um disco fraquinho; comparando com 90% do que se produz hoje, uma maravilha. *A.F.*

SÉRIE THE FEELING OF JAZZ — Vários (MCA/WEA) **SÉRIE ATLANTIC JAZZLORE — Vários** (Atlantic/WEA)

A julgar pela quantidade de lançamentos, há um *boom* no mercado de discos de jazz. Dos quatro LPs que completam a série *Atlantic Jazzlore* (Ver BIZZ 58) merece destaque o encontro do saxofonista Coleman Hawkins com o vibrafonista Milt Jackson (*Bean Bags*), num disco de fôlego e bom repertório (incluindo uma versão de "Get Happy"). Aviso: Ray Charles *não* canta no LP *The Genius After Hours*, gravado em 56 com arranjos de Quincy Jones. Caso uma coletânea dos hits de Charles interesse, há inúmeras, mas este disco é outra viagem. O sax de Sonny Stitt (liderando os Top Brass) e o trompete de Freddie Hubbard (em *Blacklash*) fecham o pacote, que não trouxe nada de fabuloso do acervo jazzístico da Atlantic. Já *The Feeling Of Jazz* resgata alguns achados da MCA, como o duplo de Nat King Cole (*From The Very Beginning*), imperdível. Os outros LPs têm demanda específica: *The Awakening* do Ahmad Jamal Trio é um disco agradável, melhor degustado pelos adeptos de improvisações ao piano; Coleman Hawkins aparece de novo, agora ao lado de Duke Ellington, num LP para quem gosta da sonoridade das *big bands*; por último, *Count Basie And The Kansas City 7* é ambiente demais para ter o sentimento do jazz. *C.M.*

MOVEMENT — New Order (Factory/WEA)

"**E**u odeio mesmo o *Movement*. Odiei-o desde a primeira vez que ouvi. Nunca mais o escutei desde então..." (declaração de Bernard Sumner dada em 88 ao jornalista Jon Wilde, da *Melody Maker*).

Fica difícil defender as qualidades de um disco tão renegado por um de seus criadores, ainda mais sabendo-se que na época de seu lançamento — novembro de 81 — o grupo vinha sendo achincalhado pela imprensa musical e o público, acusado de fazer uma exploração oportunista do que o Joy Division havia criado em sua efêmera existência, até a morte de Ian Curtis, em maio de 80. Enquanto isso, os lançamentos póstumos do Joy — *Closer* e *Still* — começavam a criar o mito em torno do grupo.

De início com Stephen Morris e depois com Peter Hook e Sumner assumindo os vocais, o New Order funcionou como trio até outubro de 80, quando foi incorporada Gillian Gilbert nos teclados e eventuais guitarras. Com esta formação, a banda gravou seu disco de estréia, com as duas últimas canções legadas por Curtis: "Ceremony" e "In A Lonely Place". Um outro *single* — "Everything's Gone Green"/"Procession" — precederia o lançamento do primeiro álbum, *Movement*. Esta seria a última produção do grupo a cargo de Martin Hannett, que os acompanhava desde os primórdios do Joy.

A partir da capa — com inspiração no futurismo do italiano Marinetti —, o New Order preservava a sonoridade sombria e a aura misteriosa que envolvia o Joy, enquanto buscava nas entrelinhas uma trilha musical própria. Provas disso encontravam-se na surpreendente trama de guitarras da faixa de abertura ("Dreams Never End") ou nos riffs pesados de "Chosen Times" e "Denial". "The Him", "Truth" e "Senses" traziam para primeiro plano o baixo soturno de Hook e os ritmos sobrepostos por Morris, preenchendo as esparsas linhas criadas por Bernard e Gillian. Mesmo as canções que mais rescendiam ao som do Joy — "Doubts Even Here" e "ICB" — não deixavam de trazer lampejos de criatividade vindos de um grupo em busca de seu rumo musical. Em resumo, para os fãs de longa data, um álbum essencial. Para quem conheceu o New Order pós-"Blue Monday", talvez apenas um disco esquisito para completar a coleção dos LPs da banda lançados no Brasil. *Celso Pucci*

CASSETE COMPACT DISC

TXAI — Milton Nascimento (CBS)

Se para salvar a Amazônia vamos ter de aturar essas coisas, a mata que vá para o inferno. Não bastassem Sting e companhia, agora é Milton Nascimento que se enche de bom-mocismo e decide salvar os povos da floresta (isso, claro, quando não está produzindo canções de encomenda para a novela das oito, como a soporífera "Coisas Da Vida"). Milton se perdeu completamente em sua "ecologia-para-gringo-ver". Chega a resvalar no constrangedor em pelo menos três momentos: ao regravar "Nozanina", de Villa-Lobos, ao chamar o nintefinho "new age" River Phoenix para declamar em "Curi Curi", e na horrendo, imperdoável, parceria com Caetano "A Terceira Margem do Rio". *A.F.*

MORE AMERICAN GRAFFITI — Vários (MCA/WEA)

Este álbum duplo não é a continuação da trilha sonora do filme de George Lucas, mas sim de um lançamento no mesmo estilo, que veio em 75 a reboque do sucesso alcançado pelo disco original. Porém, ao contrário do que costuma ocorrer com estas edições oportunistas, as 25 faixas aqui apresentadas foram muito bem escolhidas, conseguindo até superar a seleção do álbum original. Novamente entremeadas pelas locuções do DJ Wolfman Jack, desfilam verdadeiras delícias do pop do fim dos anos 50 e início dos 60, como "Locomotion" com Little Eva, "He Will Break Your Heart" com Jerry Butler, "Stagger Lee" com Lloyd Price e "Louie Louie" com The Kingsmen. *C.P.*

SOMBRAS DE VIRTUDE — Loui (Eldorado)

Bons músicos, convidados especiais do peso de Branford Marsalis (!), Rita Lee e Roberto De Carvalho e ainda os dedos de André Christovam na produção não sustentam o fraco repertório de estreia do grupo Loui em vinil — que lembra Capital Inicial ("Máquina Do Tempo") e Guilherme Arantes ("Sombras De Virtude"). O vocalista — com problemas de dicção — compromete ainda mais o LP, calcado em baladas românticas com arranjos que tangenciam o *fusion*. *C.M.*

NO WAY — Vodu

Uma pena que este EP do quinteto paulista seja um disco tão vazio. A abertura não poderia ser mais sem graça, com a fajuta versão de "Should I Stay Or Should I Go", do Clash, passando por um instrumental que fraqueja no peso e termina num solo de baixo bundinha. Para quem espera a salvação no lado ao vivo, é melhor se preparar para uma bateria que soa como pipocas estourando e vocais "batata quente na boca". *No way, really.* *C.E.M.*

TREPONEM PAL (Roadrunner/Eldorado)

Doença infecciosa crônica de múltiplas manifestações destrutivas, a sífilis talvez hoje não assuste a humanidade tanto como a Aids, mas sua crescente recrudescência já começa a colocar em alerta os serviços internacionais de saúde pública. Em nível mental, por exemplo, sabe-se que ela é capaz de causar perturbações afetivas (depressão ou euforia), crises confusionais, ideias delirantes e a liberação dos comportamentos instintivos primitivos, levando suas vítimas à agressividade, glutonaria e erotismo desenfreados. Desse modo, os membros do Treponem Pal não poderiam ter sido mais fiéis na aproximação daquilo que sua música pode induzir ao escolher o nome do agente causador da sífilis para batizar sua banda.

Entrincheirados em Paris, Marc Neves (voz), Michel Bassin (guitarra), Laurent B. (guitarra), Ferguson (baixo) e David Le Brun (bateria) sumarizam — junto aos grupos Fugazi, Nomeansno, God Flesh e 3 — a revitalização do *hardcore*. Se nos fosse possível reduzir a pó o pedregulho maciço que é a música do TP, haveríamos de ver lado a lado tenuíssimas partículas de *noise*, atonalismo, *industrial music* e heavy metal. Algo que soa como um plausível híbrido da zoeira catatônica do Rapeman e Birthday Party com os experimentações dos Young Gods.

Não por acaso, a produção do álbum de estreia do grupo coube a dois terços dos "deuses" helvéticos: Franz Treichler e Cesare Pizzi. Obra do acaso ou fruto da convivência, o fato é que a similaridade entre as duas bandas é notável. Não só Marc Neves é capaz de brutalizar a garganta com a mesma entrega que caracteriza os vocais de Treichler, como também certos pontos da temática do TP — vide as imagens recorrentes de vandalismo, iconoclastia, niilismo e morte — encontram intersecção nos textos dos Young Gods. Por outro lado, há de se ressaltar que o TP possui um pendor especial para a escatologia, conforme expõe em abundantes referências a cadáveres putrefatos, odores nauseabundos, pragas e ao final dos tempos.

Nesse autêntico compêndio de desgraças e absurdos, sobressaem-se a perversão *nice'n' sleazy* de "Soft Mouth Vagina" e o coito forçado de "In-Out". De resto, um disco recomendado exclusivamente para os tímpanos e os estômagos igualmente fortes. *Arthur G. Couto Duarte*

WAR AND PAIN — Voivod (Roadrunner/Eldorado)

Criado no Canadá em 82, tendo ao fundo a rumoração opressiva das fábricas de alumínio de Quebec, o quarteto Voivod vem empreendendo uma das mais bizarras trajetórias jamais vistas no circuito do rock. Dos estertores agônicos do *thrash metal* de *War And Pain*, seu LP de estreia, lançado originalmente em 84 — à "música científica" (ver *Zona Franca* desta edição) criada a partir da fusão dos genes de formações esquizoides como King Crimson, Swans e Van Der Graaf Generator, o grupo produziu a trama pela qual vagueia o personagem Voivod, um ser mutante e hostil em luta pela sobrevivência entre as ruínas de um hipotético mundo pós-nuclear. *A.G.C.D.*

NA CALADA DA NOITE — Barão Vermelho (WEA)

Quando Frejat se propôs a experimentar com o som do Barão, não estava brincando. [illegible] solações com [illegible] ... não tem como negar — [illegible] A participação de [illegible] [illegible] de Estado [illegible] Pink Floyd [illegible] maravilhoso, mas [illegible]

VOL. II (1990: A NEW DECADE) — Soul II Soul (10/Emi-Odeon)

Ao que tudo indica, num futuro próximo teremos geladeiras, relógios de pulso e antissépticos bucais Soul II Soul. Mas deixando de lado o exorbitante fato de que Jazzie B e os seus estão ditando capítulos na história dos negros e do capitalismo (e da música pop também), é bom reservar um pouco da empolgação para o principal motivo de tanto êxito: a música.

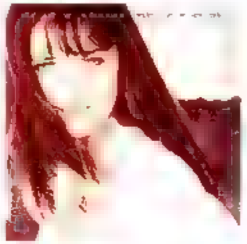
O primeiro LP, *Club Classics Vol. 1*, encantou meio mundo. O *Vol. II* veio fisgar definitivamente a metade restante. Contribuirá para isso, certamente, o fato de este LP se apresentar muito mais coeso e bem estruturado, dando a nítida impressão de que, durante a entressafra, Jazzie B e Nellee Hooper (responsáveis por toda a produção) andaram fazendo direitinho a lição de casa e aprenderam muita coisa nova.

Nos créditos de composição das músicas figuram também outros quatro nomes, o mesmo número de cantoras, a saber Marcia Lewis, Victoria Wilson-James, Lamnya e Kym Mazelle. As duas primeiras são as novidades, vindas daquela mina de talentos cujo caminho só Jazzie B conhece. Lamnya já gravou sob o nome de Rozette e Kym Mazelle é a conhecida estrela da *deep house*.

Tão cedo será muito difícil uma coleção de músico e *grooves* se equiparar ao que temos aqui. A primorosa "Get A Life", com sua letra e (quip.) mensagem excelentes sobre um ritmo muito anos 70, poderoso. A obra-prima "Dream's A Dream", com uma atmosfera meio intimista e de devaneio — infelizmente a única chance de se ouvir no disco a magnífica voz de Victoria. E "People", um *house* sofisticadíssimo, com uma letra na linha "eu sou feliz e o mundo é lindo".

"Love Come Through", "Missing You" e "In The Heat Of The Night" são faixas românticas, *cool*, mas transbordando soul. O belíssimo instrumental de "Time" é feito nos moldes dos arranjos do soul da Philadelphia dos anos 70. "A New Decade" e "Our Time Has Now Come" são enérgicas e positivas e funcionam como uma espécie de minimanifestos da ideologia *Funki Dred*. A única escorregada é "Courtney Blows", onde o sax de Courtney Pine vai serpeando numa base funk sem graça.

Este LP é uma iluminada síntese do tudo que caracteriza o Soul II Soul: dança, melodia, determinação, iniciativa e ação. *Camilo G. Rocha*



LONDON, WARSAW, NEW YORK — Basia (Epic/CBS)

Em meio a tantas Vegas [illegible] nors e Tikas [illegible] e compositora Basia [illegible] seu segundo [illegible] de participar [illegible] um irrelevante [illegible] Bianco, Danny White [illegible] vem com dez faixas e [illegible] devidamente [illegible] todos os requisitos que os [illegible] da MTV exigem. [illegible] canta certinho, já tem [illegible] de trabalho [illegible] [illegible]

MC JACK CÓDIGO 13 [illegible]

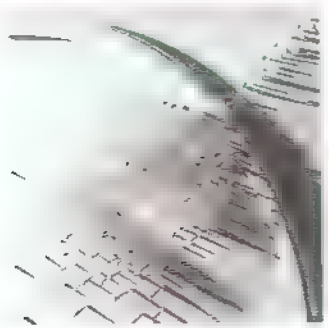
[illegible]

MILEAGE — John Hammond [illegible]

[illegible]

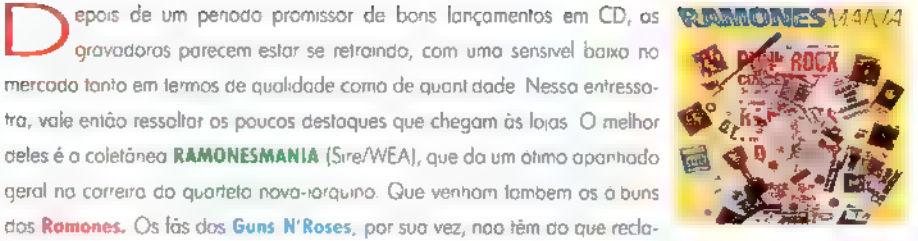
Altos e baixos na série *Discoteca Básica* da WEA: o mesmo pacote que trouxe o disco de Otis Redding (na abertura da seção *Discos*) fez surgir duas coletâneas do selo MCA sem maior expressão. **JOY TO THE WORLD (THEIR GREATEST HITS)** revive o pop sub-Creedence do **Three Dog Night**, enquanto **THE FOUR SEASONS HITS (FEATURING FRANKIE VALLI)** — que inclui desde velhas babas até um rap da trilha de *Dirty Dancing* — cabena melhor sob o rótulo de "discoteca trágica". E "A lenda continua..." afirmam os integrantes do veterano **The Temptations** na contracapa do LP **SPECIAL** (Motown/BMG-Ariola), referindo-se ao legado da histórica gravadora de Detroit, desde seu auge nos anos 60 até os dias de hoje. Na verdade, a própria fragilidade do álbum desmente tal afirmativa, com o grupo bem distante de seu passado glorioso, perdido entre baladas bobas e funks sem graça. No entanto, o mesmo selo é responsável pelo álbum de estréia do trio de rappers **Wreck'N'Effect**, que digere muito bem as influências da *soul music* clássica em seu som (vide "Soul Man"). Duas vozes velhas de guerra também dão o ar de sua graça com álbuns perfeitamente dispensáveis: o duplo **JOE COCKER LIVE** (Capitol/EMI-Odeon) parece apresentar o cantor inglês sob os efeitos nefastos da última ressaca em versões "arena" de seus maiores hits, e **Linda Ronstadt (Featuring Aaron Neville)** perde-se nas fracas composições do LP **CRY LIKE A RAINSTORM, HOWL LIKE THE WIND** (Elektra/WEA), de uma maneira que nem os quatro bons participações do vocalista dos Neville Brothers conseguem salvar. O quinteto metaleiro **Tesla** faz de seu álbum **THE GREAT RADIO CONTROVERSY** (Geffen/WEA) uma colcha de retalhos de "influências" diversas, na base do requentamento de clichês. Já o LP [illegible]TO (Atlantic/WEA) mostra o trio heavy/progressivo canadense **Rush** tentando "atualizar" o som do grupo, com um resultado desastroso para antigos fãs e pouco promissor para possíveis novos adeptos. Concluso: desse mato não sai coelho. A velha fórmula de unir música clássica e rock é o intento de **Robertinho De Recife** no álbum instrumental **RAPSODIA ROCK** (EMI-Odeon). Misturando George Martin, Villa-Lobos e uma lamentável versão do *Bolero*, de Ravel, ele também acha tempo para alguns delinos pouco inspirados em temas próprios. O ex-guitarrista do Yahoo devena ouvir com atenção o disco de estréia da **Orquestra De Cordas Brasileiras** (Kuarup), bem melhor sucedido em seu resgate acústico de clássicos de Radamés Gnattali, Jacob Do Bandolim e Ernesto Nazareth, entre outros. Ainda no música instrumental, o **Duo Fenix** — formado pelos teclados de Delia Fischer e Claudio Dauelsberg — vem com **KARAI-ETÉ** (RCA/BMG-Ariola), acompanhado das habituais "feras de estúdio" convidados. No geral, o disco deixa a impressão de sugestões para aberturas de programas televisivos na madrugada. Mas o cúmulo mesmo é o surgimento de uma caixa com quatro discos do saxofonista **David Sanborn** (Warner/WEA). Indicado para ouvidos masoquistas ou como presente para seu pior inimigo.

CELSO PUCCI



GRAVADORAS INDEPENDENTES: [illegible]

Depois de um período promissor de bons lançamentos em CD, as gravadoras parecem estar se retraindo, com uma sensível baixa no mercado tanto em termos de qualidade como de quantidade. Nessa entressafra, vale então ressaltar os poucos destaques que chegam às lojas. O melhor deles é a coletânea **RAMONESMANIA** (Sire/WEA), que dá um ótimo apanhado geral na carreira do quarteto nova-iorquino. Que venham também os álbuns dos **Ramones**. Os fãs dos **Guns N'Roses**, por sua vez, não têm do que reclamar: na eminência de sair o novo LP do grupo, são editados em CD o primeiro álbum — **APPETITE FOR DESTRUCTION** — e o disco que reúne o EP ao vivo de estréia, mais quatro faixas de estúdio, **GN'R LIES** (ambos Geffen/WEA). O setor de trilhas sonoras tem como principal atração o lançamento de **PARIS, TE[illegible]S** (Warner/WEA), com a magnífica música feita pelo guitarrista **Ry Cooder** para o filme de Wim Wenders. Para quem gosta dos vocais bêbuns e da pose "cachorro vadio" de **Tom Waits**, a dica é **RAIN DOGS** (Island/PolyGram), mas para aqueles que andam atrás de coisas do arco da velha, temos as edições do álbum de estréia do **Blood, Sweat And Tears** — **CHILD IS FATHER TO THE MAN** (Columbia/CBS), de 68 — ou da antologia **DONOVAN'S GREATEST HITS** (Epic/CBS), focalizando a fase áureo do baladeiro hippie escocês.



CELSO PUCCI

Em sincronia com a obra *sci-fi* do também canadense William Gibson, a guerrilha informática dos *hackers* e os *insights* da revista *Omni*, o **Voivod** antecipa o futuro e projeta em seu quinto LP — **NOTHINGFACE** (Mechanic/MCA) — o esboço do "metal do século 21" um som que já fisgou figuras de proa como Jim "Faetus" Thirwell Lydia Lunch e os Young Gods. Galáxias além de sua origem *thrash*, o grupo cria melodias de estrutura complexa, propulsionadas por riffs nevrálgicos (cortesia do guitarrista "Piggy", agora refeito de uma cirurgia que lhe extirpou um tumor cerebral) e ritmos desconcertantes. O repertório para tudo isso pode ser a versão *cyberpunk* para "Astronomy Dominé", de Syd Barrett.

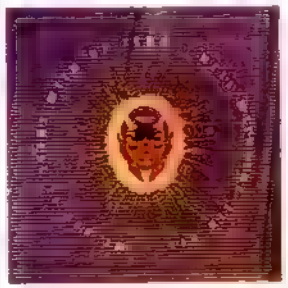
Dentre todos os participantes do *paisley underground*, não há dúvida de que o Dream Syndicate encontrou sua expressão máxima. Com o fim do grupo em 88, a atenção dos fãs do gênero volta-se agora para o LP de estréia do criador do "sindicato" o cantor e guitarrista **Steve Wynn**. Em **KEROSENE MAN** (Rhino), ele se faz acompanhar por Fernando Saunders, D.J. Bonebrake (X), Chris Cacavas (ex-Green On Red) Howe Gelb (Giant Sand) e outros astros de L.A., incandescendo em onze faixas envoltas por um notável ecletismo.

ARTHUR G. COUTO DUARTE

O Pool Tax, aquele maldito imposto que todo inglês — rico ou pobre — tem de pagar anualmente, é uma das coisas mais odiadas pelos setores menos conservadores do país. A coletânea **ALVIN LIVES (IN LEEDS)**, editada pelos selos The Sound Of Spasm/Midnight Music, é um dos mais originais manifestos contra a cobrança dessa taxa. Reunindo nomes consagrados (**The Wedding Present Lush**), emergentes (**Cud, Five Thirty, The Popguns**) e outras promessas do underground, o disco traz versões ultra-idiossincráticas de alguns dos hits da discoteca. Sim, isso mesmo, da venenosa *disco music* dos anos 70. A causa é extremamente justa, a concepção curiosíssima e as faixas são banhadas por uma originalidade ensandecida.

O selo Native já deu ao cenário inglês preciosidades como The Darling Buds e The Junk e agora apresenta seu novo fetiche: trata-se do quarteto **The Snapdragons**, que faz sua estréia no LP **DAWN RAIDS ON MORALITY**. Se fosse só pela faixa "Dole Boys On Futons" se poderia dizer que parecem os Smiths com um vocal mais abantonado. Mas eles vão além da influência, lapidando atmosferas nebulosas nas quais recortes de folk funk e psicodelia comungam numa cerimônia definitivamente paga.

FERNANDO NAPORANO

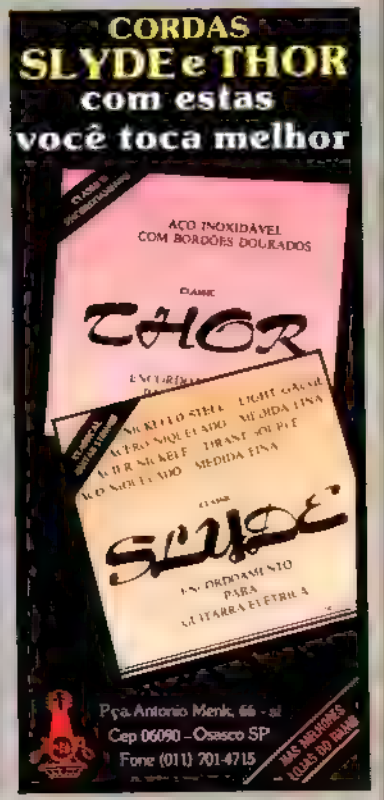


Os sertões texanos, mais conhecidos por countrys melosos que pelo experimentalismo associado ao selo conadense Nettwerk, pariram um mutante o hip hop industrial da dupla **MC 900 Ft. Jesus And DJ Zero** em seu LP de estréia **HELL WITH THE LID OFF**. A um paranóico *beat* industrial juntam-se requebros de hip hop, samples de Run DMC e Eric B & Rakim, swings jazzísticos, *scratches* ambientais e principalmente muito barulho. Os vocais são horrendos e cantam letras do tipo "não posso ir trampar porque o Pé-Grande roubou meu carro", com o mau humor apocalíptico habitual dos grupos industriais. Se Fritz Lang tivesse colocado um hospício em sua Metrópolis esse disco seria a música ambiente perfeita para torturar os loucos.

ANDRE FORASTIERI

SHOPPING

COS INSTRUMENTOS ACESSÓRIOS DISCOS INSTRUMENTOS ACESSÓRIOS DISCOS INSTRUMENTOS ACESSÓRIOS DIS INSTRUMENTOS ACESSÓRIOS DISCOS INSTRUMENTOS ACESSÓRIOS DISCOS INSTRUMENTOS ACESSÓRIOS DISCOS



visite a

7ª Feira Internacional da Música.
7th International Music Fair,
Sao Paulo, Brazil.

FELLINI Amor Louco
LP em selo Wop Bop

FELLINI

AMOR LOUCO

(Atendemos por Reembolso Postal para o Interior de SP e outros Estados). Enviamos Catálogos Grátis, com maior variedade de LPs nacionais e internacionais, Compact Discs, Fitas Cassetes, Fitas de Video e Camisetas Estampadas.
Faça seu pedido hoje, por carta ou telefone

WOP BOP Tel.: (011) 231-4960

A & R Discos Ltda - Br Itapetininga, 255 - lj. 25
01042 - São Paulo - SP

GANG

PESSOAS TALENTOSAS SEMPRE EMOCIONAM.

A GANG tem os melhores instrumentos musicais nacionais e importados e, também, máquinas e mesas para gravação, além de oferecer uma completa orientação especializada para você se lançar entre os nomes de sucesso.

Venha conhecer nossa nova loja com Estúdio de Teste.
Rua Teodoro Sampaio, 826 - Tels.: (011) 883-1673 e 881-7619

Publical

SEBO DE ELITE

QUE TAL SER SÓCIO DE UMA DISCOTECA

Com mais de 100 mil LPs,
10 mil CDs,
vídeos, revistas e livros de música,
cinema e teatro?

EMBARQUE NESSA:

SEBO DE ELITE DISCO CLUBE

- Compra, Venda, troca e aluguel
- Discos CDs Videos Livros Revistas

LEASON
PROFESSIONAL MICROPHONES

Sensibilidade em suas mãos

BERTASI é sensibilidade em suas mãos. Com simplicidade de manuseio, você pode usar versões para 2 e 5 canais ou em peças avulsas. Faça revolução com esta evolução.

BERTASI

Baterias Eletrônicas

R. dos Campineiros, 299 - São Paulo - SP
CEP 03167 - Tel.: (011)948-2938

CORDAS
SLYDE e THOR
com estas
você toca melhor

AÇO INOXIDÁVEL COM BORDÕES DOURADOS

THOR

SLYDE

ENCORDOAMENTO PARA GUITARRA ELÉTRICA

Pça. Antonio Menk, 66 - sl
Cep 06090 - Osasco SP
Fone (011) 701-4715

MAS MELHORES LOJAS DO BRASIL

palmer

O SOM SUPERIOR

Novos lançamentos na área de Áudio e Teclados.

- Teclados e Pianos Eletrônicos
- Amplificadores para Instrumentos
- Potências
- Mesas de Som
- Equalizador Gráfico
- Crossover
- Caixas Acústicas

DÊ MAIS VALOR AO SEU DINHEIRO. TENHA UM PALMER.

Informações e Assistência Técnica: Eletrônica Palmer Ind. e Com. Ltda.
Rua Carmélia Morano 153 São Paulo SP - Jardim Arpoador - Rod R Tavares - Km 18.5
CEP 05566 - Fone (011)268-2833 - Fax (011)869-2386.

Visite-nos na 7ª FEIRA DA MUSICA (Bienal Ibirapuera São Paulo, de 25 a 30/09. Solicite convite pelo correio).

FINALMENTE NO BRASIL

Pearl Zildjian Fender REMO ATAMA Ibanez

MUSICOS

R. Teodoro Sampaio 825
Pinheiros
CEP 05405 - São Paulo - SP
Tels. 282-6002 / 280-2555

Gostaria de receber correspondência da loja MUSICOS

Nome _____
End _____
_____ CEP _____
Cid _____ Est _____
Instrumento que toca _____

OS 50 PRIMEIROS CUPONS GANHARÃO CAMISETA

LANÇAMENTO: PEDAL DP.20

ADAH

O MAIS PROFISSIONAL DOS PROFISSIONAIS.

PEDAIS DE BATERIA E COWBELL'S.

SOLICITE CATÁLOGOS

Rua Eduardo Zumkeller, 212 São Paulo - SP
CEP 02420 - Fone (011) 299-4022

ALAKAZAM!

CONHEÇA NOSSOS CURSOS DE MUSICA!

COMPRE O QUE QUISER E RECEBA COM TODA A GARANTIA EM SUA CASA. COMO NUM PASSE DE MÁGICA!

Shopostal

Instrumentos musicais, amplificadores, completa linha de acessórios e componentes, nacionais e importados. ENTREGAS EM TODO O BRASIL

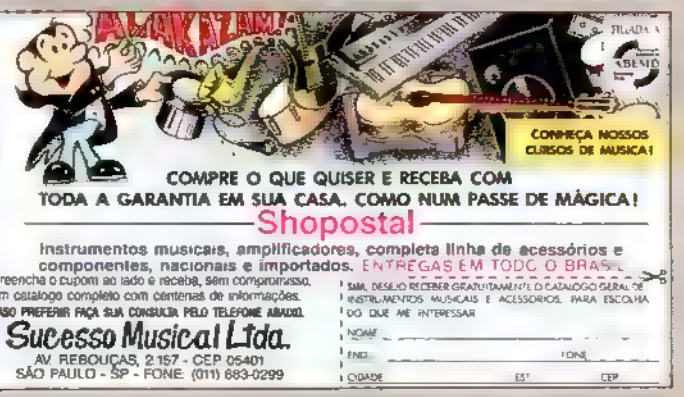
Preencha o cupom ao lado e receba, sem compromisso, um catálogo completo com centenas de informações.
CASO PREFERIR FAÇA SUA CONSULTA PELO TELEFONE ABAIXO.

Sucesso Musical Ltda.

AV. REBOUÇAS, 2.157 - CEP 05401
SÃO PAULO - SP - FONE: (011) 883-0299

SIM, DESEJO RECEBER GRATUITAMENTE O CATÁLOGO GERAL DE INSTRUMENTOS MUSICAIS E ACESSÓRIOS PARA ESCOLHA DO QUE ME INTERESSAR

NOME _____
END _____ FONE _____
CIDADE _____ EST _____ CEP _____



PIXIES

HEY

(Pixies)

Andrew Catlin_FI

hey	*hey*
been trying to meet you	*ando tentando te encontrar*
hey	*hey*
must be a devil between us	*deve haver um demônio entre nós*
or whores in my head	*ou putas na minha cabeça*
whores at my door	*putas na minha porta*
whores in my bed	*putas na minha cama*
but hey	*mas hey*
where have you been	*onde você esteve*
if you go I will surely die	*se você se for certamente eu vou morrer*
we're chained	*estamos acorrentados*

Todas as palavras foram mantidas em letras minúsculas, respeitando o texto original dos Pixies.

Warner Tamerlane Publishing Corp. (Direitos cedidos para o Brasil a Warner/Chappell Ed. Musicais Ltda.

PARA TORMENTO DOS VIZINHOS, A LOJA MÚSICOS CRESCEU.

MUSICOS

Brazil Wholesalers Rua Teodoro Sampaio, 825
Tel 282 6002 280 2555 Pinheiros Cep. 05405
Percussion Center Rua Teodoro Sampaio, 763 Loja 20
Tel 883 0882 282 9582 Pinheiros Cep. 05405
Distribuidora Nacional Rua Barão de Melgaço, 222
Tel 843 6535 842 4273 Morumbi Cep. 05684

PARADA

SEBASTIAN BACK (SKID ROW)

CONVENÇÕES

(R) Retorno
(N) Novidade
( ) Posição na Parada anterior

...erior, sua participação é imprescindível! Escreva para a Bizz — Parada dos Leitores — Caixa Postal 60081 CEP 05069 São Paulo — SP — dizendo quais os discos que você comprou este mês. Acrescente seu nome, endereço e telefone para que possamos voltar a consultá-lo.

Foto: Roberto M...

LEITORES

1. *I Do Not Want What I Haven't Got* (13) — Sinead O'Connor — EMI-Odeon
2. *I'm Breathless* (N) — [illegible] — WEA
3. *The Album* (5) — Technotronic — PolyGram
4. *Wild!* (2) — Erasure — WEA
5. *As Quatro Estações* (1) — Legião Urbana — EMI-Odeon
6. *Sleeping With The Past* (N) — Elton John — PolyGram
7. *Trial By Fire (Live In Leningrad)* (N) — Yngwie Malmsteen — PolyGram
8. *Slip Of The Tongue* (N) — Whitesnake — EMI-Odeon
9. *Stay* (R) — Oingo Boingo — WEA
10. *Summer House Hits* (R) — Vários — PolyGram
11. *Um Contrato Com Deus* (9) — Ed Motta — WEA
12. *Pump* (R) — Aerosmith — WEA
13. *Por Que Ultraje A Rigor?* (6) — Ultraje A Rigor — WEA
14. *Dr. Feelgood* (N) — Motley Crue — WEA
15. *Back On The Block* (N) — Quincy Jones — WEA
16. *Skid Row* (N) — Skid Row — WEA
17. *Metal Giants* (N) — Vários — CBS
18. *Ao Vivo* (R) — Barão Vermelho — WEA
19. *Overnight Remixes* (N) — Vários — Stiletto
20. *Alternative* (N) — Tek Noir — Stiletto

Fontes: Billboard e Cash Box (EUA), de 23/06 a 14/07/90; Melody Maker e New Musical Express (GB) de 23/06 a 07/07/90. Para a Parada dos Leitores, foram consideradas as cartas recebidas até 8/07/90.

LOJAS

1. *Skid Row* (5) — Skid Row — WEA
2. *I Do Not Want...* (1) — Sinead O'Connor — EMI-Odeon
3. *I'm Breathless* (9) — Madonna — WEA
4. *ChangesBowie* (4) — David Bowie — EMI-Odeon
5. *Presto* (2) — Rush — WEA
6. *The Album* (3) — Technotronic — PolyGram
7. *Pump* (R) — Aerosmith — WEA
8. *Trial By Fire (Live In Leningrad)* (R) — Yngwie Malmsteen — PolyGram
9. *Tattoed Millionaire* (N) — Bruce Dickinson — EMI-Odeon
10. *Andar* (N) — Alceu Valença — BMG-Ariola
11. *GN'R Lies* (20) — Guns N' Roses — WEA
12. *Journeyman* (N) — Eric Clapton — WEA
13. *Extreme Aggressor* (N) — Kreator — CBS
14. *Plural* (13) — Gal Costa — BMG-Ariola
15. *Clandestino* (N) — [illegible] — WEA
16. *Shut Up And Dance* (N) — Paula Abdul — EMI-Odeon
17. *As Quatro Estações* (11) — Legião Urbana — EMI-Odeon
18. *The Ultimate* (N) — Otis Redding — WEA
19. *Manic Nirvana* (N) — [illegible] — WEA
20. *II* (N) — Kamikaze — Cogumelo

LPs (EUA)

1	(1)	*Please Hammer Don't ...*	M. C. Hammer (Capitol)
2	(N)	*Step By Step*	New Kids On The Block (Columbia)
3	(6)	*I'm Breathless*	Madonna (Sire)
4	(3)	*Pretty Woman*	Trilha Sonora — Vários (EMI)
5	(10)		Wilson Phillips (SBK)
6	(5)	*Poison*	Bell Biv DeVoe (MCA)
7	(2)	*I Do Not Want What ...*	Sinead O'Connor (Ensign)
8	(9)	*Violator*	Depeche Mode (Sire)
9	(4)	*Brigade*	Heart (Capitol)
10	(N)		Johnny Gill (Motown)

LPs (GB)

1	(N)	*The Essential Pavarotti*	Luciano Pavarotti (Decca)
2	(1)	*Vol. II — 1990 A New Decade*	Soul II Soul (10)
3	(9)	*Natural History*	Talk Talk (EMI)
4	(4)	*Between The Lines*	Jason Donovan (PWL)
5	(N)	*Summer Dreams*	Beach Boys (Capitol)
6	(N)	*Step By Step*	New Kids On The Block (CBS)
7	(N)	*Greatest Hits*	Bangles (CBS)
8	(8)	*Classic Experience 2*	Vários (EMI)
9	(2)	*I'm Breathless*	Madonna (Sire)
10	(N)	*The Songs 1975-1990*	Barry Manilow (Arista)

LPs Independentes (GB)

1	(4)	*Pod*	Breeders (4AD)
2	(1)	*Life*	Inspiral Carpets (Mute)
3	(9)	*Come Down Heavy*	Thee Hypnotics (Situation 2)
4	(N)	*Passion And Warfare*	Steve Vai (Food For Thought)
5	(8)		The Stone Roses (Silvertone)
6	(R)	*Bummed*	Happy Mondays (Factory)
7	(N)	*She Hangs Brightly*	Mazzy Star (Rough Trade)
8	(2)	*Joy 1967-1990*	Ultra Vivid Scene (4AD)
9	(7)	*Violator*	Depeche Mode (Mute)
10	(5)	*Alvin Lives In Leeds*	Vários (Sound Of Spasm)

Compactos (EUA)

1	(5)	"Step By Step"	New Kids On The Block (Columbia)
2	(N)	"She Ain't Worth It"	Glenn Medeiros (N)
3	(1)	"Hold On"	En Vogue (Atlantic)
4	(2)	"It Must Have Been Love"	Roxette (EMI)
5	(N)	"I'll Be Your Shelter"	Taylor Dayne (Arista)
6	(N)	"Cradle Of Love"	Billy Idol (Chrysalis)
7	(3)	"Poison"	Bell Biv DeVoe (MCA)
8	(N)	"Rub You The Right Way"	Johnny Gill (Motown)
9	(N)	"Enjoy The Silence"	Depeche Mode (Sire)
10	(N)	"The Power"	Snap (Arista)

Compactos (GB)

1	(N)	"Sacrifice"	Elton John (Rocket)
2	(2)	"World In Motion"	New Order (Factory)
3	(N)	"Nessun Dorma"	Luciano Pavarotti (Decca)
4	(N)	"It Must Have Been Love"	Roxette (EMI)
5	(N)	"Step By Step"	New Kids On The Block (CBS)
6	(N)	"Oops Up"	Snap! (Arista)
7	(8)	"Hold On"	Wilson Phillips (SBK)
8	(N)	"The Only Rhyme..."	MC Tune Versus 808 State (ZTT)
9	(N)	"Thinking Of You"	Maureen Walsh (Urban)
10	(N)	"Close To You"	Maxi Priest (10)

Compactos Independentes (GB)

1	(1)	"The Only One I Know"	Charlatans (situation 2)
2	(8)	"Shall We Take A Trip?"	Northside (Factory)
3	(3)	"World In Motion"	New Order (Factory)
4	(N)	"Lazyitis"	Happy Mondays (Factory)
5	(N)	"Rubbish"	Carter (Big Cat)
6	(5)	"The Ingredients"	Ned's Atomic Dustbin (Chapter 22)
7	(N)	"Different Drum"	Lemonheads (Roughneck)
8	(N)	"She Comes In The Fall"	Inspiral Carpets (Mute)
9	(7)	"Stepping Stone"	Farm (Produce)
10	(N)	"Doin' The Do"	Betty Boo (Rhythm King)

PROGRESSIVE ROCK

Rock'n' Roll - The First Option

Videoshows · Lps · Lasers · Importados e Nacionais · Camisetas · Patches · Posters

Compra, venda, troca e consignação de discos

Raros e fora de catálogo

• Gnidrolog • Budgie • Eloy • Clearlight • Camel • Dust • Latte & Miele • Van der Graaf • Q. V. C. • Acqua Fragile • Reale Accademia di Musica • Paese dei Balocchi • Ibis • Anyone's Daughter • Wallenstein • Aquarelle • Pell Mell • Grobschnitt • Jane • Nektar • Omega • Novalis • Jonathan • Neuronium • Fruupp • Pekka Pohjola • Satin Whale • Agitation Free • Mythos • Parzival • Curved Air • Greenslade • Hawkwind • Wolf • Manilion • I. Q. • Machavel • Finch • Mike Oldfield • Hoelderlin • Maneige • Asia Minor • Mona Lisa • Wapassou • Fireball • Frank Zappa • Gentle Giant • Cactus • Jefferson Airplane • Gary Moore • Ten Years After • Grateful Dead • Yardbirds • Biglietto per L'inferno • Chicken Shack e outros.

Distribuidor autorizado de camisetas e patches by HIPGNOSIS — Tudo pelo rock

Lojas consultadas: Camelô Negra e Cogumelo Discos (Belo Horizonte); Pop Som e Casa Cocho (Porto Alegre); Modern Sounds e Sub Som (Rio de Janeiro); Barulhos Altos, Musical Box e Woodstock Discos (São Paulo)

Rua Arthur de Azevedo, 760 - Pinheiros
São Paulo - SP - CEP 05404
Tel. (011) 881-8943
De 2ª a sábado, das 11 às 19:30 horas

CARTAS

RENATO RUSSO

Gostaria de parabenizar o Renato Russo pela coragem de assumir o que ele realmente é, principalmente numa sociedade machista onde existe muito preconceito. (...) E também chamaria a atenção para o papel fundamental que a BIZZ teve. Foi completamente imparcial na entrevista com o Renato. Parabéns!!! Aliás, a BIZZ de junho só teve gay, é claro, sem preconceito.

Sergio Pires, São Paulo, SP

(...) É inadmissível a insistência de vocês em endeusar o conjunto Legião Urbana e o seu vocalista Renato Russo. E não justifica dizer que escritores gays são melhores e mais sensíveis apenas por serem gays. (...) Renato Russo é muito repetitivo e cansativo, e ao ouvirmos as suas músicas percebemos que este pseudopoeta é um cara prepotente e que não cria nada de novo, ao contrário, não cansa de imitar os Smiths e o grande Morrissey.

Mauricio, São Paulo, SP

Achei bastante sensata a entrevista realizada com o Renato Russo. Sua postura é elogiável, tanto quanto a revista, por não fazer sensacionalismo com alguém que teve a coragem de dizer o que é, que faz o que lhe convém, sem estar preocupado com essa sociedade hipócrita contemporânea. (...)

Zeca Virtuoso, São Paulo, SP

Apresento-lhes os meus protestos de profunda decepção para com Renato Russo. Renato, que adianta você escrever letras tão lindas se no fundo você é podre? Olha, adoro você. De coração, gostaria que você se punificasse! Que você possui uma posição homossexual eu sei, saquei em letras como "A Dança", "Soldados" e outras. Mas falar cegamente sobre disciplina, considero seu intelecto um lamentável desperdício. (...)

Cid Servas, Itaberaba, BA

Acabo de ler e reler a entrevista com Renato Russo na edição de junho. Emocionante. (...) Por que ainda tem tanta gente preocupada com o sexo do corpo/veículo que a gente está usando? A máxima para esta questão homo/hetero fica com o mesmo Renato Russo, na frase com que abriu a apresentação de "Meninos E Meninas" num show em Porto Alegre: "Eu amo quem eu quiser".

Carla Silva Garcia, Nova Iguaçu, RJ

Não entendi por que, numa revista musical como esta, um cantor/compositor tão respeitado como Renato Russo resolveu declarar sua preferência sexual. Qual o interesse do seu público em saber sua vida íntima? (...) Minha admiração pelo poder de comunicação e sensibilidade de Renato Russo continua a mesma, mas faltou-lhe desta vez bom senso para escolher a hora e o lugar para tais declarações.

Denise Jorge, São Paulo, SP

Apreciei muito a coragem e a ousadia de Renato Russo em se desnudar sem preconceitos perante seus fãs e leitores da BIZZ. (...) Acima de qualquer preconceito, Renato Russo é um ser humano sensível e talentoso, que, mais do que nunca, merece todo o nosso respeito e consideração.

Ronaldo Siqueira da Rocha, Caxias, SP

Já estava na hora de o Renato Russo abrir o jogo e não esconder nada de ninguém. Deve ter sido como tirar um peso de sua consciência. Eu respeito totalmente sua atitude.

David Correia Jr., Guarulhos, SP

PAU NO JAL

(...) Achei muito pertinente a comparação com o show de Frank Sinatra pois, infelizmente, é mesmo um fato que muitas das turnês que aportam aqui são de artistas que já tem longa data de estrada lá fora. Mas não concordo que foi o "Programa de Índio do Século", pois se é inegável que estamos mesmo distantes da "civilização", por outro lado é discutível sugerir que ter se rendido a tais programa foi atitude exclusiva nossa, pois, pelo que eu sei, lendo revistas como *Musician*, *Rolling Stone* e mesmo numa resenha recente da própria BIZZ por Anamaria G. de Lemos, direto de Londres, os povos "civilizados" ainda não estão considerando Paul McCartney um artigo tão "carne-de-vaca" assim. (...) Se Paul tocou "Hey Jude", "Let It Be" e "Yesterday", vai ver que foi porque ele não quis ser execrado como Bob Dylan, cujo máximo de concessão que fez foi tocar uma versão irreconhecível de "Blowing In The Wind". David Bowie não está atualmente em turnê com um set totalmente escolhido pelos fãs? Execração à vista! (...) Eu fui ao Maracanã assistir ao show de uma pessoa que, há muito tempo, sabe cantar e tocar mais do que razoavelmente. É perverso que só agora tenha rolado essa oportunidade. Perverso, porém não desprezível. E, afinal, não saí de lá nem um pouco desapontada por não ter visto Deus (ainda que Deus fosse Clapton, os Stones ou Beto Barbosa).

Marcia Lauton Dias, São Paulo, SP

(...) Nunca nos sentimos tão profundamente aborrecidos com uma matéria (salvo a de Paulo Francis em 80, quando John Lennon se foi) como essa escrita pelo tal J.A. Lemos sobre os shows no Rio do velho Macca. (...) Talvez um dia vocês entendam que, para nós, fãs dos Beatles, o amor fala mais alto. O amor que esses quatro caras deram para as pessoas é um carma pesadíssimo. Eles nunca mais serão pessoas comuns — porque eles se doaram.

Rose e Nino Iacomo, São Paulo, SP

O J.A. Lemos deve ter algum problema de ordem psicológica que interfere de maneira acentuada no exercício de sua função. Como crítico musical, deixa muito a desejar. (...)

Almir de Nóbrega Câmara, Peixes, SP

(...) É muita cara-de-pau de vocês passarem um mês inteiro sem falar nada sobre o show de Paul McCartney e quando resolvem fazer isso têm a santa ignorância de botar um fã do Beto Barbosa para fazer a crítica do show (muito malferta, por sinal). (...)

Paulo Pereira de Matos, Campina Grande, PB

(...) Linda realmente desafina demais. Mas, neste aspecto, ainda não conseguiu superar o vocalista da banda Chance, um certo Jose Augusto Lemos (?). (...) Macca não tem culpa pela chuva. J.A.L. que se queixe a São Pedro.

Thomaz Jr., Pelotas, RS

Leio esta revista há muitos anos e nunca vi besteiras tão grandes como na BIZZ 59, em que um tal de J.A. Lemos, que deve pensar que é crítico de rock, escreveu a matéria *Ao Vivo* de Paul McCartney.

Washington Peretaki, Guarulhos, SP

É uma pena que uma revista tão importante quanto a BIZZ escolha críticos tão parciais, como o sr. J.A. Lemos, para fazer o comentário de um show tão importante quanto foi Paul In Rio. Um crítico que, de cara, mostra que detestou os Beatles e que tenta se desculpar, dizendo que teve outros além deles na década de 60, (...) mostra ainda a discordância entre os críticos, pois na BIZZ 57, Anamaria G. de Lemos demonstrou, no mínimo, que adorou o show de Paul em Londres. (...) Se você acha que Paul In Rio, o show mais importante que os tupiniquins puderam apreciar, foi o "programa de índio do século", nem Freud explica.

Jean César de Lima Muniz Carneiro, MG

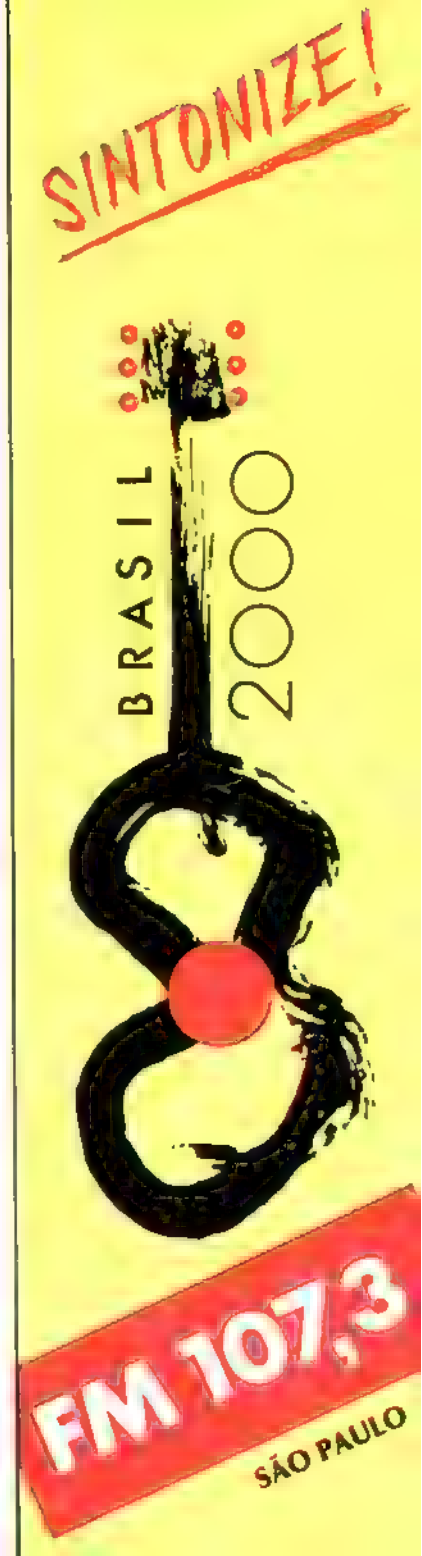
Creio que nem Freud nem Jung e nem Eduardo Mascarenhas explicariam a enxurrada de asneiras que o sr. J. A. Lemos desaguou sobre nossas cabeças no *Ao Vivo* da BIZZ 59. (...) É um mundo cruel, é um trabalho imundo ter que escrever para a revista, mas alguém tem de faze-lo... e dizer: Jose Augusto Lemos, o babaca do milenio.

Luciano de Oliveira Gil, Belo Horizonte, MG

O Babaca do Milênio responde: "A reação calorosa dos fãs de Paul McCartney já era esperada. Ninguém critica um ídolo sem atrair a ira de seus fiéis, nem um crítico pode ter a ingenuidade de acreditar que a razão e a palavra podem ter efeito sobre a cegueira e a surdez que caracterizam qualquer fanatismo. O que poucos artistas — e seus fãs — entendem é que ninguém perde tempo falando mal de quem não tem talento — neste caso, o desprezo silencioso é recomendado. Para ter o trabalho de sentar-se à máquina de escrever e tentar explicar, descrever, reportar ou criticar, é preciso algum interesse. Neste caso, a esperança de uma experiência "mítica, histórica e divertida, como uma visita à Disneylândia", nas palavras que Anamaria G. de Lemos usou para o show de McCartney em Londres. Não estou negando a importância sócio-econômica-cultural-musical nem o "carma amoroso" do quarteto. Não estou culpando Macca pelas chuvas. Se há discordância entre os críticos desta revista, é porque trata-se de uma publicação séria, adulta, madura e democrática, onde nenhum diretor ou editor impõe o seu ponto de vista a repórteres e redatores — o que não pode ser dito de alguns veículos milagrosamente respeitados no jornalismo cultural do país. Meus caros, vocês simplesmente não têm do que reclamar. Quando foi lançado *Flowers In The Dirt*, publicamos uma entrevista exclusiva com Paul de seis páginas (BIZZ 48). Noticiamos e cobrimos toda a turnê desde sua largada. No mês em que o ex-Beatle desembarcou no Brasil, uma bela biografia foi matéria de capa (BIZZ 57). E na próxima edição teremos o *Ao Vivo* do show especial de McCartney em Liverpool, realizado em julho. Isso sem contar o *Album Especial Letras Traduzidas*, lançado na semana dos shows no Maracanã. E estamos falando de um cantor-compositor-produtor-multiinstrumentista de relevo na História da Música Pop, por isso seria covardia qualquer comparação com uma banda diletante, como Chance (se bem que ouvidos pouco educados costumam confundir a música atonal e a microtonal com "desafinação"). A única carta sensata da leva é a de Marcia Lauton Dias, que — apesar de fã — não perdeu a capacidade de argumentar, comparar, analisar... de *pensar*, enfim. Murem-se no exemplo!

ERRAMOS

Duas marcadas nas Fichas do Rock: *Raul Seixas morreu no dia 21 de agosto de 89, e não 88, como foi publicado; os Mutantes prosseguiram até 79 e gravaram mais dois LPs depois da saída de Dinho em 74, como pode ser conferido nesta edição. Ainda sobre as* Fichas: *as flechas (+) indicam que o cantor ou o grupo citado terão suas próprias fichas em edições posteriores.*



DISCOTECA BÁSICA

JORGE BEN

SAMBA ESQUEMA NOVO (1963)

O Brasil do início dos anos 60 era um país de grande efervescência cultural, onde o folclore e as artes populares não haviam ainda sido condicionados em frascos de formol e serviam de matéria-prima para as novas gerações. Nesse caldeirão quente cabiam tanto a reinvenção do samba, com a bossa nova, quanto os primórdios da sensibilidade pop e rock'n'roll da jovem guarda. E durante décadas estes extremos — na época, ideologicamente inconciliáveis — só se tocaram na música de Jorge Ben.

De nobre linhagem etíope, e musicalidade maturada na noite carioca, Jorge Ben trouxe para o samba pós-bossa um novo violão — tão original quanto o de João Gilberto. Foram os dois, aliás, mais Tom Jobim, os grandes artesãos do "samba híbrido" sincrético, desfolclorizado. Em comparação com a minuciosa dissecação harmônica de João Gilberto, o violão de Jorge Ben também fazia a festa nas síncopes e contratempos. A diferença estava justamente nesta costura: o bordão injetou tanto veneno rítmico que acabou dispensando qualquer tipo de contrabaixo para as gravações. A voz de Jorge recebe apenas um sedoso colchão formado por uma bateria mezzo *jazzy*, encorpada com chocalhos e tamborins e entrecortada por ocasionais frases de piano e do naipe de metais — além, claro, do violão alquímico de Ben.

Quando *Samba Esquema Novo* foi para as lojas, a fissura já estava devidamente instalada pelo sucesso do compacto que o antecedera: "Mas, Que Nada", e "Chove Chuva". Tamanho impacto que dois anos depois Jorge estava nos EUA, desfrutando o status de *hitmaker*, ainda que através das pasteurizadíssimas versões de Sérgio Mendes para estas duas canções.

"Mas, Que Nada" abre o disco embalando um êxtase de longos melismas para, no final, entrar em órbita com o *scat singing*. Nesse tipo de alucinação vocal — e em suas particularíssimas letras — Jorge Ben deu um salto poético enorme. Espécie de novo Noel Rosa, mandou para o espaço preciosismos, parnasianismos, concretismos e entronizou uma fusão da gíria e da prosa malandra de esquina com um vocabulário próprio. Palavras como "saiubá" e "sacundin" talvez não signifiquem nada, mas moduladas melódica e ritmicamente podem explicar para nossos Olavos Bilac *níu-ueive-pós-pânqui* a fundamental diferença entre versos para ler e versos para cantar. "Por Causa De Você, Menina", que seria seu terceiro hit, radicaliza essa prosa intergaláctica ao pronunciar "Voxe passa e não me olha/ mas eu olho prá voxê".

Ao longo da década, enquanto João Gilberto isolava-se cada vez mais no resgate e *copydesk* dos anos dourados da MPB, Jorge Ben soltava todas as amarras para experimentar. Retornando dos EUA, encostou o violão e passou a tocar uma guitarra elétrica — só por essa foi expulso do pseudo-refinado, pseudo-revolucionário *O Fino Da Bossa*. Jorge foi jogar no time adversário, num outro programa chamado *Jovem Guarda*. O resultado dessa associação — o LP *Bidu — Silêncio no Brooklin* (sic), de 67 — merece ser ouvido: tem baião psicodélico, muita eletricidade e efeitos de gravação de fazer inveja aos californianos da época. Daí para a confraria tropicalista foi um pequeno pulo, sinalizando uma safra sensacional que amarra o final dos anos 60 ao final dos 70. Basta citar "Que Pena", "Que Maravilha", "Charles Anjo 45" (talvez seu *magnum opus*), "País Tropical", "Fio Maravilha" e "Taj Mahal". Mesmo na década de 80, o alquimista entrou de sola com discos pioneiros na utilização de samplers — *Dádiva* (83) e *Sonsual* (84). O que veio depois não está à altura, infelizmente. Mas quem se arrisca a prever o que ainda vem por aí?

JOSÉ AUGUSTO LEMOS

Este texto é dedicado ao leitor Reinaldo Fel[illegible] de Osasco, SP

EDITORA AZUL

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretoria: Angelo Rossi, Edgard de Silvio Faria, Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BIZZ

Diretor de Divisão: Carlos C. Arruda

Diretor de Marketing: Romeu Andreghia Filho

REDAÇÃO
Diretor: José Augusto Lemos
Editor: André Forastieri
Editores Assistentes: [illegible]
Assistente de Redação e Atendimento ao Leitor: [illegible]
ARTE
Editora: [illegible]
Diagramação: [illegible]
Arquivo e Pesquisa de Fotos: [illegible]
Colaboradores
Texto: [illegible] **Fotos:** [illegible] **Arte:** [illegible] **Revisão de Texto:** [illegible]

Diretora Responsável: [illegible]

PUBLICIDADE
Diretor Corporativo: Carlos Alberto Araujo
SP – Diretor: Eduardo S. Rosa
Supervisor: Arthur de Oliveira Neto
Contatos: [illegible]
RJ – Diretor: [illegible]
Contatos: [illegible]
PRODUÇÃO GRÁFICA
Gerente: [illegible]
Coordenadora: Sandra C. Boleno
Representantes
Região Sul: [illegible]
SP 2: [illegible]
Belo Horizonte: [illegible]
SERVIÇOS EDITORIAIS
Azul Press – Gerente: [illegible]
Correspondentes: [illegible]
Abril Press – Gerente: [illegible] **Escritórios:** **Nova York** [illegible] **Paris** [illegible]
Departamento de Documentação – Dedoc – Gerente: [illegible]
Serviços Fotográficos-Gerente: [illegible]
COMERCIAL
Gerente de Produto: [illegible]
PROMOÇÃO E PROPAGANDA
Diretor: [illegible]
Gerente: [illegible]

EDITORA AZUL
Diretores: [illegible]

[illegible]

ANER

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

HÁ 5 ANOS

Em breve, os céus vão ficar coalhados de multimilhões de toneladas de pequeninos UFOs exploratórios vindos de naves-mãe. Vão pegar uma grande parte da raça humana e levá-la para o espaço." Ela conseguiu roubar a cena no Rock In Rio, passando da condição de semidesconhecida ao status de diva dos roqueiros nacionais. BIZZ 3 abria o espaço do seu *Entrevistão* para **Nina Hagen**, num papo metafísico com *Luiz Fernando Vilmar*, em

Los Angeles 🔊 O **Led Zeppelin** foi o escolhido para inaugurar a nossa série de matérias "históricas". Nessa edição, publicávamos com exclusividade no Brasil trechos do livro *Hammer Of The Gods* — até hoje, o mais completo e polêmico biografia do grupo, de autoria de *Stephen Davis* 🔊 "Duran Duran Acabou?" A pergunta, estampada na capa de BIZZ, era respondida pelo tecladista **Nick Rhodes**, em entrevista concedida a *Carla Gullo*,

Luis Gomes Estúdio Abril

em Londres 🔊 No extinta seção *Clip*, *José Emílio Rondeau* mostrava os bastidores das gravações do clip de "Dancing In The Streets", clássico de Holland-Dozier-Holland recriado por **David Bowie** e **Mick Jagger** 🔊 Ainda nessa edição, o **Ultraje A Rigor** explicava como havia invadido as praias do rock nacional, enquanto **Tim Maia** participava da nossa primeira *Cabra-Cego*, declarando: "Aqui no Brasil ninguém sabe cantar." 🔊 Depois de três anos de estrada, uma banda baiana invadia as rádios com o hit "Eu Não Matei Joana D'Arc". Aproveitando a deixa, *Sônia Maia* traçava a trajetória do **Camisa de Vênus** 🔊 Os trinta anos da morte do mito **James Dean** eram lembrados num artigo/homenagem de *Ruy Castro* 🔊 "Mais um típico representante do famoso 'rock de arena' — tipo Journey e Rush." Assim, *Leopoldo Rey* saudava na seção *Discos* o lançamento de *7 800° Farenheit*, segundo LP de um grupo então desconhecido por aqui: **Bon Jovi**. Na página seguinte, *José Augusto Lemos* antecipava o resultado da votação da crítica, apontando o LP *Boys And Girls*, de **Bryan Ferry**, como um dos "melhores de 85"

Abril

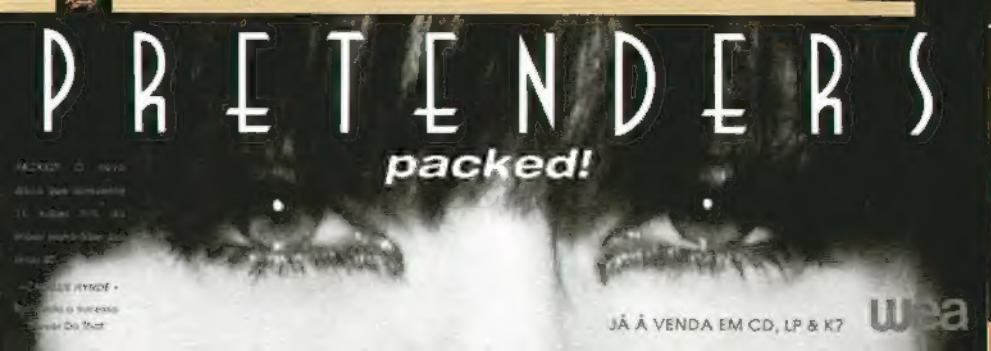
🔊 No seção *Porão*, *Pepe Escobar* anunciava "o nascimento do rock'n'roll dos anos 90", e descrevia embevecido o show de estréia do **Sigue Sigue Sputnik**, em Londres 🔊 O nascimento do rockabilly era tema do *Discoteca Básica*: em pauta, o álbum *The Sun Sessions (1954-55)*, de **Elvis Presley**, por *Roberto Muggiati*.

THREE PAIRS OF SKIN REDS
SKIN REDS
[011] 708-9067

JOVEM PAN

Pos.	Ant.	Música/Artista	
1º	5	MONTE CASTELO Legião Urbana	
2º	–	KNOCKIN' ON HEVEN'S DOOR Guns n' Roses	
3º	29	ADVICE FOR THE YOUNG HEART Tears for Fears	
4º	2	MENINOS E MENINAS Legião	
5º	4	YO YO Plaza	
6º	11	SENDING ALL MY LOVE Lingar	
7º	7	BLUE SAVANNAH Erasure	
8º	3	NOTHING COMPARES TO YOU Sinead O'Connor	
9º	8	CHILDREN OF THE NIGHT Richard Marx	
10º	–	STEP BY STEP New Kids on the Block	
11º	1	VOGUE Madonna	
12º	9	BELOS E MALDITOS Capital Inicial	
13º	14	FALLING SLOWLY Shana	
14º	6	WISH YOU WERE HERE Bee Gees	
15º	10	WOMAN IN CHAINS Tears for Fears	
16º	16	THIS BEAT IS TECHNOTRONIC Technotronic	
17º	26	CINEMA Ice Mc	
18º	18	SACRIFICE Elton John	
19º	19	COME HOME WITH ME BABY Dead or Alive	
20º	22	A NOITE Fernanda Abreu	
21º	23	THE POWER Snap	
22º	27	IT MUST HAVE BEEN LOVE Roxette	
23º	13	DO YOU REMEMBER Phil Collins	
24º	–	TEAKE MY BREATH AWAY (REMIX) Vadão	
25º	–	O QUE EU SEMPRE QUIS Heróis da Resistência	
26º	24	LISTEN TO YOUR HEART Roxette	
27º	12	O PULSO Titãs	
28º	20	MOVE THIS Technotronic	
29º	30	WORLD IN MOTION New Order	
30º	–	OOO UP Snap	

SUBINDO NA PARADA



DMC BRAZIL

Pos.	Ant.	Música/Artista		BPM
1º	1	CINEMA Ice Mc		119
2º	25	MOVIN Lee Marrow		120
3º	5	SENDING ALL MY LOVE Linear		108
4º	2	YO YO Plaza		123
5º	3	PUMP THAT BODY Mr Lee		125
6º	3	THE POWER Snap		109
7º	7	DO YOU WANT ME Lee Marrow		128
8º	13	EVERYBODY EVERYBODY Black Box		118
9º	6	VOGUE Madonna		116
10º	20	OOPS UP Snap		103
11º	4	COME UP WITH ME BABY Dead or Alive		121
12º	29	VENUS Don Pablo's Animals/ Shocking Blue		125
13º	–	SITUATION RAP Mc Crown		120
14º	23	THE ROOF'S ON FIRE West Bam		122
15º	–	WILL YOU BE THERE Celebrate the Nun		127
16º	–	GOING ON KC Element		123
17º	15	THIS BEAT IS TECHNOTRONIC Technotronic		124
18º	22	GET DUMB The Crew		121
19º	12	LET'S JAM THE HOUSE Pig Boy		124
20º	18	DO WHAT YOU WANT TO DO 2 in a Room		119
21º	10	SPIN THAT WHEEL Hi Tek 3		128
22º	9	THE PLEASURE OF MUSIC Ester B		124
23º	–	U CAN'T TOUCH THIS Mc Hammer		133
24º	19	GET BUSY Mr Lee		124
25º	–	DON'T MISS THE PARTYLINE Bizz Nizz		120
26º	24	ENJOY THE SILENCE Depeche Mode		120
27º	11	DON'T YOU LOVE ME 49 ERS		122
28º	16	JUMP ON THE FLOOR Black Kiss		128
29º	14	LIVE TOGETHER Lisa Stanfield		111
30º	26	KLATSCH IN DIE HANDEL Tragic Error		128

COMPILADO PELOS DJ'S MEMBROS DMC BRAZIL

SUBINDO NA PARADA

BPM: BATIDAS POR MINUTO

DMC BRAZIL

C O O L · C U T S

1. TRIPPIN' ON YOUR LOVE - A Way of Life
2. STRAWBERRY FIELDS FOREVER - Candy Flip
3. (NEW) LOVING YOU - Massiva
   Regravação de Minnie Riperton, no melhor remix de Steve Anderson
4. PEOPLE - Soul II Soul
5. (NEW) WHAY CAN'T WE LIVE TOGETHER 1990 - Timmy Thomas
   Tiro certeiro, do selo Syncopate, nas regravações dos clássicos antigos.
6. WE'VE GOT LOVE - Touch of Soul
7. (NEW) MASTERPLAN - Diana Brown & Barrie K. Sharpe
   Primeiro lugar nas paradas de Londres durante 3 semanas; novas tendências....
8. SHAPPINESS - BBG
9. (NEW) FIRST TIME EVER - Joanna Law
   Clássico de Roberta Flack, regravação de 1ª linha.
10. (NEW) I STILL HAVEN'T FOUND WHAT I'M LOOKING FOR - The Chimes
    O melhor grupo inglês da Dance Music. Barbaro!

LANÇAMENTOS

BRAT PACK ("I'm never gonna give you up") – [illegible] produtores Civilles and Cole, [illegible] de maior sucesso na Dance Music americana no momento. [illegible] com vocais de arrepiar, [illegible] do grupo Satisfaction.

808 STATE X MC TUNES ("The only rhyme that bites") – [illegible]

FAB FEATURING MC PARKER ("Thunderbirds are go") – [illegible] Versão para as pistas do tema da série de TV, [illegible]

BETTY BOO ("Doin' the do") – [illegible] Betty tem tudo para ser mais uma estrela da nova geração inglesa. Você foi avisado!

JOANNA LAW ("First time ever") – [illegible] um antigo sucesso de Roberta Flack, trazido para os anos 90. Não perca o remix de Louie Louie.

MIKE 'HITMAN' WILSON ("Another Sleepless Night") – [illegible] Destaque para a cantora Shawn Christopher e a versão Jackswing.

Paulo Tavares

MAIS UMA FACE DO SOUL II SOUL

Soul II Soul: um genuíno fenômeno numa época em que fenômenos infelizmente estão faltando.

O que dizer sobre "A New Decade 1990"? Jazzie B e seu time se empenharam para tocar tudo de novo? A resposta é Sim. Além disso, o bando Soul II Soul amadureceu consideravelmente. O material de "A New Decade" parece mais suave. Na superfície, a música parece mais suave e serena, e o tempo todo o fundo ganha mais peso e potência.

Faixa por faixa, a inteligência de Club Classics (1º disco do grupo) está evidente de novo em A New Decade. Neste, os hits estão principalmente no segundo lado do álbum, apesar de que tudo desponta com a familiar "Get a Life". "Dreams a Dream" está no segundo segmento, mas a faixa que a precede é que dá o tom: "1990" é filha de "Happiness". Uma base envolvente, Jazz-Latin, sem versos, porém. O resultado hipnótico ressurgirá, sem dúvida, em remix desbundante e será um novo hit nas paradas. Em "Time", o bando começa com um instrumental de piano jazz completo, com cordas levadas. Maluco, sim, mas os clubheads sentirão o peso e os DJ's de rádio usarão muito a faixa.

Lamya brilha na escalação de habilidades de seu vocal em "In The Heat Of The Night". Aqui está a menina que obviamente adora cantar. Ela oscila, esforça e declama-se em cada frase com uma voz potente, colorida e clara. Se há algo para ser lamentado, é que se trata de uma música bem curta. Jazzie B contribui com mais um de seus raps profundos enquanto que, logo mais abaixo, aquele grove sopra num rock fixo à Rolls Royce.

Continua no próximo número.

DMC UK

UK: United Kingdom (Grã Bretanha) Traduzido por Rogério Finatelli

NA PONTA DA AGULHA

É as regravações continuam! Só que agora o DJ Vadão (Taco) tomou frente a um projeto e lançou uma versão sua para "Take My Breath Away", do grupo Berlin. No corpo da versão, ele misturou batidas do Soul II Soul e trechos da música "Think", de Lyn Collins, sob o vocal da gata do Berlin. É o primeiro trabalho do DJ Vadão em estúdio.

Volta ao mundo pelo DMC

Um Big Mac, uma Coca-Cola ou um disco do DMC. Símbolos universais, onde quer que você esteja.

Após 7 anos de trabalho duro, o Disco Mix Club cresceu e expandiu-se para 29 países, tendo atualmente 10.000 associados. Uma tarefa árdua, sem dúvida, que exigiu nosso profissionalismo. Estar no mundo da música em tantos lugares é uma responsabilidade que exige também nosso comprometimento com a qualidade e o respeito a cada sociedade. Hoje nossa felicidade é saber que esteja você num país como a Inglaterra, Estados Unidos, Canadá, Brasil, Japão, Austrália e tantos outros, você sempre vai estar recebendo uma pontinha da influência do DMC no mundo da música dançante. Modéstia à parte.

Nos clubs, as versões remix do DMC explodem em sucesso. Nossos eventos são acolhidos com afeto nos países onde estamos representados. E nosso impulso à Dance Music tem resultado na ampliação do espaço dos artistas que nela atuam. Sejam DJ's, produtores ou grupos. Todos.

Se você é uma dessas pessoas que adoram a Dance Music, então você é um de nossos artistas. Direta ou indiretamente ligados a nós, seremos sempre conscientes de que você faz parte de nossa vida.

Aliás, é muito divertido e interessante trabalhar pra você. Motiva muito a gente a continuar sendo um símbolo universal. Desses que você chega no lugar e lembra logo que ele existe.

Entre as surpresas que o DMC preparou exclusivamente para seus membros nos discos deste mês, estão:

- *"Love Mix" de Anitar Baker, feito por Brian Butler*
- *Um remix de Stevie Anderson para "Silent Voice", do Innocence*
- *Atualização do clássico da Gary's Gang, "Keep On Dancing", por Mike Gray*

E, ainda, as novas de Adamski, Culture Beat e Junior.

DJ SHOPPING

A LOJA DOS DISC JOCKEYS

Discos importados, acessórios e cursos para Disc Jockeys.
Há 3 anos atendendo DJs, casas noturnas e rádios de todo o Brasil.

Av. Paulista, 2001 SBL 28 Tel. 011-2513239
CEP 01311 - Remetemos para todo o Brasil

As previsões do nosso diretor bundão

Nosso diretor, superdotado de poderes paranormais, tirou o pirulito da boca e nos deu uma entrevista exclusiva com as previsões para o ano 2000.

1. Muro de Berlim vai cair – Nosso guru-diretor afirma que o muro de Berlim vai brincar de pega-pega, tropeçará e finalmente cairá, bem em cima dos rapazes do Milli Vanilli, que faziam xixi na parede naquela ocasião.
2. Unificação das duas Alemanhas – As duas Alemanhas vão participar de um sorteio de amigo secreto até o fim do ano. Uma vai tirar a outra, e acabarão ficando amigas. As duas vão ganhar um disco do Roberto Carlos e um CD do Grupo Polegar.
3. Homem vai conquistar a Lua – Um astronauta vai chegar até a Lua e será o primeiro homem a pisar em nosso satélite natural, infelizmente, o homem pisará justamente no cocozinho de um cachorro que foi pra Lua num vôo tripulado por animais.
4. Mandela será libertado – O líder sul-africano Nelson Mandela será finalmente libertado da prisão. Um famoso grupo fará uma música em homenagem a ele. Sua mulher chorará de emoção.
5. Será lançado o Compact Disc, uma revolução musical – Um pequeno disco com leitura a laser substituirá os LPs em vinil. Ele será chamado CD e antes do ano 2000 muitas rádios estarão usando esse sistema.

MR DJ

Perfil: Julinho Mazzei
Nome: Julinho Mazzei, aquele que não é gay
Apelido: Julia Costa, aquela que apanha e gosta
Profissão: Piloto do programa Rádio Flight na Pan e professor de corte e costura no trânsito de São Paulo
Hobby: apanhar da mulher todo dia, logo que chega em casa
Medo: perder a virgindade antes dos 45
Alegria: quando um cego reconhece sua voz na rua
Tristeza: o dia que perdeu o pé direito da sua Melissinha nova
Sonho: enfrentar a mulher de igual pra igual
Sua última palavra em casa: Sim, querida, você tá certa
A melhor hora pra ouvir rádio: enquanto lava a louça pra sua esposa

Teste

Este teste é pra saber se você é bom de rádio, bom de inglês, e bom de cabeça. Porque se você for realmente bom de cabeça, você não vai levar este teste a sério....

1. Qual a tradução certa da música "Come home with me baby?"
   a) Venha pra casa comigo, chuchu.
   b) Comeu o homem e vendeu o bebê.
   c) Comeu o homem e ficou grávida.
2. Quem gravou a música "Nau à Deriva?"
   a) Engenheiros do Havaí?
   b) Pedreiros do Piauí?
   c) Marceneiros do Juqueri?
3. Lisa Stansfield é uma...
   a) Cantora
   b) Marca de desodorante íntimo
   c) Múmia do antigo Egito
4. A música CINEMA, do Ice Mc, fala sobre astros e estrelas do...
   a) Cinema
   b) Planetário do Ibirapuera
   c) Desfile da Clóvis Bornay no último carnaval
5. A cantora irlandesa que ficou famosa ao raspar o cabelo é...
   a) Sinead O'Connor
   b) Grande Otelo
   c) Napoleão Bonaparte II

Confira suas respostas

PROMOÇÃO

Bole uma promoção pra Jovem Pan e ganhe uma moto.
Quem tiver cabeça boa pode ir preparando o capacete:
a Jovem Pan 2 vai dar uma Honda XL pra quem bolar a melhor promoção pra rádio. Você inventa uma promoção e manda a idéia pra gente. Pode ser.... pintar uma camiseta com o nome da Pan 2.... escrever uma faixa criativa e colocar na sua rua.... colar adesivo no cachorro, enfim, o que sua imaginação mandar. A melhor idéia leva a moto.
E ainda tem muitos videogames para as classificadas.

Esta publicação foi produzida eletronicamente pela Intek Editora Ltda., ficando a cargo da Jovem Pan II as responsabilidades editoriais. Diretor responsável: Marcio Thomas Jr.

COLABORARAM NESTE NÚMERO
ALEJANDRO ROSAS – Direção de Arte e Ilustrações
CLAUDIO ROSAS – Diagramação
MARCO RIBEIRO FRANCO – Produção Gráfica

INTEK

Escreva para o Dance Chart
Av. Paulista, 807, 14º andar CEP: 01311 - São Paulo

PARIS LA FORA

PARIS TOP 10 DANCE CUTS

1. "BO THE LAVABO" (LAGAF)
2. "JUST LET GO" (PETRA AND CO)
3. "ON SE CALME" (BASSLINE BOYS)
4. "VOGUE" (MADONNA)
5. "I CAN'T STAND IT" (TWENTY 4 SEVEN)
6. "INFINITY" (GURU JOSH)
7. "DIE WALKURE" (49 ERS)
8. "STEP BY STEP" (NEW KIDS ON THE BLOCK)
9. "KILLER" (ADAMSKI)
10. "LES TEMPS DE YES YES" (LES VAGABONDS)

DISCOS

1. DISCOPARNASSE (Tour *Montparnasse*) - A loja dos DJ's parisienses. As novidades importadas de toda a Europa e clássicos da Dance Music.
2. CHAMPS DISQUES (Bld des Champs Elisées) - Aberta todos os dias até meia-noite. Novidades dos EUA e o melhor da música francesa.
3. FNAC (Les Halles) - A maior cadeia de discos da França. Sempre os melhores preços. Destaque para as seções de Jazz e Trilhas Sonoras.
4. VIRGIN (Champs Elisées) - Todos os gêneros musicais no primeiro megastore de Paris. Vale pelos importados ingleses.

COMPRAS

Paris, é óbvio, lembra perfumes e cosméticos e aí a sugestão é dar uma passada na Galerie Lafayette e no Printemps.
Mas a grande sacada mesmo é visitar o Les Halles, um antigo mercado de frutas que foi transformado em shopping center.

CLUBS

A especialidade da cidade são os cabarés. Reserve pelo menos uma noite para jantar e assistir a um show ou, como preferem os nativos, um revue. Os melhores são Crazy Horse, Lido, Moulin Rouge e Folies Bergere.

1. The Place (1 Rue de Four) - Ponto de encontro dos fanáticos por *House Music*. Todas as 4 ªs, noite de *funk*.
2. The Memphis (3 impasse Bonne Nouvelle) - A mais bonita casa da cidade. Atenção ao show de iluminação.
3. Le Flashback (18 Rue des 4-Vents) - A primeira Videoteca da França. Mulheres não pagam durante a semana.

RÁDIO

1. Kiss (89 FM) - *Dance* e *Black Music*. Não perca os programas de mixagem, sábado e sexta à noite.
2. NRJ (100,3 FM) - O melhor da música pop mundial e os destaques da nova música francesa.
3. Skyrock (96 FM) - Transmite em cadeia nacional. *Pop*, *Rock* e *Dance*.

Paulo Tavares

Perto do 3º Campeonato de DJ's

A terceira edição do Campeonato de DJ's do DMC vem por aí. É o 3º DMC BRAZIL DJ MIXING CHAMPIONSHIP.

Em março deste ano, 12 dos melhores DJ's do País disputam a final brasileira no Olympia. Foi uma festa emocionante, bem-recebida pela platéia seleta que lotou completamente a casa numa terça-feira.

Para esse próximo edição, o DMC está dando um toque mágico na produção e promete shows de novas revelações nacionais e internacionais.

Lembramos a todos que o vencedor do 2º Campeonato foi o paulista DJ Cuca. Ele somou mais pontos nos quesitos de julgamento do regulamento mundial. O Campeonato do DMC é disputado em mais de 20 países. E cada país manda seu representante para a final mundial em Londres.

DJ's de todos os cantos do Brasil estão dizendo que neste ano ninguém os segura e o título está no papo.

Vai ser uma disputa dura! Alás, pra quem você vai torcer?

Cuca, campeão atual.
Quem será o próximo?

DMC Disco Mix Club

E o DMC também está no rol da alta tecnologia em equipamentos de som. O PMX II é um mixer hi-tec de fácil manuseio e de operação simples, ideal para DJ's que sabem das coisas.
Agora, também está disponível no DMC Brasil.

Marquinhos é um dos melhores DJ's no comando dos clubs paulistas. No Rose Bom Bom assegura a alucinação do esperado até o último minuto de som.

Ele registra aqui uma seqüência que escolheu especialmente para os DJ's e leitores de DANCE CHART. É pegar e mixar – de preferência com o PMX II do DMC.

1. Adamski, "Killer" (Original Mix)
2. Eurythmics, "Sweet Dreams" (Nightmare mix)
3. Blackbox, "Everybody Everybody"
4. Double Trouble, "Talk Back"
5. Rebel Mc, "Comin' Brand New"

Clubs	Estilo	Disc Jockey Técnica	Disc Jockey Repertório	Luz	Som	Serviços	Animação
Rhapsody Club	Hip House, New Beat, House	ótima	ótima	ótima	ótima	média	média
Emerald Hill	Pop, House, Hip House	média	ótima	fraca	média	fraca	média
Victoria Pub	Rock, Hip House, Industrial	média	ótima	fraca	fraca	ótima	ótima
Malícia Bar	Pop, House, Eletrônica	média	ótima	média	média	[illegible]	ótima
Sunshine House	House, Hip House, Tecno-Rock	ótima	ótima	ótima	média	média	ótima

guia dos DJ's

ótima · média · fraca · [illegible]

Rhapsody Club – DJ's [illegible] – Informações: 881-3779 – Sexta e Sábado: 22 às 4 h – Domingo: Matinê: 14 às 18 h, Noite: 19 às 23 h

Victoria Pub – DJ [illegible] – Informações: 881-3822 – Segunda a sábado: a partir das 21 h

Malícia Bar – DJ's [illegible] – Informações: [illegible] – Quarta a domingo: 23 h até o último cliente

Emerald Hill – DJ's [illegible] – Informações: [illegible] – Sexta e Sábado: 22 às 6 h – Domingo: Matinê: 15 às 18 h, Noite: 20 à 0 h

Sunshine – DJ's [illegible] – Informações: 715-2098 – Sábado: 23 às 4 h – Domingo: Matinê: 14 às 17:30, Noite: 19 às 23 h

Pesquisa realizada com os freqüentadores dos *clubs* pela Jovem Pan II/DMC Brazil

DANCE CHART

JOVEM PAN

número 4 – setembro de 1990

Jovem Pan 2 apresenta...

OS CÃO-DIDATOS

BETO REVIRA-LATA (ANTIGO BETO RIVERA)
Luta pela abolição dos sacos de lixo. Seu slogan é "Quem dá aos pobres acaba pegando uma doença".

EMILIO SURITA AKITA
É do tipo que late mas não morde. Se eleito, permitirá que todos os cães mordam o chinelo dos donos. Seu lema é "Mais vale um passarinho na mão do que sair com mulher pentelha".

LUIZ AUGUSTO TERRIER
Pretende dar ao povo o "osso nosso de cada dia". Defende a liberação do talco anti-pulga e tem como frase predileta...."os cães ladram e as barbatanas passam".

Setembro: o mês da Jovem Pan 2

Setembro tem duas datas super importantes: dia 21 é Dia do Radialista e dia 25 é Dia do Rádio.

E o rádio, você sabe, é aquele companheiro que dá bom dia logo cedo, traz as notícias mais quentes, enche os seus ouvidos de bom humor.
E, claro, música. O rádio está pra música como o pão está pra manteiga. Um não vive sem o outro. Nesse mês de reflexão, pense... pense e tente se lembrar... quantas vezes você não reviveu uma velha paixão ouvindo aquela música no seu radinho...
Quantas vezes você não deixou o corpo dançar, no embalo daquele beat...
O rádio é realmente um meio gostoso, rápido, ágil e muito quente. Tem gente que pode até não assistir à televisão, não ir ao cinema, não ler jornal, mas nunca se soube de ninguém que não gostasse de ouvir rádio...
Seja no carro, no tape-deck, no rádio da sala, no rádio de pilha da cozinha, no walkman, não importa.
Ligou, achou, gostou. Assim é o rádio, quando está ligado no 100,9 da Jovem Pan, bem entendido...
Por isso, neste mês de setembro, a gente convida você a ficar ligadésimo na Jovem Pan, 24 horas no ar pra você encontrar o que há de melhor.
Aliás, os cachorros que nos perdoem, mas o rádio é o melhor amigo do homem...

BARÃO VERMELHO

NA CALADA DA NOITE

wea

italia dance music
black box o mais importante grupo de dance music italiana
dreamland o seu mais recente lançamento
incluindo os sucessos
ride on time e
I don't know anybody else

BMG RCA

SETE SETE CINCO BRASIL

(011) 826.4288